



Universidade de Brasília – UnB

**Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da
Informação e Documentação – FACE**

Departamento de Ciência da Informação e Documentação – CID

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PPGCINF

Vanessa Coelho Gomes

**GESTÃO DA INFORMAÇÃO NA COMUNIDADE DE ITAPOÃ:
a transferência da informação na construção do capital social**

**Brasília
2007**

Vanessa Coelho Gomes

**GESTÃO DA INFORMAÇÃO NA COMUNIDADE DE ITAPOÃ:
a transferência da informação na construção do capital social**

Dissertação apresentada ao Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientador: Prof. Dr. Emir José Suaiden

Área de concentração: Transferência da Informação

Linha de pesquisa: Gestão da Informação e do Conhecimento

**Brasília
2007**

Gomes, Vanessa Coelho.

Gestão da informação na comunidade de Itapoã : a transferência da informação na construção do capital social / Vanessa Coelho Gomes. – Brasília, 2007.

178 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Departamento de Ciência da Informação e Documentação, 2007.

Orientação: Prof. Dr. Emir José Suaiden.

1. Gestão da informação. 2. Capital social. 3. Inclusão digital. I.
Título.

CDU 002

Vanessa Coelho Gomes

**GESTÃO DA INFORMAÇÃO NA COMUNIDADE DE ITAPOÁ: a transferência da
informação na construção do capital social.**

Dissertação apresentada ao
Departamento de Ciência da Informação e
Documentação da Universidade de
Brasília, como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Ciência
da Informação.

Orientador: Prof. Dr. Emir José Suaiden.
Área de concentração: Transferência da
Informação.
Linha de pesquisa: Gestão da Informação
e do Conhecimento.

Aprovada em: 03 de julho de 2007.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Emir José Suaiden
Presidente – Orientador (UnB/PPGCINF)

Prof. Dr. Antônio Lisboa Carvalho de Miranda
Membro (UnB/PPGCINF)

Dr^a. Cecília Oliveira Leite
Membro Externo (IBICT)

Prof^a. Dr^a. Elmira Luzia Melo Soares Simeão
Suplente (UnB/PPGCINF)

**Brasília
2007**

Dedico este trabalho aos laços fortes da minha rede pessoal.

À minha mãe, pelo amor incondicional e seu exemplo de força e perseverança que se tornaram modelo para esta caminhada.

Ao meu pai, que, mesmo não tendo oportunidades, acreditou no investimento feito na minha formação.

Ao meu amado, Júlio César, que, com sua compreensão e amor apoiou-me em todos os momentos. Sem esse apoio essa vitória não seria possível.

À Vitória, que, mesmo tão pequena, foi compreensiva com as constantes ausências durante os anos dedicados a este projeto. Agora, querida, vamos aproveitar cada momento!

Ao Lucas, que, mesmo estando a caminho deste mundo maravilhoso, já compartilhou de sentimentos tão intensos vividos nesta fase.

À Thaís, minha irmã, que me ajudou com a nossa querida Vitória nos momentos difíceis de minha ausência e no longo processo de entrevistas e tabulações.

Querida família, obrigada pela oportunidade de viver o maior e mais intenso sentimento desta vida, pois, sem este amor, esta luta não teria sentido. Espero que toda esta dedicação seja motivo de orgulho para vocês.

AGRADECIMENTOS

Para que este trabalho pudesse se concretizar, contei com uma rede social de valor inestimável. Sem esses laços, fortes e fracos, que representaram ao longo deste trajeto fontes de informações e amizade valiosas, esse momento não seria possível.

A Deus, por ter me mostrado durante os anos que me dediquei a este trabalho, que as adversidades são formas de crescimento e que com fé é possível superar todos os obstáculos.

Ao Professor Emir Suaiden, que desde o princípio me apoiou na transformação de idéias em trabalho.

À Cecília, que, com seu brilho e fé, ajudou-me a acreditar na possibilidade de concretizar este sonho.

Aos Professores do CID, por todo conhecimento transmitido, subsidiando esta pesquisa.

Às Secretárias do CID, Zilma, Juliana, Jucilene e Marta, por toda paciência e dedicação durante esses anos que passei no departamento.

Aos colegas do curso, que neste período mostraram-se solidários. Em especial, ao colega Paulo de Tarso, que, compartilhando do desafio da escolha deste tema, ajudou-me neste caminho.

Aos meus colegas de trabalho, pelo estímulo e ajuda fundamentais na transformação das idéias em pesquisa. Em especial, à Denise Mesquita, pela compreensão e carinho, e à Adriana Giuberti, por sua ajuda incomensurável no desafio percorrido pelos caminhos da sociologia.

Aos meus amigos e familiares, que, desde o princípio, orgulharam-se deste passo e me apoiaram durante todo tempo.

À Fundação Banco do Brasil, em especial ao Marcos Fadanelli e ao Ademir Vieira, pela imensa colaboração na construção deste trabalho.

A todos integrantes da Escola Bom Jesus, de Itapoã, por sua compreensão e ajuda no desenvolvimento deste trabalho. Aqui destaco o Bruno, que se mostrou aberto a ajudar-me desde o princípio.

À comunidade de Itapoã, que nesse período me ensinou que existem valores que precisam de cuidados. Essa convivência ajudou-me a rever meus conceitos e valores. Após esse trabalho, não posso me manter imune aos seus problemas. Contem comigo sempre.

E a você, que, ao ler este trabalho, consiga sensibilizar-se com os problemas sociais enfrentados por pessoas tão próximas de nós, mas que por algum motivo as colocamos tão distante. Espero que esta reflexão seja o primeiro passo para uma mudança de vida.

“Acredito, sim, [...] que observar, analisar e teorizar é um modo de ajudar a construir um mundo diferente e melhor. Não oferecendo as respostas – elas serão específicas de cada sociedade e descobertas pelos próprios agentes sociais – mas suscitando algumas perguntas pertinentes.”
(Castells, 2003)

RESUMO

A dissertação se propõe a estudar as formas de comunicação e transferência de informação a partir da análise da rede social de Itapoã, cidade satélite do Distrito Federal. A análise dos dados é baseada em um recorte feito no espaço e tempo sobre algumas relações existentes no projeto de Inclusão Digital, elaborado e financiado pela Estação Digital da Fundação Banco do Brasil. Para estudar os fluxos de informação e a estrutura de comunicação no grupo, procurou-se analisar como os elos interagem entre diferentes campos sociais e o papel desses elos na rede social. A idéia é perceber a estrutura social existente no universo empírico por meio das relações e não apenas dos atributos individuais. Foram aplicadas algumas medidas da metodologia de análise de redes sociais, combinadas com métodos de procedimentos qualitativos e de estudo de caso. Os resultados destacam a relevância da coesão na rede social para que a transferência de informação colabore na construção do capital social.

Palavras-chave: Capital social. Redes sociais. Inclusão digital. Informação. Comunicação.

ABSTRACT

The dissertation purpose to study the forms of communication and the transference of information from the analysis of the social network of Itapoã, satellite city of the Distrito Federal. The analysis of the data is based on a clipping made in the space and time on some existing relations in the project of Digital Inclusion, guided and financed by Digital Station of the Fundação do Banco do Brasil. To study the flux of information and the structure of communication in the group, it was analyzed how the links interact between different social fields and the importance of these links in the social network. The idea is not analyze the individual attributes inside the relations, but so, perceive the existing social structure in the empirical universe through the relations. Some measures of the methodology of analysis of social networks had been applied, combined with methods of qualitative proceeding and studying of case. The results show the relevance of the cohesion in the social network so that the information transference collaborates in the construction of the Social capital.

Keywords: Social capital. Social network. Digital inclusion. Information. Communication.

Lista de Figuras

Figura 1: Tríade de relacionamento	45
Figura 2: Pontes locais	46
Figura 3: Abordagens para análise de redes sociais.....	51
Figura 4: Obstáculos para penetração e uso da internet.....	68
Figura 5: Aspectos de capacitação tecnológica	68
Figura 6: Imagem de uma rua de Itapoã	100
Figura 7: Escola Bom Jesus.....	101
Figura 8: Sala da Estação Digital Itapoã	106
Figura 9: Crianças fazendo tarefas de casa na biblioteca	108
Figura 10: Comemoração do Dia das Mães.....	108
Figura 11: Sala de Cinema.....	109
Figura 12: Artesanatos feitos no projeto Casa Brasil	109
Figura 13: Aula de informática - sala Estação Digital	110
Figura 14: Aula de informática - sala Telecentro - Casa Brasil.....	110
Figura 15: Entrega de diploma ao final dos cursos de informática	111
Figura 16: Equipe do projeto Point - Casa Brasil.....	112
Figura 17: Recorte da rede social de Itapoã	127
Figura 18: Representação dos laços da rede social de Itapoã.....	129
Figura 19: Representação da distância dos elos – graus de afinidade	130

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Distribuição de renda per capita no mundo	57
Tabela 2 – Brecha digital multiforme	63
Tabela 3 – Uso de internet no Brasil	66
Tabela 4 – Variáveis e indicadores	84
Tabela 5 – Distribuição dos Domicílios segundo algumas características de serviços de infra-estrutura urbana	97

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Percentual da população por sexo	92
Gráfico 2: Percentual da população por faixa etária.....	92
Gráfico 3: Percentual da população urbana residente por grau de instrução.....	93
Gráfico 4: Percentual da naturalidade da população de Itapoã.....	93
Gráfico 5: Percentual da população por cor ou raça declarada	94
Gráfico 6: Tempo de Moradia no Distrito Federal.....	94
Gráfico 7: Percentual da população urbana residente, por empregabilidade	95
Gráfico 8: Percentual da população urbana residente, por atividade principal, segundo os setores	95
Gráfico 9: Percentual de distribuição dos domicílios por classe de renda.....	96
Gráfico 10: Percentual de domicílios urbanos, segundo o tipo de residência	96
Gráfico 11: Acesso à internet	113
Gráfico 12: Parceiros da estação digital.....	113
Gráfico 13: Serviços prestados à comunidade	114
Gráfico 14: Serviços de rede mais utilizados.....	115
Gráfico 15: Assuntos mais pesquisados	116
Gráfico 16: Utilização das informações pesquisadas	116
Gráfico 17: Sexo e idade dos usuários.....	117
Gráfico 18: Ocupação dos usuários	118
Gráfico 19: Grupos e entidades com maior participação na comunidade	118
Gráfico 20: Relacionamento desses grupos com a estação digital	119
Gráfico 21: Como esses grupos se relacionam com a estação digital	119
Gráfico 21: Como esses grupos se relacionam com a estação digital	120
Gráfico 22: A estação digital desenvolve projetos sociais?.....	121
Gráfico 23: Projetos desenvolvidos pela estação digital junto à comunidade	121
Gráfico 24: A estação digital se reúne com a comunidade para tratar de assuntos de interesse comuns?	122
Gráfico 25: Freqüência com que a estação digital se reúne com a comunidade	122
Gráfico 26: Necessidades que a comunidade possui.....	123
Gráfico 27: Como a Estação Digital atua na resolução dos problemas da comunidade	124
Gráfico 28: Participação do Governo Local na Estação Digital	125

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
1.1	Apresentação	15
1.2	Justificativa e colocação do problema	16
1.3	Objetivos.....	19
1.3.1	<i>Objetivo Geral</i>	19
1.3.2	<i>Objetivos Específicos.....</i>	19
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	21
2.1	A Ciência da Informação como Ciência Social	21
2.2	Sociedade da Informação.....	22
2.3	Dimensão humana da informação.....	31
2.4	Informação, conhecimento e cidadania	34
2.5	Capital Social	35
2.6	Redes Sociais.....	42
2.6.1	<i>Granovetter e os laços</i>	45
2.6.2	<i>Análise de Redes Sociais.....</i>	48
2.7	Inclusão x exclusão social	54
2.7.1	<i>Inclusão digital como ferramenta de inclusão social</i>	59
2.8	Responsabilidade Social.....	71
2.8.1	<i>Estação Digital</i>	73
2.8.1.1	<i>Apresentação.....</i>	73
2.8.1.2	<i>Objetivo.....</i>	74
2.8.1.3	<i>Público de Interesse</i>	75
2.8.1.4	<i>A Estação Digital e a comunidade</i>	75
2.9	Conclusões da Revisão de Literatura	76
3	METODOLOGIA.....	78
3.1	Metodologia de análise de redes sociais.....	78
3.2	Método de Abordagem	81
3.3	Métodos de Procedimentos	82
3.4	Pressupostos	83
3.5	Variáveis	84
3.6	Definições Operacionais	85

3.7	Universo da Pesquisa.....	86
3.8	Amostra da Pesquisa	86
3.9	Técnica de Coleta de Dados	87
3.10	Procedimentos para Análise dos Dados.....	89
4	ANÁLISE DOS DADOS.....	90
4.1	Pesquisa documental	90
4.1.1	<i>Aspectos socioeconômicos de Itapoã.....</i>	91
4.2	Percepção dos usuários e integrantes do projeto Bom Jesus sobre a Cidade de Itapoã.....	98
4.3	Percepção dos Integrantes dos projetos da Escola Bom Jesus	98
4.3.1	<i>Percepção dos usuários dos projetos da Escola Bom Jesus - Análise de registros.....</i>	99
4.3.2	<i>Questionário aplicado aos atores da rede social de Itapoã.....</i>	101
4.3.3	<i>Entrevista com personagens-chave da comunidade</i>	103
4.4	Projeto da Escola Bom Jesus	106
4.5	Questionário aplicado aos coordenadores das estações digitais	112
5	ANÁLISE DA REDE SOCIAL DE ITAPOÃ	126
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
	REFERÊNCIAS.....	138
	APÊNDICE A – Entrevista com o Diretor da Fundação Banco do Brasil.....	144
	APÊNDICE B – Questionário aplicado aos coordenadores estações digitais .	151
	APÊNDICE C – Questionário aplicado aos usuários da estação digital de Itapoã	154
	APÊNDICE D – Roteiro da Entrevista feita com pessoas-chave da comunidade	159
	APÊNDICE E – Lista dos atores da rede social de Itapoã.....	160
	APÊNDICE F – Betweenness Centrality	162
	APÊNDICE G – Closeness Centrality.....	164
	APÊNDICE H – Information Centrality	166
	ANEXO A – Reportagem do DFTV sobre Itapoã	169

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

A comunicação, a informação e o conhecimento são relevantes em todas as sociedades.

Atualmente, o que faz da informação o principal capital econômico é a capacidade da utilização de inovações tecnológicas na aquisição do conhecimento.

O fenômeno da globalização tornou-se a mola propulsora para a chamada sociedade do conhecimento. A necessidade de se criar um espaço unificado de bens materiais e culturais aumentou a expectativa sobre essa sociedade.

O diferencial humano para este modelo é a capacidade que o indivíduo tem de buscar e usufruir das informações disponíveis. Quem possui estas habilidades, hoje, exerce melhor sua cidadania e tem maiores possibilidades de competir no mercado.

Tornar estes bens públicos é o maior desafio da atualidade. Para que o acesso à informação seja universal, organizações públicas e privadas têm se empenhado no processo de difusão das tecnologias de informação e comunicação mediante projetos de inclusão digital. A inclusão digital é uma das diversas formas de inclusão social na chamada sociedade do conhecimento.

Existem hoje várias iniciativas que disseminam o acesso à tecnologia como forma de desenvolvimento do indivíduo e da comunidade em que está inserido. Sob a perspectiva do indivíduo, o acesso à informação nos pontos mais remotos do planeta permite que as pessoas se comuniquem, desenvolvam o senso crítico e utilizem os mais diversos serviços. Para a comunidade, quando o indivíduo se torna mais consciente dos seus direitos e deveres, é possível que ele busque soluções mais eficazes para os problemas comuns.

A provocação para este trabalho surgiu da necessidade de apurar como a transferência da informação ocorre dentro na comunidade de Itapoã. Como esse procedimento se dá por diversos meios, optou-se por identificar as fontes de

informações mais utilizadas pela comunidade e o papel da Estação Digital como fonte de informação.

As redes sociais são à base da constituição do capital social, por serem grupos sociais estruturados, compostos por sujeitos ligados por algum tipo de relação. Por meio desta estrutura é possível compartilhar informações e conhecimentos relevantes no processo de inclusão e desenvolvimento social.

Ao analisar a rede social de Itapoã, cidade satélite do Distrito Federal, buscou-se mensurar sua utilização na construção do capital social local, bem como identificar os processos relativos ao fluxo e transferência de informação naquela comunidade.

1.2 Justificativa e colocação do problema

Assim, como a sociedade da informação, os períodos históricos pré-existentes são organizados em processos estruturados por relações entre produção, experiência e poder. O que determina o grau de competitividade de cada sociedade, segundo Lévy (1999) são as relações das performances dos processos produtivos, de regiões delimitadas ou de grandes zonas geopolíticas.

O século XXI caracteriza-se pelo uso intensivo da tecnologia e da informação, época em que o conhecimento é o elemento central da estrutura econômica que está surgindo, e a inovação o principal veículo de transformação do conhecimento em valor. Castells (1999) refere-se a um processo de transformação estrutural das sociedades avançadas, vinculado à revolução tecnológica, à globalização econômica e cultural e à habilidade de gerar conhecimento e de processar informação. A idéia é que a produtividade e o crescimento econômico, assim como a geração de riquezas e de poder, estruturam-se socialmente sobre o controle do conhecimento e da informação. “O atual curso dos acontecimentos converge para a constituição de um novo meio de comunicação, de pensamento e de trabalho para as sociedades humanas”. (LÉVY, 2000)

Os modelos econômicos e sociais capitalistas, baseados na estratificação social e o acúmulo de riquezas, cada vez mais se dão em função da capacidade de acessar, processar e aplicar as informações. Na sociedade da informação as TICs –

Tecnologias de Informação e Comunicação – são os principais meios de desenvolver estas habilidades. O crescimento da rede mundial de computadores, a Internet, e sua abertura a acessos múltiplos trouxeram consigo novas tecnologias e formas de comunicação que, utilizadas por grupos sociais, modificaram seus valores sociais e culturais.

Na sociedade da informação, a relação do indivíduo com o meio é diferente dos demais modelos sociais. Para que o indivíduo possa se inserir nessa sociedade, é imprescindível manejar conhecimento com autonomia. Gerar dinâmicas próprias, desenvolver habilidades que lhe permitam agir frente às necessidades pessoais e da comunidade.

O acesso à informação é um elemento-chave para o desenvolvimento econômico e social de comunidades e grupos sociais. A capacidade de obter informações, além dos contornos restritos da própria comunidade, é parte do capital relacional dos indivíduos e grupos. (MARTELETO; SILVA, 2004, p. 1)

A presença de um comportamento proativo numa sociedade onde a informação é a base para a geração do conhecimento e ação social e sua aplicação tem relevância econômica e política nas soluções de problemas comuns pode suprir uma lacuna deixada pelo governo no que tange ao desenvolvimento social.

Na falta de um Estado forte, capaz de cumprir metas sociais, a atenção tende a se voltar para a sociedade civil. Esse processo levou à desconfiança perante as instituições governamentais, que se demonstram frágeis, inviabilizando não só a democracia, mas também o desenvolvimento econômico das comunidades. Segundo Fukuyama (apud ARAÚJO, 2003) quando há desconfiança, o sujeito tende a se proteger na família, dificultando os contatos e as relações horizontais.

As relações horizontais dentro dos grupos sociais levam ao maior compartilhamento de informações e à conseqüente busca por resoluções dos problemas coletivos. Serve, também, como base para o desenvolvimento social e econômico. Para que haja uma relação de reciprocidade dentro de grupos ou comunidades, é importante analisar a importância dos códigos não falados e não escritos para definição das normas sociais. Essas normas são fruto da tradição, da religião e da própria história da comunidade, visto que cada comunidade possui seus valores sociais e isso leva à confiança do indivíduo no grupo.

Segundo Araújo (2003) denomina-se capital social a capacidade de uma sociedade estabelecer laços de confiança interpessoal e redes de cooperação com

vistas à produção de bens coletivos. Essa coesão é fator indispensável para o desenvolvimento sustentado e para a prosperidade econômica.

Para Marteleto e Silva (2004) a utilização de redes nos estudos de problemas sociais permite avaliar as habilidades e conhecimentos dos indivíduos. Esses valores, junto com outras características pessoais, possibilitam a produção de bem-estar pessoal, social e econômico.

A análise de redes sociais é objeto de estudo de diversas áreas da ciência, dentre elas a Ciência da Informação que, por esta pesquisa, busca analisar o acesso à informação como base para a geração do conhecimento e ação social e sua relevância política, econômica e social para as comunidades que possuem Estações Digitais.

Outro fato relevante da pesquisa é que dentro do modelo social-democrático, ou de capitalismo responsável, tem-se visto com frequência o uso do termo “responsabilidade social”, cujo significado demonstra o empenho das empresas em auxiliar a sociedade na redução de suas diferenças sociais e de conservação do meio-ambiente. As organizações compreenderam que a degradação social e do meio-ambiente, com as conseqüências daí advindas, principalmente, no campo da violência e da criminalidade, impõe aos negócios um nível de risco elevado, com dimensões incontroláveis.

Outro fator ponderado pelas empresas ao investir em responsabilidade social é que, no modelo social vigente, os consumidores aderiram à idéia de cidadania e exigem posturas diferenciadas das empresas, propondo restrições àquelas que desrespeitam o meio ambiente, não respeitam as leis trabalhistas, sonogam impostos ou adotam outros comportamentos reprováveis aos olhos da cidadania.

Essa preocupação ficou evidente na entrevista realizada com o diretor da Fundação Banco do Brasil, Marcos Aurélio Fadanelli (Apêndice A). O Banco do Brasil, por se tratar de um banco público, cujo objetivo é atuar no mercado financeiro com políticas públicas na busca do desenvolvimento econômico, identificou a necessidade de criar instrumentos de atuação na área social em função de sua vocação de contribuir para o desenvolvimento. A Fundação Banco do Brasil – FBB – foi criada para ser um braço do Banco do Brasil e viabilizar ações sociais que pudessem ter sinergia com o desenvolvimento econômico proposto.

O projeto de Inclusão Digital da FBB busca contribuir na melhoria das condições econômicas, sociais, culturais e políticas das comunidades onde atua, por meio das Estações Digitais. Sua finalidade é levar o acesso à informação pela tecnologia de informação e comunicação, estimular o empreendedorismo e o trabalho social comunitário de forma a minimizar a exclusão social das comunidades locais e, conseqüentemente, da sociedade brasileira.

Desse modo, a Estação digital converge em um espaço flexível, aberto a novas fontes de conhecimento e à participação de muitos agentes. As Tecnologias de informação e comunicação utilizadas nas Estações Digitais são recursos que a comunidade dispõe para mobilizar esforços na busca de soluções das necessidades sociais.

A partir deste escopo, o problema de pesquisa pode ser representado pela seguinte pergunta:

Qual a contribuição efetiva do uso de tecnologias de informação e comunicação para a transferência da informação e o desenvolvimento do capital social nas comunidades beneficiadas pelas estações digitais?

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Identificar e analisar a transferência da informação das Estações Digitais da Fundação Banco do Brasil na construção do Capital Social da comunidade de Itapoã.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Identificar variáveis relevantes ao processo de inclusão social na comunidade de Itapoã;
- Identificar o processo de transferência de informação na comunidade de Itapoã, a partir da Estação Digital;
- Identificar os aspectos facilitadores e opositores do acesso à informação em Itapoã;
- Analisar a relação estação digital – comunidade para verificar sua viabilidade como fonte de informação social;
- Analisar a aplicabilidade das informações nos processos sociais da comunidade.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A Ciência da Informação como Ciência Social

Segundo Le Coadic (1996) informação é um conhecimento inscrito sob a forma escrita, oral ou audiovisual. A informação comporta um elemento. É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem. O objetivo da informação é a apreensão dos sentidos ou seres em sua significação, ou seja, o conhecimento.

Conhecimento e informação são elementos cruciais em todos os modos de desenvolvimento, visto que todo processo produtivo baseia-se em conhecimentos. A construção deste conhecimento no enfoque da Ciência da informação tem como base o ciclo de informação que, segundo Le Coadic (1996) é composto de três processos: construção, comunicação ou distribuição e uso que se sucedem e se alimentam reciprocamente. A proposta é que com um volume maior de informação, convenientemente organizadas, as pessoas possam encontrar soluções para os seus problemas.

A ciência da informação, com a preocupação de esclarecer um problema social concreto, o da informação, e voltada para o ser social que procura informação, coloca-se no campo das ciências sociais (das ciências do homem e da sociedade), que são o meio principal de acesso a uma compreensão do social e do cultural. (LE COADIC, 1996, p. 21)

Esse modelo permite o sujeito se libertar da relação bilateral (informador - informado) e possibilita melhor análise dos problemas culturais, políticos e econômicos relacionados à informatização que, segundo Miranda (2003) modificará as relações de poder dentro do estado moderno, alterando também o potencial de inclusão dos indivíduos nestes processos sociais.

“Informação é o termo que designa o conteúdo daquilo que permutamos com mundo exterior ao ajustar-nos a ele, e que faz com que nosso ajustamento seja nele percebido. Viver é de fato viver com informação”. (MCGARRY, 1999, p. 3)

A Ciência da informação, enquanto campo do saber humano, ocupa-se tanto do fluxo da comunicação como de seus atores e dos registros que transportam a informação e o conhecimento. [...] Procura compreender os componentes do vasto organismo sistêmico que garanta ao homem a satisfação de seu anseio e de sua necessidade de produzir, transportar,

utilizar, comunicar, transmitir, enfim perpetuar o conhecimento. (ODDONE, 1998, p. 83)

Os sistemas de construção dos conhecimentos se integraram ao desenvolvimento econômico e social a ponto de conferir às sociedades modernas suas características principais.

Como uma Ciência interdisciplinar que busca tratar a complexidade da informação na atualidade, a Ciência da Informação permite o estudo abrangente sobre a transferência da informação na construção do capital social, visto sua capacidade multifacetada de lidar com as diversas formas de conhecimento acumulado.

Tarapanoff (2006) afirma que a Ciência da Informação “identifica-se com o estudo da comunicação da informação na sociedade, facilitando o processo de transferência da informação e, desta forma, efetivamente contribuindo para a construção da cidadania.”

Por ser uma área interdisciplinar, a Ciência da Informação traz influência de vários campos do conhecimento tais como Sociologia, Administração, Ciência da Computação e Comunicação.

2.2 Sociedade da Informação

As nomenclaturas para este momento social são diversas. As mais usuais são Sociedade da Informação e Sociedade do Conhecimento. As diversas literaturas utilizadas neste estudo abordam a questão de forma semelhante. Não há, portanto, consenso entre os autores quanto ao momento de transição entre elas.

Segundo Massuda (1982) a sociedade da informação tem seu foco na produtividade informacional na qual a tecnologia permite executar trabalhos que o homem não se dedicava a fazer anteriormente. A automação permitiu a ampliação do trabalho mental realizado pelo homem. O autor acreditou que a sociedade da informação seria um modelo de bem-estar social e compartilhamento de informação, porém a inserção do indivíduo neste processo é muito mais complexa.

Drucker (1997) afirma que o recurso econômico básico dessa sociedade pós-industrial será o conhecimento. Alerta também que o conhecimento, moeda

desta nova era, não é impessoal como o dinheiro. Nesse modelo, os indivíduos são fundamentais, portanto, o desafio social será o de oferecer capacitação aos trabalhadores, para atuar neste novo modelo social. Para ele, a sociedade do conhecimento coloca a pessoa no centro, e isso levanta desafios e questões a respeito de como preparar a pessoa para atuar neste novo contexto.

Segundo Castells (1999) as sociedades são organizadas em processos estruturados por relações historicamente determinadas de produção, experiência e poder.

No modo agrário de desenvolvimento, a fonte do incremento excedente resulta dos aumentos quantitativos da mão-de-obra e dos recursos naturais (em particular a terra) no processo produtivo, bem como da dotação natural desses recursos. No modo de desenvolvimento industrial, a principal fonte de produtividade reside na introdução de novas fontes de energia e na capacidade de descentralização do uso de energia ao longo dos processos produtivos e de circulação. No novo modo informacional de desenvolvimento, a fonte de produtividade acha-se na tecnologia de geração de conhecimentos, de processamento da informação e de comunicação de símbolos. (CASTELLS, 1999, p.53)

Kuhn (1995) afirma que há revolução quando houver a mudança para um novo paradigma. Então, por que denominar o modelo social do século XX como sociedade do conhecimento, se todos os modelos sociais estão envoltos no conhecimento?

Na verdade, conhecimento e informação são elementos cruciais em todos os modelos de desenvolvimento social da história, visto que os processos produtivos em todos eles baseiam-se em algum grau de conhecimento e no processamento de informação. A sociedade que consegue por meio de processos contínuos de geração e uso do conhecimento, organizados de tal forma que tornem o conhecimento como principal fonte de produtividade, são chamadas de sociedade do conhecimento.

Segundo a UNESCO (2005) a sociedade da informação se difere das demais por seu caráter integrador e participativo. A importância das novas sociedades, considerando que cada grupo social possui características ímpares, está na liberdade de opinião e expressão; no direito à educação e suas conseqüências; no direito à participação da vida comunitária, bem como de sua cultura, arte, progresso científico e dos benefícios que delas resultem.

Oliveira (2003, p. 55) cita:

Tecnologia e interatividade, globalização e virtualidade, organização e automação, criatividade e inteligência são algumas das múltiplas facetas da

sociedade da informação. É difícil defini-la, dada a diversidade de fatores que a constituem, e é mais difícil ainda prever o futuro delas, pelas constantes transformações no seu desenvolvimento.

Castells (1999) diz que a revolução tecnológica atual se originou e se difundiu num período histórico de reestruturação global do capitalismo, no final do século XX. Essa nova estrutura está associada ao surgimento de um novo modelo de desenvolvimento, o informacionalismo. Portanto, o novo modelo social é capitalista e informacional.

Para o autor anteriormente citado, a revolução tecnológica faz referência a um processo de transformação estrutural das sociedades avançadas, vinculado à revolução tecnológica, à globalização econômica e cultural e à habilidade de gerar conhecimento e de processar informação. A idéia é que a produtividade e o crescimento econômico, assim como a geração de riquezas e de poder, estruturam-se socialmente sobre o controle do conhecimento e da informação.

Ainda segundo autor, embora não determine a tecnologia, a sociedade pode sufocar seu desenvolvimento, principalmente por intermédio do Estado. Esse processo dar-se-á pelo temor dos governantes quanto ao impacto potencialmente destrutivo das transformações tecnológicas sobre a estabilidade social. Ou ao contrário, pela intervenção estatal, a sociedade pode entrar num processo acelerado de modernização tecnológica capaz de mudar o destino das economias, do poder militar e do bem-estar social em poucos anos.

As políticas públicas adequadas permitirão aproximar as relações entre locais de inovação, produção e utilização das tecnologias, o que levará a uma transformação mais rápida da sociedade e maior retorno positivo das condições sociais. As forças culturais aliadas a investimentos privados tornam o ambiente privilegiado à revolução tecnológica e ao desenvolvimento socioeconômico. Portanto, é o Estado quem inicia o processo de revolução tecnológica.

Amadeu (2003) afirma que, com o advento da tecnologia de informação e comunicação, as redes de comunicação informacionais recobrem todo o globo como uma camada invisível, fazendo com que o capital financeiro assuma o formato de capital informacional. Esse novo modelo financeiro fez com que o setor investisse maciçamente em telecomunicações e informática para administrar melhor seu fluxo de capital.

O Livro Verde lançado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia contém metas de implementação do Programa Sociedade da Informação e constitui

uma súmula consolidada de possíveis aplicações de Tecnologias da Informação. (TAKAHASHI, 2000)

No Livro Verde (TAKAHASHI, 2000) a sociedade da informação é tratada como mudança na forma de organização socioeconômica das estruturas existentes. É um fenômeno global, com elevado potencial transformador dessas estruturas. Sua dimensão político-econômica decorre da contribuição da infra-estrutura de informações para as mais diversas regiões, de modo a explorar seus potenciais econômicos.

Novo padrão de competição globalizado, em que a capacidade de gerar inovações em intervalos de tempo cada vez mais reduzidos é de vital importância para empresas e países. A utilização intensiva dessas tecnologias introduz maior racionalidade e flexibilidade nos processos produtivos, tornando-os mais eficientes quanto ao uso de capital, trabalho e recursos naturais. Propiciam, ao mesmo tempo, o surgimento de meios e de ferramentas para a produção e comercialização de produtos e serviços inovadores, bem como novas oportunidades de investimento. (TAKAHASHI, 2000, p. 17)

O que caracteriza essa revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessas informações para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento / comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e o uso. (CASTELLS, 1999, p. 69)

Castells (1999) afirma ainda que a informação é um instrumento do conhecimento e não o conhecimento em si. A informação nasce do desejo de troca de conhecimento e torna mais eficaz sua transmissão, porém depende de tempo e de seus usuários. A informação representa um bem potencial na economia do conhecimento. Seu valor é mensurado por sua exclusividade e aplicabilidade. Assim o autor destaca os aspectos centrais do paradigma da tecnologia da informação. No conjunto, esses aspectos representam a base material da sociedade da informação.

Estudos da UNESCO (2005) mostram que a terminologia conhecimento pode ser aplicada em dois contextos: como modelo técnico e científico e como conhecimento legítimo e produtivo. Nos dias atuais, o conhecimento deve ser convertido em objeto de desafios econômicos, políticos e culturais, de tal modo que se torne a estrutura da sociedade do conhecimento. Por outro lado, esse novo modelo trouxe consigo o desafio de quebrar os obstáculos que se opõem ao acesso, bem como solucionar os desequilíbrios existentes nesse processo em nível local e mundial.

Miranda (2003) afirma que um dos principais indicadores de desenvolvimento da Sociedade da Informação é a penetrabilidade das tecnologias

da informação na vida das pessoas e, para complementar este indicador, deve ser considerado também o nível de operação de recursos de informação na Internet por parte dos usuários, representando inovações no funcionamento da sociedade atual.

Davenport (1998) ressalta uma visão distorcida que a sociedade pode ter do desenvolvimento da tecnologia.

O fascínio pela tecnologia nos fez esquecer o objetivo principal da informação: informar. Todos os computadores do mundo de nada servirão se seus usuários não estiverem interessados na informação que esses computadores podem gerar. [...] Informação e conhecimento são essencialmente, criações humanas, e nunca seremos capazes de administrá-los, se não levarmos em consideração que as pessoas desempenham, nesse cenário, um papel fundamental. (DAVENPORT, 1998, p. 11)

Oliveira (2003) afirma que o conceito e o status central da informação na sociedade contemporânea têm seguido uma trajetória que vai da informação com significado simples, objetivo e direto, até a concepção dela como algo de significado complexo, em razão do tratamento científico, teórico, tecnológico e mercadológico dado a ela.

O que diferencia a sociedade da informação das demais é a posição estratégica que a informação passou a ocupar, bem como a intensidade do conhecimento. Nesta fase, percebe-se a ação do conhecimento sobre o próprio conhecimento como principal fonte de produtividade. São sociedades capazes de gerar conhecimento sobre sua realidade e utilizá-los no processo de construção de seu futuro.

“Não é como nas fases anteriores, onde sempre aconteceu o uso de ciência e tecnologia como recurso extensivo. Agora se tornou intensivo, invadindo todas as instâncias sociais, inclusive em seu formato cultural”. (DEMO, 2000).

Amadeu (2003) afirma que as alterações econômicas, sociais e culturais em curso desde o início da revolução das tecnologias da informação são profundas. A apropriação e o uso dessas tecnologias, bem como o controle dos fluxos de informação são novas questões políticas e sociais. A proficiência em massa das pessoas para uso da tecnologia da informação pode gerar a sinergia essencial para o desenvolvimento sustentado do país.

Embora a idéia de considerar a informação um bem comercial que não tenha surgido na sociedade da informação, são as Tecnologias de Informação e

Comunicação – TICs, que vêm revolucionar a noção de valor agregado da informação.

A noção de sociedade do conhecimento torna-se mais promissora quando considerados os conceitos de tecnologia e capacidade de conexão. Esses conceitos centrais são bases da infra-estrutura necessária à administração da rede mundial de computadores.

Para Amadeu (2003), a sociedade da informação se alastrou a partir dos anos 70 e 80, ganhando intensidade nos anos 90 com a propagação da internet, ou seja, da comunicação mediada por computador.

A Internet comercial tem 10 anos no Brasil, mas já existe há mais de 20. A rede mundial foi criada a partir de um projeto militar norte-americano. Em 1957, o governo Americano criou a Advanced Research Projects Agency (ARPA) com intuito de pesquisar e desenvolver projetos militares que recuperassem a vanguarda tecnológica norte-americana, conforme afirma Silveira (2000).

Nos anos 60, no auge da Guerra Fria, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos decidiu desenvolver uma rede de computadores que não pudesse ser destruída por bombardeios e que conseguisse ligar pontos considerados estratégicos para o país, como bases militares e centros de pesquisa e tecnologia.

A idéia era montar uma rede sem um comando central, ou seja, um sistema no qual todos os pontos (os nós da rede) tivessem a mesma importância e por onde os dados fossem transmitidos em qualquer sentido (sem uma ordem definida). Estava delineada a ARPAnet, acrônimo de ARPA network. Estava surgindo a internet, a partir de um projeto do departamento de Estado Norte-americano.

Segundo Gandelman (1997) o nome Internet começou a ser usado apenas em 1982. Em 1983, foi estabelecido o TCP/IP (Transmission Control Protocol/Internet Protocol), a linguagem comum usada por todos os computadores conectados à rede até hoje. No entanto, a Internet ainda não funcionava como atualmente. Foi só em 1991 que foi criado o sistema de hipertexto World Wide Web (www), o que facilitou a navegação pela rede. Hoje seria impensável navegar sem o sistema www. Em 1984, menos de dez países estavam conectados a ela.

A internet pode ser utilizada para diversas finalidades, sendo assim há uma série de protocolos rodando acima ou sendo traduzidos para o referido TCP/IP. Alguns destes serviços são bastante populares, outros requerem conhecimentos

mais especializados, utilizados por profissionais de computação e pesquisadores de universidades. Os serviços mais comuns são:

- World Wide Web (WWW) – é o serviço que disseminou a Internet pelo mundo. Composta de uma grande teia mundial, onde é possível acessar hipertextos (documentos que podem ter textos, imagens, sons e vídeos) e, por meio de seus *links* (ligações) pode-se, acessar outras páginas.
- Correio eletrônico (E-mail) – é um serviço que tem a função de controlar o envio e o recebimento de mensagens entre usuários. Também possui recursos para enviar arquivos anexados à própria mensagem.
- Mensagem instantânea (msn, blogs) – Oferece recursos para que duas ou mais pessoas possam conversar *on-line* por meio de canais de Chat ou em PVT (private- particular).
- Newsgroup (grupos de discussão) – este serviço é uma variação do E-Mail, mas lhe adiciona um recurso: a coordenação de grupos de discussão, com divulgação de boletins de assuntos específicos. O usuário deve se associar a um grupo de discussão de determinado assunto para que possa enviar/receber mensagens deste grupo.
- Ferramenta de busca – ferramentas para pesquisa de páginas da internet. Existem hoje centenas destes instrumentos que fornecem meios para localizar o que se busca em cerca de um bilhão de páginas HTML. Existem dois tipos básicos de ferramentas de busca na *Web*: os motores de busca e os diretórios.
- FTP (File Transfer Protocol) – um protocolo utilizado para transferir arquivos entre dois computadores.
- Telnet – uma das aplicações da Internet, que permite o login remoto, tornando possível a um microcomputador atuar como terminal de computadores de qualquer parte do mundo. O Telnet atua no modo texto e permite usar um computador, que está longe, como se fosse o seu próprio micro.

No Livro Verde (TAKAHASHI, 2000) o crescimento da internet é destacado como o fenômeno que propiciou a sociedade da informação. Segundo o livro, em quatro anos, 50 milhões de pessoas usavam a internet, enquanto que para atingir esse número a televisão levou 13 anos, o computador pessoal, 16, e o rádio, 38.

Ainda segundo o Livro Verde (TAKAHASHI, 2000) ao longo da década de 90, a internet teve grande impulso na comunidade científica e logo após como plataforma de expansão para o setor privado. Nas telecomunicações houve privatização de todos os serviços, a criação da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), fatores que propiciam o maior acesso aos meios de comunicação.

A importância que a Internet assume como alternativa na prestação de serviços públicos eletrônicos e os fatores mais significativos que impactam na sua operação são considerados pelos Governos e suas instituições, que estão tratando do assunto e dos projetos que resultaram numa melhoria dos serviços ao cidadão. Deve-se considerar também a necessidade dos Governos desenvolverem políticas que minimizem as discrepâncias entre aqueles que possuem o acesso e os excluídos da sociedade da informação

Buscando minimizar os impactos negativos dos avanços tecnológicos, a partir de 2000, o governo investiu maciçamente no desenvolvimento da TICs de modo a melhorar a eficiência interna de funcionamento e a prestação de serviços ao cidadão.

Acompanhando a explosão do número de usuários, surgem vários tipos de negócios que exploram o potencial da internet como mercado de consumo. Com a explosão da rede global – WWW – em meados da década de 90, as empresas passaram a contar com um novo canal de acesso aos consumidores considerado um processo inovador de operações comerciais. É o comércio eletrônico que se torna o grande foco no mundo dos negócios.

“O comércio eletrônico (*e-commerce*) é fundamental para a modernização do setor produtivo, pois permite ampliar e diversificar mercados e aperfeiçoar as atividades de negócios.” (TAKAHASHI, 2000, p. 6)

O comércio eletrônico apresenta taxas de crescimento sem paralelo. Segundo o *Web Shoppers*, publicação anual da empresa eBit, o Brasil apresentou o desempenho do comércio eletrônico para bens de consumo em 2006 e, mais uma

vez, o resultado foi excepcional. Abaixo, uma síntese dos principais números, com a respectiva evolução em relação ao ano anterior: faturamento: R\$ 4,4 bilhões, crescimento de 76%; pedidos realizados: 14,8 milhões, acréscimo de 6 milhões de pedidos; número de e-consumidores: 7 milhões, 2,2 milhões de novos compradores¹.

Durante o seminário “As Oportunidades do e-commerce no Brasil e na América Latina”, realizado em parceria com a América Economia Intelligence, foi apresentado um estudo sobre a situação e as tendências do comércio eletrônico na região. O material revela que, em 2005, as vendas on-line superaram os US\$ 4,3 bilhões na América Latina, além de destacar o crescimento no Brasil (50%); México (104%); Chile (100%) e Venezuela (185%). As estimativas para os próximos anos apontam que esse crescimento continuará Constant. Números demonstram que o comércio eletrônico crescerá regionalmente a índices anuais superiores a 40% entre 2006 e 2010².

No Livro Verde (TAKAHASHI, 2000) está descrito que, para este comércio crescer, é necessário que tanto os produtores de bens e serviços quanto os consumidores tenham acesso às TICs. No entanto, o governo precisaria criar políticas para ampliar, facilitar e baratear o acesso às redes de comunicação e proporcionar as informações e meios necessários para que os envolvidos sejam capazes de operar as novas modalidades de negócios e comércio.

“As novas tecnologias de informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. A comunicação mediada por computadores gera uma gama de comunidades virtuais” (CASTELLS, 1999)

Sendo o conhecimento coletivo, cumulativo e contextual e valendo-se da teoria de rede neural artificial, é possível analisar as conseqüências sociais dos métodos de compartilhamento de informações nas redes de comunicação mediada por computadores, porque elas possuem propriedades de interatividade e individualização tecnológica culturalmente embutida. Castells (1999) cita o conceito de comunidades virtuais de Rheingold “[...] uma rede eletrônica auto-definida de comunicações interativas e organizada ao redor de interesses ou fins comuns”.

¹ Disponível em: <http://www.e-commerce.org.br/Artigos/Comercio_eletronico_2006.htm>. Acesso em: 20 fev. 2007.

² Disponível em: <<http://www.visa.com.br>>. Acesso em: 18 mar. 2007.

Em um estudo sobre *The Well*, as comunidades virtuais têm sido definidas como “um conjunto de relações sociais unidas por interesses comuns ou circunstâncias compartilhadas”.

Entende-se que a comunidade eletrônica ajuda as pessoas a criarem várias classes de produtos e bens coletivos: capitais sociais, capitais de conhecimento e comunicação na rede (MICHALSKI, 1995, p. 44). Para Oliveira (2003) entende-se capital social como a rede de contato dos participantes. O capital do conhecimento reflete a forma como os sistemas *on line* difundem e incrementam informações e opiniões. Nesse contexto, usuários e criadores tornam-se a mesma coisa.

Contudo, o excesso de informação não garante maior conhecimento. São necessários instrumentos que possibilitem tratar as informações de forma eficaz, bem como desenvolver o senso crítico e capacidade cognitiva suficiente para saber discernir que informação é importante naquele momento.

2.3 Dimensão humana da informação

É indiscutível a necessidade humana de se comunicar. Fazer-se presente nos momentos importantes de sua existência pela da transmissão de seus pensamentos, seus ideais, suas opiniões a pessoas em qualquer lugar do mundo sempre foi desejo do homem. Em cada fase na evolução da sociedade, as pessoas se utilizaram de meios para satisfazer suas necessidades de informação.

Negroponete (1995) afirma que a mobilidade, o acesso à informação e a possibilidade de realizar mudanças é que fará o futuro tão diferente do presente. Atualmente, vivemos num mundo interconectado. A civilização contemporânea dispõe de um aparato jamais visto para o processo de comunicação globalizada, que originou a chamada era da informação e comunicação. Para o autor, a informação não é só a chave para a democracia, mas, sobretudo, uma das riquezas vitais de uma nação.

Na forma de organização social atual, a informação e o conhecimento têm dimensão própria e desempenham papel maior do que historicamente têm cumprido.

Os avanços tecnológicos estão num processo de convergência e de sinergia com impactos imprevisíveis. O avanço tecnológico não só mudou o como fazer as coisas, mas as coisas que devem ser feitas.

Suaiden e Leite (2006a, p. 103) definem a mediação da informação como:

[...] um processo de interface de tecnologia, conteúdos e sujeitos sociais (usuários) na identificação da sua necessidade, das fontes, de seleção e de busca da informação, do uso das novas tecnologias e da construção de conhecimento em um contexto socioeconômico e cultural adequado à realidade de determinado cidadão, de determinada comunidade, a partir de experiências e do momento histórico, capazes de satisfazer necessidades informacionais e de gerar patamares de conhecimento.

Oliveira (2003, p. 11) mostra o marco do processo de reflexão sobre a inclusão do indivíduo na sociedade da informação.

Com o advento da revolução tecnológica, o acesso e a disponibilização das coleções se tornaram mais democráticos, no entanto passaram a exigir, da comunidade, um comportamento e infra-estrutura adequados para a utilização racional dos equipamentos que as novas tecnologias exigiam. Neste momento começou a ser posta em debate a questão da inclusão na sociedade da informação.

As tecnologias de informação exigem maior liberdade para pessoas mais esclarecidas, de modo que elas possam atingir pleno potencial como cidadão, levando-nos a aprofundar estudos referentes à relação entre trabalho, cidadania e educação.

Castells (1999) afirma que “[...] quanto mais ampla e profunda a difusão da tecnologia da informação em fábricas e escritórios, maior a necessidade de um trabalhador instruído e autônomo, capaz e disposto a programar e decidir seqüência de trabalho”.

Em sua proposta de ecologia da informação, Davenport (1998) mostra que as organizações, ao invés de se concentrarem na tecnologia, devem priorizar seus esforços na maneira como as pessoas criam, distribuem, compreendem e usam a informação. Muitas dessas organizações tendem a enfatizar seus esforços no uso de informação, nos atributos racionais, seqüenciais e analíticos da informação, não considerando os aspectos intuitivos e não lineares igualmente importantes. Assim o trabalho de uma organização moderna dependerá, primordialmente, do fluxo de informações entre pessoas, lugares e tarefas.

Segundo o modelo de Wilson (apud COSTA, 2001) a busca da informação ocorre a partir da percepção de necessidade de informação. A maneira como o indivíduo age durante o processo de busca da informação define seu

comportamento informacional com vistas a criar e aplicar os conhecimentos necessários ao desenvolvimento humano.

Enquanto comportamento envolve atos individuais, a noção de cultura abrange grupos ou organizações. Davenport (1998) afirma que, por cultura em relação à informação, entende-se o padrão de comportamentos e atitudes que expressam a orientação informacional de um grupo. Para tanto, um comportamento a ser estimulado é compartilhamento de informações entre membros de um mesmo grupo e entre grupos distintos.

Lévy (2000), em sua obra *A árvore do conhecimento*, afirma que ninguém possui a mesma história, ninguém sabe as mesmas coisas. Haveria uma singularidade, uma identidade específica dos indivíduos que se definiria pelo que eles sabem, como uma impressão digital, um rosto trabalhando pela existência, o timbre de uma voz, um nome, uma assinatura. Assim, quando comparamos os conhecimentos desse ou daquele, percebe-se que todos são válidos conforme sua realidade.

As árvores de conhecimento dão informações relevantes sobre a estrutura e a distribuição dos conhecimentos de grupos sociais, mas elas não registram os saberes propriamente ditos, dos quais os indivíduos continuam sempre proprietários.

Não existe conhecimento mais importante que outro. O saber é intotalizável, incontável, infinitamente diverso; ele se organiza e se diferencia em mundos, nichos, subgrupos, muda de lugar, levanta, ondula e reconecta-se em si mesmo de um horizonte do saber ao outro, conforme os movimentos imprevisíveis da vida. (LÉVY, 2000)

Davenport (1998) mostra que este processo não é tão simples, pois, mesmo sendo um ato voluntário, as pessoas podem ter muitos motivos válidos para não querer efetuar a troca de conhecimentos, tais como: a informação pode ser de valor essencial para sua carreira ou posição social; ela pode ter impacto negativo dentro do seu grupo. Com isso as pessoas tendem a ter receio de como a informação poderá ser usada.

Além disso, a soma dos indivíduos não basta para sustentar o conhecimento, pois as línguas, os relatos, os discursos, os livros, os instrumentos, as máquinas, as formas sociais e tudo o que os homens constroem continuamente acompanham por sua vez o saber. (LÉVY, 2000)

A evolução da tecnologia da informação vem trazendo efetivas mudanças nos mais variados segmentos da vida humana, dentre estes se destacam as relações sociais e sua essência de ordem técnica e social. Viver na intensidade de

conexões da sociedade em rede significa estar constantemente questionando os paradigmas e, por conta disso, alterando e substituindo por outros.

É necessário considerar que o contato entre civilizações de níveis tecnológicos diferenciados pode trazer prejuízo e representar fonte crucial de desigualdade social, pois as áreas conectadas possuem características sociais distintas.

2.4 Informação, conhecimento e cidadania

A construção da cidadania perpassa pela aquisição e aplicação da informação social.

Segundo Takase (2007) cidadão é aquele que conhece e utiliza as informações sobre seus direitos e seus deveres e exerce sua cidadania de forma plena, questionando, cobrando e exigindo das entidades pertinentes. É aquele capaz de participar plenamente da sociedade e fazer seu próprio destino, gerenciando seus recursos econômicos, sua saúde, sua educação, seu lazer e exercendo seus direitos políticos com isenção e autonomia.

O direito à informação é contemplado na pesquisa de Oliveira (2003), no informe da UNESCO (2005) e em outros ao longo dos tempos. A Declaração Universal dos Direitos do Homem, no artigo 19, cita:

Todo indivíduo tem direito à liberdade de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e idéias por qualquer meio de expressão.

De fato, a liberdade de expressão é condição *sine qua non* à autonomia. Na sociedade da informação é necessário, portanto, que em seus princípios constitutivos figurem, num primeiro momento, os direitos resguardados pelos instrumentos internacionais universais dos direitos humanos.

La Serna (apud OLIVEIRA, 2003, p. 21), afirma:

O direito à informação é um direito social indispensável para que o cidadão possa participar ativamente da vida pública e política, da sociedade que pertence, porque informação significa participação e decisão, é parte constitutiva da condição de participar.

É o direito de informação que permite ao sujeito o ato de informar e ser informado. A liberdade é a possibilidade de exercer, livremente, o acesso à informação e na difusão por qualquer meio sem limitação. Contudo, esse direito esbarra em entraves econômicos e sociais que se traduzem como recursos financeiros, recursos tecnológicos e as condições intelectuais (comportamento informacional) que materializam o abismo entre o direito e o acesso a informação.

Para Mota (1986) “[...] a questão da construção da cidadania passa necessariamente pela questão da informação e dos meios de comunicação de um país [...] para um indivíduo se transformar num cidadão ativo tem que estar informado”.

O estudo realizado pela UNESCO em 2005 mostra que, para construir a autêntica sociedade do conhecimento, não basta promover a livre circulação da informação. Deve ser objetivo do intercâmbio o confronto, a crítica, a evolução e reflexão. Com o aporte das pesquisas científicas e filosóficas, espera-se que todos tenham condições de produzir novos conhecimentos a partir dos fluxos de informações.

A sociedade do conhecimento valoriza o capital humano e leva-nos a pensar sobre os modelos de desenvolvimento tradicionais, baseados na idéia de que eram necessários grandes sacrifícios para alcançar o desenvolvimento, à custa de consideráveis desigualdades sociais, dentro de modelos autoritários. A este respeito cabe questionar se a valorização do conhecimento não conduz a um novo modelo de desenvolvimento cooperativo, baseado na garantia de bens públicos pelos poderes públicos.

2.5 Capital Social

Segundo Marteleto e Silva (2004) capital social é definido como as normas, valores, instituições e relacionamentos compartilhados que permitem a cooperação dentro ou entre diferentes grupos sociais.

De uma forma simplista, o capital social é uma forma de auxiliar comunidade e governo a resolverem problemas socialmente relevantes, valorizando as relações entre as várias instituições e exaltando as relações de poder horizontais.

Putnam (1993) afirma que: “Capital Social é constituído pelos elementos das organizações sociais, como as redes, as normas e a confiança, que facilitam a ação e a cooperação para benefício mútuo.”

Para Putnam (2000) capital social está relacionado às redes de compromisso cívico, normas e confiança que incitam à prática de reciprocidade e confiança mútua. O capital humano será mais produtivo à medida que ele se engaje a uma rede social. O contato social melhora a produtividade individual e coletiva. O capital social está muito próximo das normas de confiança e reciprocidade. A diferença é que as normas são mais fortes quando estão infiltradas em uma densa rede social. Uma sociedade com muitas virtudes, mas com indivíduos isolados, não necessariamente será rica em capital social.

O capital social traz simultaneamente, o bem privado e público. Putnam (2000) considera a cooperação entre as partes virtude para a comunidade, na qual o indivíduo encontrará em suas relações vantagens como ajuda, simpatia e companheirismo dos outros membros da rede. O capital social prove a seus membros esses benefícios.

Os membros de uma rede social acreditam que as conexões sociais são importantes para as regras de conduta sustentada pelo grupo. A rede social envolve mais que obrigações mútuas, os contatos são feitos com intuito de reciprocidade. (PUTNAM, 2000).

Ainda segundo Putnam (2000) as redes e as normas de reciprocidade são geralmente boas para aqueles dentro da rede, mas os efeitos externos do capital social nem sempre são positivos. Similarmente, os grupos, os movimentos, as elites urbanos do poder freqüentemente, exploram o capital social para conseguir as extremidades anti-sociais de uma perspectiva mais ampla. O capital social, em resumo, pode ser dirigido para finalidades más, anti-sociais, apenas como todo o outro formulário do capital. É importante perguntar como as conseqüências positivas da sustentação mútua, cooperação, confiança, eficácia institucional podem maximizar o ceticismo negativo das manifestações, etnocentrismo e corrupção.

Coleman (1988) afirma que o “capital social é visto como um gerador de bens públicos. Ele não é divisível nem alienável, mas sim um atributo da estrutura social em que a pessoa está imersa.”

Coleman (1988) define três formas de capital social: obrigações e expectativas, canal de informação, e normas sociais. Quanto mais fechada for uma

estrutura social, mais facilmente serão identificadas a primeira e a terceira destas formas do capital social. Uma comunidade com normas fortes e eficazes sobre as pessoas faz com que elas se mantenham como em “um bom time”. São as normas que tornam possível uma pessoa andar sozinha a noite e não se confinar por medo.

Para o autor citado anteriormente, o capital social vem através das mudanças nas relações entre as pessoas. A função do capital social está relacionada à capacidade de utilização da estrutura social dos atores e dos recursos disponíveis para alcançar seus interesses.

Coelman (1988) afirma que dentre as formas do capital social destaca-se os canais de informação. Para Sousa (2006), a ligação entre a Ciência da Informação e o Capital Social pode ser estabelecida nesta forma, pois os canais de informação, como forma de capital social, indicam a informação como base para a ação social.

Bourdieu (1980) define três tipos de capital: o econômico, o social e o cultural. Ele afirma que todos os capitais são derivados do capital econômico. O capital econômico está diretamente ligado ao dinheiro e ao direito de propriedade. O capital cultural pode ser mensurado pelas habilidades acadêmicas e objetivado em objetos materiais, tais como: escritas, pinturas, monumentos e outros.

Para Bourdieu (1980) o capital social é o agregado dos recursos reais e potenciais ligados à posse de uma rede de relacionamentos institucionalizados do conhecimento e reconhecimento mútuo, que fornece um revestimento protetor a cada um dos seus membros do capital coletivo. O volume do capital social depende do tamanho da rede de conexões que pode, de forma eficaz, mobilizar.

A rede de relacionamentos é produto da capacidade de investimento individual ou coletivo, capaz de transformar as relações sociais do grupo e produzir o reconhecimento mútuo. Cada vez que um novo membro se insere num grupo existente, seja por vontade própria ou a convite de outro membro, a definição do grupo tende a alterar seus limites, sua identidade, sua definição.

Cada grupo possui formulários de delegação que o permitem concentrar a totalidade do capital social nas mãos de um único agente ou em um pequeno grupo de agentes que representem o grupo, fale ou aja em seu nome. A delegação institucionalizada tem como efeito limitar os lapsos individuais e autorizar os porta-vozes a proteger o grupo diante de embaraços individuais e coletivos. O mecanismo

de delegação e representação é muito mais forte quando o grupo é grande e seus membros fracos (BOURDIEU, 1980).

Para Bourdieu (2000) os indivíduos tendem a atuar de formas diferenciadas em contextos sociais específicos, que tocam em determinados aspectos da vida social. O campo é o espaço onde os agentes buscam manter ou alterar a distribuição do capital assim como sua posição dentro dele. Portanto, os campos podem ser analisados independentemente dos comportamentos dos seus atores.

A partir de determinado ponto, qualquer área começa a se definir como um espaço relativamente autônomo, com suas próprias leis de funcionamento [...] chegando-se ao ponto em que já não se pode compreender o que é produzido em um campo sem se conhecer sua história. (SILVA, 2006, p. 3)

A cultura cívica, associada à confiança interpessoal, traduz-se em um recurso fundamental de poder para os indivíduos e para a sociedade. É imprescindível o bom relacionamento interpessoal, pois apenas o uso da razão não é suficiente para produzir o bem-estar. Em uma sociedade cuja cultura pratica e valoriza a confiança interpessoal é mais propícia a produzir o bem comum, a prosperar. Isso demonstra que os movimentos sociais, em suas diversas esferas, atuam nas comunidades despertando a confiança nos indivíduos e comportamentos de benefícios coletivos. Isso pode levar ao desenvolvimento de uma comunidade através da cooperação horizontal. (PUTNAM apud ARAÚJO, 2003).

A estrutura dos sistemas sociais está diretamente ligada às relações afetivas existentes entre seus membros. O nível de confiabilidade e de divisibilidade está relacionado à confiança que os membros mantêm entre si. A confiança é o fundamento de toda relação social que não se sustenta pela força. Relações sustentadas na confiança não são necessariamente relações entre iguais. Muitas delas são altamente assimétricas do ponto de vista da distribuição de poder entre seus membros.

A expressão comunidade é usada para identificar um espaço delimitado de moradia da população. Carvalho (apud ENCARNAÇÃO, 1999, p. 19) define comunidade como:

A categoria de comunidade [...] designa difusamente um agrupamento de pessoas que coabitam num mesmo 'meio ambiente', ou seja, compartilham o que se poderia chamar de 'condições ecológicas' de existência, independentemente dos fatores estruturais ou conjunturais que lhes dão origem. A comunidade é assim definida como social e culturalmente homogênea, o que lhe confere e cria uma identidade própria e uma suposta

predisposição à solidariedade, ao sentido coletivo e , por que não, ao trabalho voluntário de auto-ajuda.

Nas comunidades cívicas, o contrato que mantém a cooperação é um contrato moral. Normas são internalizadas pelas pessoas e são referenciais para o que é certo ou errado. Não é preciso penalidades formais e externas para que o sujeito sinta-se parte ou excluído de determinado grupo. A consciência que cada cidadão tem de seu papel e de seus deveres, em conjunto com seu compromisso de igualdade política, constitui o cimento moral da comunidade. (HUME apud ARAÚJO, 2003).

Bourdieu (apud ENCARNAÇÃO, 1999) conceitua campo social e *habitus* para compreender as questões relacionadas aos papéis que as pessoas representam em função de sua posição na estrutura social.

O campo social é regido por regras específicas que condicionam ações e representação de seus integrantes. Neles se desenvolvem processos e práticas de produção, renovação e transmissão dos sentidos.

Os diferentes campos desempenham funções específicas na geração e no fluxo de informação da estrutura social. A utilização da informação varia de acordo com as atividades que os grupos exercem na sociedade.

Na intermediação entre a rede, o campo e o indivíduo está a categoria *habitus*. O conjunto de normas de comportamento e de atributos pessoais reconhecidos, que formam a noção de *habitus*, representam a posição que o indivíduo ocupa dentro de uma estrutura social. As pessoas interpretam a realidade de acordo com os contratos sociais a que estão sujeitas. Por isso, as pessoas que vivem em uma posição social semelhante tendem a ter objetivos comuns, e a pensar de forma parecida. (BOURDIEU apud ENCARNAÇÃO, 1999).

A cultura de uma comunidade pode ser definida como um produto de convivências, tradições, crenças e valores que vão sendo construídos pelo grupo, em sua vida em comum, em seus medos, necessidades e desejos. Esse macro-fenômeno social é a base de uma sociedade e poucos são afetados por ações individuais.

Cultura tem sido um dos focos mais enfatizados pelo Banco Mundial, segundo Araújo (2003), quando diz que capital social e cultura são as “chaves do desenvolvimento”.

A cultura é mediada e determinada pela comunicação entre seus membros. A própria cultura – sistema de crenças e códigos historicamente produzidos – são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico de comunicação.

Para Milani (2002), os fatores sociais, culturais e institucionais são reconhecidos por terem impacto direto no incremento qualitativo da comunicação entre indivíduos e atores sociais, na produção de melhores formas de interação social e na redução dos dilemas da ação coletiva.

Para alguns sociólogos, as relações pessoais entre indivíduos de uma comunidade ficaram comprometidas com o desenvolvimento das tecnologias de informações, quando o sujeito deixou de priorizar suas relações interpessoais e passou a focar suas relações pelas tecnologias.

Segundo Putnam (apud ARAÚJO, 2003) o modelo de interação entre sujeitos da sociedade da informação compromete o desenvolvimento da democracia numa perspectiva de declínio do capital social, pois as pessoas perdem a oportunidade de encontrar amigos, falar de política, reclamar de seus trabalhos, comentar os acontecimentos de sua cidade ou país, tornam-se mais isolados e restringem seus contatos aos mediados pela tecnologia.

Araújo (2003) também complementa a afirmação acima ao dizer que uma sociedade cuja cultura pratica e valoriza a confiança interpessoal é mais propícia a produzir o bem comum, a prosperar. Porém, alerta que somente em sociedades que convivem com regras de reciprocidade e com sistemas de participação cívica é possível a cooperação voluntária, assentada na confiança.

Essa preocupação vem ao encontro do novo estilo de vida que as TICs trouxeram: se por um lado o aumento de equipamentos eletrônicos numa residência propiciam um comportamento mais auto-suficiente quanto a comunicação, por outro lado, há probabilidade de que cada membro de uma família passe a organizar o próprio tempo e espaço.

Para Castells (1999) as mudanças sociais são tão drásticas quanto o processo de transformação tecnológica e econômica.

Houve uma redefinição fundamental de relações entre mulheres, homens e crianças e, conseqüentemente, da família, sexualidade e personalidade. [...] Nesse mundo de mudanças confusas e incontroladas, as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais e nacionais. [...] Em um mundo de fluxos globais de riquezas,

poder e imagens, a busca por identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significado social.

A identidade tornou-se a única fonte de significado no período histórico caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais e expressões culturais efêmeras. Cada vez mais, as pessoas organizam seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são. (CASTELLS, 1999)

Para os adeptos da TICs, apesar de intenso, o processo de globalização não provocou a homogeneização completa das culturas e das identidades. Em algumas situações, ao contrário, não apenas antigas questões de identidade se mantêm vivas como se multiplicam grupos com identidades locais, como forma de resistência aos novos modelos uniformizantes.

Para Castells (1999) o denominador comum entre a comunicação pessoal e a intermediada por computadores é que a comunicação por TICs não substitui outros meios de comunicação nem cria novas redes: reforça os padrões sociais preexistentes. Os novos meios de comunicação não divergem das culturas atuais tradicionais, acabam por absorvê-las.

Países economicamente mais avançados vêm na preservação da identidade nacional o instrumento decisivo para auto-capacitação não apenas em assuntos culturais, como os científicos e tecnológicos, com suas claras dimensões econômicas.

O desafio da sociedade da informação está em como combinar os aspectos paradoxais referentes às novas tecnologias e memória coletiva, ciência universal e culturas comunitárias.

As estações digitais buscam uma forma diferenciada do uso das TICs, na formação do capital social na rede, mediante os contatos dos participantes. O capital do conhecimento reflete o modo poderoso em que os sistemas *on line* podem incrementar e difundir informações e opiniões. A comunicação pode ser descrita como um capital emocional, pois também implica fortes sentimentos pessoais como a confiança e o compromisso. No tocante às relações entre usuário e comunidade, as estações digitais procuram atuar junto às comunidades em que estão inseridas, disponibilizando o acesso à informação e orientando o seu uso para o desenvolvimento da comunidade.

2.6 Redes Sociais

Vilela (2005) afirma que o conceito de rede transformou-se, nas últimas duas décadas, em uma alternativa prática de organização, possibilitando processos capazes de responder às demandas de flexibilidade, conectividade e descentralização das esferas contemporâneas de atuação e articulação social.

Redes são sistemas organizacionais capazes de reunir indivíduos e instituições, de forma democrática e participativa, em torno de objetivos e/ou temáticas comuns (RITS, 2004).

A sociedade da informação prevê as mudanças nas redes sociais. Quando permite uma reestruturação do capitalismo e a difusão das novas tecnologias lideradas ou mediadas pelo Estado, está interagindo com as forças sociais e gerando um processo de transformação. Guevara (apud OLIVEIRA, 2003), alerta sobre a necessidade de utilizar o termo Sociedades da Informação, no plural, para identificar numa dimensão local, aquela nas quais as novas tecnologias e outros processos sociais provocam mudanças pragmáticas.

As redes sociais são sistemas compostos por nós e conexões entre eles, representantes dos sujeitos sociais conectados por algum tipo de relação. De forma genérica, pode-se estudar o sistema visando apenas a entender como ele se comporta e como as conexões influenciam esse comportamento. (MARTELETO, 2001).

As redes sociais são grupos sociais estruturados, compostos por sujeitos ligados por algum tipo de relação. Por meio desta estrutura, é possível compartilhar informações e conhecimentos relevantes ao processo de inclusão e desenvolvimento social. Percebe-se que as redes sociais são a base da constituição do capital social. Entender a estrutura de redes sociais é o primeiro passo para sua utilização.

O desenvolvimento local pode ser considerado como o conjunto de atividades culturais, econômicas, políticas e sociais que participam de um projeto de transformação consciente da realidade local. Milani (2002) cita que, para fazer o desenvolvimento, é fundamental ampliar a capacidade de realização de atividades

livremente escolhidas e valorizadas por cada sujeito do desenvolvimento. Portanto, o desenvolvimento não é consequência automática do crescimento econômico.

A estrutura de uma rede é composta de atores entre os quais existem vínculos. Pode haver muitos ou poucos atores e pode existir uma ou mais classes de relações entre eles. Sendo assim, quanto mais abertas forem as redes, maior será a capacidade de criar ligações que propiciem maior interação entre indivíduos e alcance de suas ações.

A participação de sujeitos ou atores nas redes está ligada ao capital social estrutural que busca desenhar a estrutura de relações existente numa rede social e sua consequência para o desenvolvimento socioeconômico daquela comunidade. As relações entre os sujeitos participantes de uma rede são diretamente proporcionais ao nível de confiança existente entre os membros.

A convivência entre os integrantes de uma comunidade, inclusive o estabelecimento de laços de afinidade, é definida a partir de pactos sociais ou padrões de relacionamento.

As pessoas vivem em redes de dependência, difíceis de serem rompidas. Essas redes são diferentes em cada sociedade. O modo como o indivíduo se comporta é determinado por suas relações passadas ou atuais com as outras pessoas. E a interdependência das funções humanas sujeita e molda, de forma profunda, o indivíduo [...] as redes têm mecanismos automáticos de mudança e transformações históricas que independem da vontade dos seus componentes tomados isoladamente, mas estas não são caóticas e sim sociais. (MARTELETO; SILVA, 2004, p. 4)

O conhecimento construído pelos grupos sociais permite que o desenvolvimento local de conceitos e teorias emigre do contexto de origem. Todo conhecimento visa se constituir em senso comum, tornando-se cotidiano e orientando a vida do grupo. O senso comum é construído a partir da vivência e da experiência, construído nas interações e aplicado na prática. (ENCARNAÇÃO, 1999).

Segundo Encarnação (1999) no processo de construção da cidadania, o acesso à informação é essencial, ganhando destaque como instrumento de controle social nas decisões políticas e administrativas. Permite que grupos sociais sejam eles representativos do todo ou não, possam se mobilizar para acompanhar os processos políticos e resolver problemas da comunidade.

Cada pessoa de uma rede social possui vivência e experiência que podem representar informações na rede. Segundo a autora, esses fragmentos de

conhecimento se conectam na rede de contatos pela informação. A rede social à qual o indivíduo pertence exerce maior influência sobre seu comportamento do que o indivíduo em particular.

A forma como as pessoas buscam solucionar seus problemas está diretamente ligada a sua condição de vida. Portanto, a forma como se resolve uma necessidade do grupo deve considerar os valores, crenças e comportamentos dos que convivem com o problema. São esses assuntos de interesse comum que motivam a criação de uma rede social.

Como grupos diferentes vêem e atuam de forma diferenciada sobre a realidade, um terceiro conhecimento será criado resultante da construção conjunta e compartilhada de saberes diferentes.

Esse conhecimento, associado à experiência do grupo deve proporcionar condições favoráveis para ação em situações de resolução dos problemas sociais.

As pessoas buscam se reunirem em ambientes comunitários para relacionarem com outras pessoas que tenham pensamentos ou objetivos comuns. A idéia de comunidade, onde as pessoas cultivam sentimento de pertencer ao espaço onde moram, tende a fortalecer as ações e a valorizar o local. O sentimento de solidariedade motiva e une as pessoas. (ENCARNAÇÃO, 1999).

Para entender como isso ocorre, é necessário fazer uma análise dos papéis que os indivíduos da comunidade desempenham na rede de informação da comunidade estudada. Para analisar a posição que os indivíduos ocupam na rede e sua representatividade, é necessário identificar a relação entre o conhecimento, a informação e suas mediações com a ação cotidiana da comunidade.

Encarnação (1999) afirma que:

O campo social em que se está inserido, junto a habilidades pessoais, influencia o modo como as pessoas atuam dentro da rede. [...] Enquanto um integrante da academia pode ter um perfil instrumentalizador, dando meios e ferramentas que viabilizem alguns trabalhos de grupos na rede, um integrante da comunidade pode ter habilidade para articular várias pessoas em torno de um objetivo comum. Mesmo exercendo papéis diferentes, a integração entre certos indivíduos na rede é essencial para a circulação de informações, para a aquisição de conhecimentos.

2.6.1 Granovetter e os laços

Granovetter (1973) identifica que o grau de sobreposição de dois relacionamentos individuais em uma rede variam diretamente com a força de seu laço a outra rede. A força de um laço, segundo o autor, é a combinação da quantidade de tempo, a intensidade emocional, a intimidade (confiança mútua) e os serviços recíprocos que caracterizam uma relação. Para tanto, são identificados os laços fortes, fracos e ausentes.

Considere dois indivíduos chamados de A e B, que se unem a um grupo de indivíduos chamado S. Se $S = C, D, E, \dots$, todas essas pessoas possuem laços para um dos dois ou ambos. Segundo Granovetter (1973) a hipótese que permite relacionar laços diáticos às estruturas maiores são: quanto mais forte o laço entre A e B, maior a proporção de indivíduos em S a quem eles irão ser amarrados, ou seja, conectados por laços fortes ou fracos.

Laços fortes envolvem mais tempo de compromisso. Se os laços A-B e A-C existirem, a quantidade de tempo que C gasta com B depende da quantidade que A gasta com B e C, respectivamente. Outra hipótese sugerida pelo autor é que quanto mais forte o laço que conecta dois indivíduos, mais similares são, em várias maneiras. Se A-B e A-C forte laços fortes, ambos C e B, sendo similares a A, seja provavelmente similar um ao outro aumentando a probabilidade de um relacionamento. Os estudos consideram que quando há indicações mútuas representam laços fortes, visto que são reconhecidos pelos dois indivíduos, com alta atração.

Para derivar implicações para grandes redes Granovetter (1973) sugere ser necessário moldar uma relação onde possam ser investigados os tipos de laços existentes. Na tríade a seguir, considera-se A-B um laço fraco, A-C um laço forte e C-B ausente.

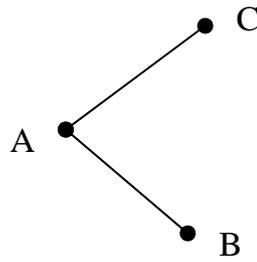
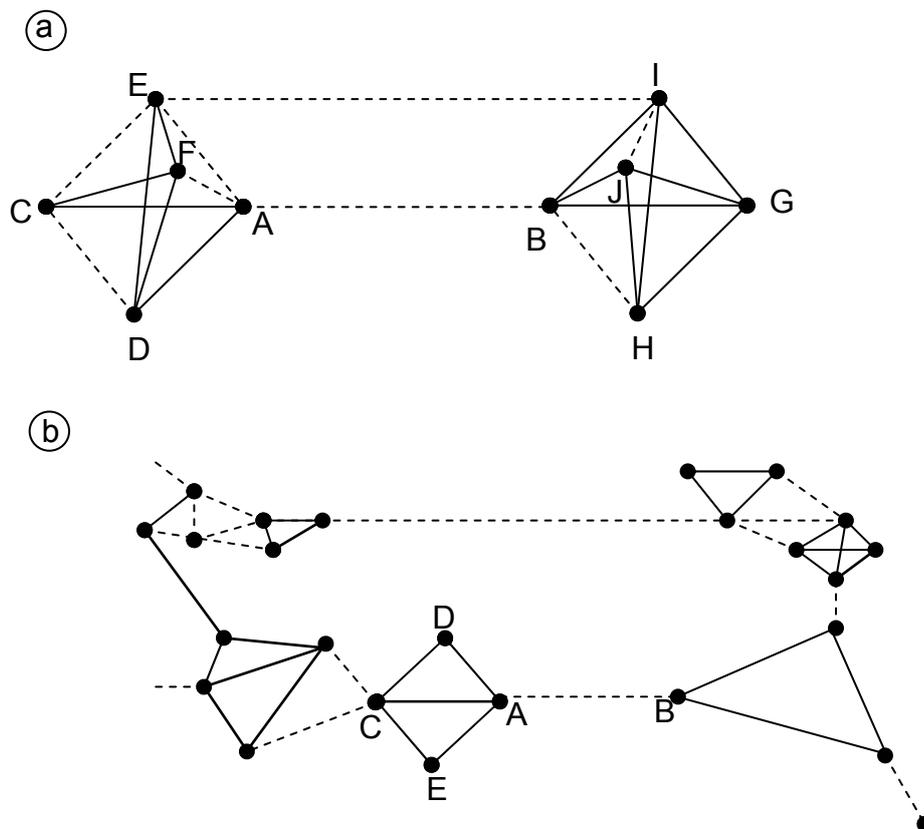


Figura 1: Tríade de relacionamento

Outro conceito importante é o de ponte-linha que fornece um único trajeto entre dois pontos. Considerando-se que uma pessoa possui um grande número de contatos, uma ponte A-B fornece a única rota ao longo da qual a informação ou a influência podem fluir de todo o contato de A a qualquer contato de B. O grau de uma ponte é medido pela sua distância. Se n representa o trajeto mais curto entre dois pontos, a ponte local terá grau n . Na figura 2^a, A-B é uma ponte de nível 3, e em 2b, de nível 13.



Legenda: ● pontes locais; ____ laços fortes; ---- laços fracos

Fonte: Granovetter (1973)

Figura 2: Pontes locais

Assim, espera-se que pontes exerçam importante papel nas redes por sua capacidade de transmissão de informação, visto que essas reduzem o caminho da informação. Todas as pontes são laços fracos. Isso significa que para difundir uma informação para um maior número de pessoas a uma velocidade maior os laços fracos são mais eficientes que os fortes.

Outro dado importante da pesquisa de Granovetter (1973) é quanto à importância dos indivíduos na rede social. Aqueles indivíduos que são muito citados como fontes de informações são chamados de centrais, e os que recebem pouca indicação, de marginais. Quanto ao grau de inovação, Granovetter (1973) afirma que os laços fracos proporcionam maior difusão de inovações, pois podem correr mais riscos que os centrais por sua preocupação com a reputação.

Nos estudos desenvolvidos por Rapoport e Horvath (1961 apud GRANOVETTER, 1973), identificou-se que um número menor de pessoas foi alcançado através dos laços fortes.

O comportamento do indivíduo na rede social também é objeto de estudo. Sua atividade está ligada à forma da rede, bem como a manipulação para conseguir objetivos pessoais. Bott (1957 apud GRANOVETTER, 1973) definiu a densidade da rede como sendo o número de laços observados na rede pelo ego e pelos seus amigos, dividindo-o pelas possíveis relações. Uma variável crucial para esta análise é se os amigos do ego tendem a conhecer um outro (rede de tecido fechado) ou não (rede de tecido aberto). Quanto mais laços fortes, mais densa será a rede.

Sob a ótica do indivíduo, os laços fracos são importante recurso para a mobilidade, visto que os laços fracos têm a função de efetuar a coesão social. Os laços fracos permitem ligar membros de grupos pequenos, diferentes, enquanto os laços fortes concentram-se no seu grupo particular. Quando um homem muda de trabalho, por exemplo, ele não está apenas movendo uma rede de laços para outra, mas fazendo possíveis ligações entre essas redes. Os laços fracos permitem que as informações fluam com maior facilidade em reuniões, dando-lhe sentido comunitário. São exemplos de laços fracos as relações trabalhistas e em organizações formais.

Algumas comunidade possuem maior capacidade de mobilização que outras. Gans (1962 apud GRANOVETTER, 1973) afirma que a confiança nos líderes e a prática em trabalhar para objetivos comuns permitem a formação de uma organização eficaz.

Outro dado importante é a capacidade do líder em manter contatos intermediários. Esses intermediários, muitas vezes, intercedem ao líder a favor de algo ou alguém. Quando o líder não se predispõe a relacionar-se (manter conexão) com indivíduos direta ou indiretamente, pode ocorrer um fenômeno chamado fragmentação da rede. Esse processo reduz drasticamente os trajetos possíveis do líder a seus seguidores, o que pode inibir a confiança no líder.

Katz e Lazarsfeld (1995) e Rogers (1962 apud GRANOVETTER, 1973) afirmam que uma comunidade é dividida em cliques tais, que cada pessoa está amarrada à outra em seu clique e nenhuma fora desta rede. Neste caso, a organização da comunidade estaria severamente prejudicada, visto que as fontes de informação de massa, como rádio e TV, não garantiriam a informação necessária, a menos que fossem transferidas também pelos laços pessoais. Sugere-se que, para evitar tal fragmentação, construam-se pontes sob alguns laços fracos, permitindo assim uma vida organizacional mais rica, possibilitando trocas positivas entre os grupos.

Para o autor, o enlace entre o nível micro e macro é importante para o estudo sociológico da análise da rede. Tal enlace gera paradoxos. Os laços fracos, muitas vezes, considerados alienação, são vistos aqui como indispensáveis à oportunidade de integração da comunidade. Os laços fortes produzem coesão local e podem conduzir a fragmentação geral.

A demografia, a estrutura de coesão e a mobilidade são variáveis importantes a serem verificadas para desenvolver os enlaces micro-macro de uma rede.

2.6.2 Análise de Redes Sociais

A análise de redes sociais, nesta dissertação, tem como base os estudos de Marteleto (2001, 2004), Encarnação (1999) e Silva (2003). Marteleto (2001, 2004) utiliza-se da abordagem sociológica para conceituar e fundamentar análise de redes sociais em seus trabalhos. Encarnação (1999) busca analisar a transferência de informação nos movimentos sociais de uma comunidade. Já Silva (2003), em sua

dissertação de mestrado, busca fundamentação para o tema em referências da administração e nas teorias dos grados e matrizes. As abordagens serão utilizadas concomitantemente na conceituação e fundamentação de análise de redes sociais.

Segundo Marteleto (2001) o estudo dos comportamentos ou opiniões dos indivíduos depende das estruturas nas quais eles se inserem. A unidade de análise não são os atributos individuais, mas o conjunto de relações que os indivíduos estabelecem por meio de interações uns com os outros. Portanto, a pesquisa basear-se-á nas relações dos indivíduos e o processo de difusão de informação decorrente desta relação.

A análise de redes sociais interessa a pesquisadores [...] na tentativa de compreender o seu impacto sobre a vida social, deram origem a diversas metodologias de análise que têm como base as relações entre indivíduos, em uma estrutura em forma de rede. (SILVA, 2006, p. 77)

Scott (apud SILVA, 2003) faz uma síntese das diversas correntes sociológicas que marcaram o desenvolvimento da análise de redes sociais até o nível atual. Segundo o autor, três vertentes desembocariam neste modelo: a análise sociométrica, que em meados de 1930 trabalhava com pequenos grupos e avançava na produção da teoria dos grafos; os pesquisadores de Harvard, que no mesmo período exploravam padrões de relações interpessoais informais e formação de grupos, e os antropólogos de Manchester, que usavam os conceitos das duas primeiras vertentes para investigar a estrutura das relações comunitárias em sociedades tribais e pequenas vilas.

Do estudo realizado a partir da dissertação de Silva (2003), tiraram-se alguns conceitos primordiais ao estudo de análise de redes sociais.

Em sua teoria Homans (apud SILVA, 2003) busca explicar o comportamento de grupo por estudos em pequenos grupos. Ele dividiu a estrutura de qualquer grupo em um sistema interno (expressa os sentimentos surgidos a partir da interação entre seus membros) e os sistemas externos (atividades do grupo relacionadas aos problemas de adaptação ambiental). O ambiente é feito dos contextos físico, técnico e social do comportamento do grupo. Se houver necessidade de resolução de problemas referentes ao sistema externo, os membros do grupo interno tenderão a desenvolver sentimentos de apreço e envolver-se em interações mútuas não apenas em questões relacionadas ao sistema externo. Para o autor, é desta forma que o sistema interno elabora-se em configurações

complexas, divisíveis em cliques. Cliques são subgrupos da rede que possuem afinidades.

Barnes (apud SILVA, 2003) em análise das reações sociais em um pequeno vilarejo da Noruega chamado Bremnes, observou o papel que as relações de parentesco, amizade e vizinhança tinham na estrutura e na produção de uma comunidade integrada. Estas relações não tinham ligações com locais ou estruturas políticas e econômicas formais, mas formavam uma esfera informal de relações interpessoais.

Para Mitchell (apud SILVA, 2003) os padrões de interação da ordem social (ligações pessoais que indivíduos têm com um conjunto de pessoas e ligações que estas têm entre si) são a esfera da análise de rede. Estas redes interpessoais são construídas a partir de relações de comunicação (transferência de informação entre indivíduos) e ação instrumental ou transacional (transferência de bens e serviços entre pessoas). Qualquer ação particular é produto da combinação destas duas ações. Ainda, segundo o autor, o pesquisador deve sempre selecionar aspectos específicos de uma rede total, chamada por ele de redes parciais. Para ele existem duas possibilidades de seleção. A primeira é a centrada no indivíduo, que gera a rede centrada nas relações sociais de todo tipo. A segunda forma seria a seleção pelas características globais da rede a um aspecto particular da atividade social: ligações políticas, favores, amizade, relações de trabalho, etc.

Nas redes centradas nos indivíduos, primeiro se seleciona os indivíduos e, a partir deles, são mapeadas as ligações diretas e indiretas a outros indivíduos. Tal conjunto gera uma rede centrada em egos. Era necessária, também, a seleção de conteúdos e significados das relações envolvidas, propostas pelo segundo modelo de seleção.

“A rede pessoal de um ator forma um ambiente social do qual este ator recebe pressões para influenciar seu comportamento, e pela qual ele pode exercer pressão para afetar o comportamento dos outros.” (FESTINGER; SCHACHTER; BACK, 1963 apud SILVA, 2003).

Outra informação importante na dissertação de Silva (2003) foi a de Krackhardt e Hanson (1993) com sua sugestão de mapear a rede pelos conteúdos, assim seria possível identificar as principais variáveis de coesão de um grupo social.

A representação gráfica de uma rede permite ao pesquisador identificar atores e suas ligações com outros atores de uma rede. Essas ligações são os

caminhos – comunicação – que membros de um grupo utilizam para a transmissão de uma mensagem, mas não determinam a mensagem em si.

Seguem alguns conceitos importantes para estudo de análise de redes sociais, segundo Wasserman e Faust (1994):

- Ator: é uma pessoa, corporação ou unidade social coletiva;
- Ligações: conectam um ator a outro;
- Grupo: constitui um conjunto finito de todos os atores entre os quais serão medidas as ligações existentes;
- Subgrupo: é o conjunto de atores e suas ligações, desde que representem um grupo. Subgrupo de dois atores recebe o nome de díade, e o de três atores, de tríade;
- Clique: é um subgrupo de três ou mais nós. Consiste em um sub-sistema dos nós, o qual liga todos os membros do clique. As ligações com menos de três nós não são consideradas cliques, apenas díade mútuos;
- Relação: é o conjunto de ligações de um tipo específico, como vizinhança, amizade, etc;
- Posição: coleção de indivíduos que estão similarmente envolvidos em redes de racionamento;
- Papel: padrões de relações obtidas entre atores ou posições.

Silva (2003) mostra as diferentes abordagens para análise de redes sociais:

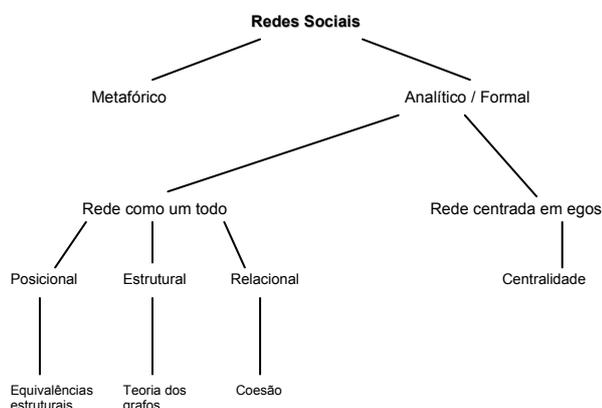


Figura 3: Abordagens para análise de redes sociais
Fonte: Silva (2003), com adaptações.

Segundo Silva (2003) a primeira abordagem é feita a partir de critérios estruturais, como tamanho, densidade, diâmetro e distância geodésica. Ainda há análise da coesão da rede social, que é o estudo dos subgrupos e dos *cliques* que constituem o foco do estudo de sociólogos e antropólogos. A terceira vertente está na análise da posição dos atores como um todo.

A segunda abordagem estrutural tem o foco nos atores. Nesta abordagem a análise deixa de ser feita na rede social e passa a ser feita na rede centrada em egos, ou seja, volta-se para determinados atores e busca-se identificar o papel deles na manutenção e expansão da rede. Esses critérios são mais bem aplicados em redes pequenas, parciais e sub-redes de grandes redes. Como objeto deste estudo, a coesão e a centralidade serão melhor detalhadas a seguir.

A análise da coesão entre indivíduos e subgrupos é mensurada pela afinidade existente entre seus membros para que os vínculos possam se estabelecer. Friedkin (apud WASSERMAN; FAUST, 1994), examina o uso da coesão da rede como uma variável explanatória em teorias sociológicas, especialmente, para estudar o surgimento do consenso entre membros de um grupo:

Os modelos estruturais da coesão são fundados em cima de proposições ocasionais que as pressões para a uniformidade ocorrem quando há uma interação positivamente avaliada entre duas pessoas; estas pressões podem ocorrer por serem transmitidas através dos intermediários mesmo quando duas pessoas não estiverem no contato direto; e que tais pressões indiretas para a uniformidade estão associadas com o número de canais de comunicação indiretas curtas que conectam as pessoas.[...] Indivíduos são amarrados mais firmemente à rede, quanto mais for afetado por padrões do grupo.[...] Há dois fatores que operam-se aqui, que nós podemos ver na análise de rede: quantos laços um indivíduo tem com o grupo e quão conectado ao exterior o grupo está. Os grupos isolados e fortemente conectados fazem um clique; dentro de tais grupos altamente coesos, os indivíduos tendem a ter crenças muito homogêneas. (FRIEDKIN apud WASSERMAN; FAUST, 1994, p.250)

Segundo Wasserman e Faust (1994) embora a literatura sobre coesão de subgrupos nas redes tenha maneiras numerosas de conceituar a idéia dos subgrupos, há quatro propriedades gerais dos subgrupos coesos que influenciaram os conceitos das redes sociais. São estes:

- A reciprocidade dos laços: relação entre os atores de um subgrupo. Neste caso, todas as ligações feitas entre os membros são mútuas;
- A proximidade ou a acessibilidade de membros do grupo – a acessibilidade de um ator é medida pela distância geodésica e

diâmetro. A acessibilidade requer que a distância geodésica entre os membros de um subgrupo seja pequena;

- A frequência dos laços entre membros;
- A frequência relativa dos laços entre membros do subgrupo comparados aos que não são membros.

Ainda segundo Wasserman e Faust (1994) os subgrupos baseados na reciprocidade dos laços requerem que todos os pais de membros do subgrupo se escolham (ou seja, sejam adjacentes); os subgrupos baseados na acessibilidade requerem que todos os membros do subgrupo sejam acessíveis, mas não necessariamente adjacentes; o subgrupo baseado em laços numerosos requer esse subgrupo; e o subgrupo baseado na densidade relativa ou na frequência dos laços requer que os subgrupos sejam relativamente coesos quando comparados ao restante da rede. As definições sucessivas enfraquecem a primeira noção da adjacência entre todos os membros do subgrupo. Estas idéias gerais do subgrupo conduzem aos métodos que focalizam em propriedades sociais diferentes da rede.

Segundo Silva (2003) outra forma de distinguir os subgrupos é categorizando-os de acordo com a similaridade existente entre as posições que seus atores ocupam na rede. “A noção de posição se refere a um conjunto de atores que são similares em atividades sociais, ligações, ou interações com respeito a atores de outras posições.” (WASSERMAN; FAUST, 1994).

A análise de redes baseada na centralidade é feita pela medida de acessibilidade de um determinado ator para os demais atores da rede. Mediante a centralidade é possível identificar o tamanho da rede, seu padrão de distribuição, ou a interligação entre seus atores. Além de medir a acessibilidade, identificam-se os possíveis caminhos que a comunicação seguem até o ator. Quanto mais ligações existirem numa rede, menor a chance de centralidade de informação em um ator, ou seja, o poder do ator é medido pela capacidade de monopolizar as informações, favores e serviços entre os membros de uma rede.

Segundo Wasserman e Faust (1994) existem quatro tipos de centralidade:

- Grau: é medida pelo número de ligações que um ator tem. Existe a centralidade de grau de entrada que representa o número de ligações que um ator recebe (mede sua receptividade e popularidade), e a de

saída, que representa o número de ligações que um ator tem com outros atores do grupo (mede sua expansividade)

- Proximidade: mede a distância mínima entre um ator e outro contato na rede. Quanto mais central for o ator, menor será essa distância.
- Intermediação: baseia-se no controle exercido por um ator sobre a interação entre outros dois atores. Desde que não sejam adjacentes, os outros atores necessitam de intercâmbios para realizar sua troca de informação. Quanto mais necessário o ator for para intermediar essa comunicação, maior será sua centralidade de intermediação.
- Bonacich: o fato de um ator ser referenciado por atores de prestígio não significa que seu prestígio seja equivalente entre os atores marginais.
- Centralidade de informação: mede a capacidade do ator de receber e repassar informação da maior parte da rede baseada em sua posição. O ator que tiver uma posição estratégica na rede será capaz de difundir melhor a informação.

2.7 Inclusão x exclusão social

Oliveira (2003) afirma que o conceito de exclusão social é usado para dar conta de um fenômeno que se manifesta de maneira cada vez mais complexa, principalmente, quando associado ao desenvolvimento econômico. O desenvolvimento de um país tende a produzir tanto as condições necessárias para a inclusão como para a exclusão de seu povo.

Seguem alguns dados demográficos do IBGE, que contextualizam a situação atual brasileira.³

³ Dados do IBGE retirados do oitavo volume da Síntese de Indicadores Sociais que apresenta um conjunto de dados demográficos e sociais. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD para o ano de 2005, cuja cobertura abrange todo o Território Nacional.

- Quanto à distribuição espacial do Brasil há concentração da população nas regiões de maior desenvolvimento socioeconômico. Em 2005, dos mais de 184 milhões de habitantes, 118,6 milhões, 64,3%, residiam nas Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste;
- A razão de gênero, que expressa o número de pessoas do sexo masculino para cada grupo de 100 pessoas do sexo feminino, vem declinando ao longo do tempo, em virtude da sobremortalidade masculina. Em 2005, havia no Brasil 95 homens para cada 100 mulheres.
- A taxa de urbanização do País, que é a proporção de pessoas residentes em áreas urbanas, era de 82,8%.
- A taxa de natalidade entre 1995 e 2005 passou de 21,9‰ para 20,4‰;
- A composição etária é um parâmetro de análise, quando se observa a questão da redução das taxas de fecundidade e natalidade. Enquanto, em 1995, o percentual de crianças e adolescentes de 0 a 14 anos na população total era de 32,2%, em 2005, esta participação caiu para 26,5%;
- A expectativa de vida, em 2005, era de 71,9 anos de idade;
- A taxa de mortalidade infantil no Brasil continua em declínio, passando de 37,9% para 25,8%;
- O grupo de maior peso no contingente de emigrantes brasileiros são os nordestinos, com 54,1%. O Sudeste continua a ser o maior pólo de atração dos emigrantes nordestinos, uma vez que 67,3% se dirigiram para esta região.

Na Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílio (PNAD) realizada em 2005, foram levantados alguns indicadores socioeconômicos brasileiro:

- No total dos domicílios particulares permanentes do País, 82,3% eram atendidos por rede geral de água; 69,7% dispunham de

esgotamento sanitário adequado; 85,8% contavam com coleta de lixo; 71,6% tinham telefone e em 97,2% havia iluminação elétrica. Todos esses indicadores apresentaram elevação de 2004 para 2005, sendo que o crescimento do número de moradias com telefone foi, destacadamente, o mais alto (12,3%);

- O microcomputador estava disponível em 18,6% das residências. Constatou-se, ainda, que em 13,7% dos domicílios havia microcomputador com acesso à Internet;
- Em 2005, no contingente de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos de idade, 8,8% não freqüentavam escola. Esse indicador variou de 7,1% na Região Sudeste a 12,0% na Norte. No grupo de 7 a 14 anos de idade, que corresponde às idades em que a grande maioria das crianças deveria estar cursando o Ensino Fundamental, a parcela que não estava na escola era de 2,7%. A taxa de analfabetismo das pessoas de 10 anos ou mais de idade situou-se em 10,2% e a das pessoas de 15 anos ou mais de idade, em 11,1%. Na faixa etária de 10 a 14 anos de idade, a taxa de analfabetismo ficou em 3,4%. Esses indicadores apresentaram sensíveis diferenças regionais;
- O percentual de pessoas ocupadas na população de 10 anos ou mais de idade passou de 56,5% para 57,0%, de 2004 para 2005. A taxa de desocupação passou de 8,9%, em 2004, para 9,3%, em 2005. Em 2005, a participação das pessoas em atividade agrícola na população ocupada situou-se em 20,5%, mostrando sentido de redução em relação à do ano anterior (21,0%).

Os resultados das PNADs revelam que, em 1998, cerca de 14% da população brasileira vivia em famílias com renda inferior à linha de indigência e 33% em famílias com renda inferior à linha de pobreza. Desse modo, cerca de 21 milhões de brasileiros podem ser classificados como indigentes e 50 milhões como pobres. (BARROS; HENRIQUES; MENDONÇA, 2000).

Apesar dos avanços conquistados nos últimos anos, o Brasil continua sendo o campeão das desigualdades sociais e econômicas na América Latina e Caribe, segundo relatório do Banco Mundial (Bird) sobre a região. O estudo mostra,

por exemplo, que os 10% brasileiros mais pobres recebem 0,9% da renda do país, enquanto os 10% mais ricos ficam com 47,2%.⁴

A tabela a seguir mostra a escala das rendas per capita, por ano, dos diferentes países, em dólares, ou seja, qual a renda média por pessoa durante o ano, em cada país.⁵

Tabela 1 – Distribuição de renda per capita no mundo

Países	Renda per capita em dólar
Países desenvolvidos ou economias centrais	
Estados Unidos	39.710
Reino Unido	31.460
Canadá	30.660
Japão	30.040
França	29.320
Estados Unidos	39.710
Países em desenvolvimento, periféricos	
Austrália	29.220
Coréia do Sul	20.400
África do Sul	10.960
Países da AMERICA LATINA	
Argentina	12.460
Chile	10.500
México	9.590
Brasil	8.020
Países da ASIA	
China	5.530
Índia	3.100

Fonte: Dados do FMI e Banco Mundial – ESP 23 de março de 2006.

⁴ BIRD. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/2003/10/24/ult261u1498.jhtm>>. Acesso em: 01 mar 2007.

⁵ Disponível em: <<http://www.lpp-uerj.net/outrobrasil>>. Acesso em: 04 mar 2007.

O IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do Brasil melhorou entre 2003 e 2004, mas o país recuou uma posição no ranking mundial de desenvolvimento humano — caiu de 68º para 69º numa lista de 177 países e territórios, aponta o Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH) 2006, divulgado pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Como o estudo usa indicadores e metodologias que foram revisados e aperfeiçoados pelas fontes produtoras dos dados, o IDH não pode ser comparado aos dos Relatórios anteriores. O IDH é a síntese de quatro indicadores: PIB (Produto Interno Bruto) per capita, expectativa de vida, taxa de alfabetização de pessoas com 15 anos ou mais de idade e taxa de matrícula bruta nos três níveis de ensino (relação entre a população em idade escolar e o número de pessoas matriculadas no ensino fundamental, médio e superior).

Apesar dessa mudança, o IDH brasileiro cresceu, passou de 0,788, em 2003, para 0,792, em 2004, resultado que mantém o país entre as 83 nações de médio desenvolvimento humano (IDH entre 0,500 e 0,799), fora, portanto, do grupo de 63 nações de alto desenvolvimento humano, que tem a Noruega no topo pelo sexto ano consecutivo (IDH de 0,965). No ranking, o Brasil aparece logo abaixo da ilha caribenha de Dominica (0,793) e logo acima da Colômbia (0,790); 13 países da América Latina e do Caribe têm desempenho superior ao brasileiro, entre eles México (53º no ranking, IDH de 0,821), Cuba (50º no ranking, IDH de 0,826), Uruguai (43º no ranking, IDH de 0,851), Chile (38º no ranking, IDH de 0,859) e Argentina (36º no ranking, IDH de 0,863). Outras 17 nações da região ficam abaixo do Brasil no ranking, como Venezuela (72º, IDH de 0,784), Peru (82º, IDH de 0,767), Paraguai (91º, IDH de 0,757), Jamaica (104º, IDH de 0,724) e Haiti, o pior da América Latina e do Caribe (154º, IDH de 0,482). No mundo, o índice mais baixo é o de Níger, na África (177º, IDH de 0,311).⁶

As reformas políticas não acompanharam as necessidades sociais do país. Continua a enfrentar problemas associados à concentração de riquezas. Os investimentos em infra-estrutura, saneamento básico, saúde e educação não têm sido suficientes para minimizar o processo de exclusão social. Critério como taxa de analfabetismo, estar ou não alimentados e possuir rendimento mínimo mostram-se

⁶ Disponível em: <http://www.pnud.org.br/pobreza_desigualdade/entrevistas>. Acesso em: 02 mar 2007.

insuficientes para análise do complexo processo de inclusão quando tratados de forma quantitativa.

O Fórum Econômico de Davos, de 2000, além de constatar a exclusão social, afirma que o mercado não atende à demanda de todos os seres humanos. O Fórum também concluiu sobre a existência de uma crise recessiva mundial, cerca de 1,3 milhões de pessoas vivem com menos de um dólar por dia. Em 1999, James Wolfensohn, diretor do BIRD (Banco Mundial de Desenvolvimento) à época, afirmou que esse número chegaria a 1,5 milhões no final do século XX.

A sociedade da informação, como nova forma de organização social, tem como desafio maior buscar formas de utilização das tecnologias disponíveis para proporcionar o desenvolvimento social e minimizar as diferenças entre os povos.

2.7.1 Inclusão digital como ferramenta de inclusão social

Miranda (2000, p.86) define inclusão digital como:

[...] criar condições para a capacitação universal dos cidadãos em relação às novas tecnologias, contribuindo para minimizar a exclusão social, de forma a atenuar ou superar as disparidades regionais, ampliando-se as oportunidades de acesso às fontes disponíveis na rede [...]

Amadeu (2003) considera a importância da inclusão digital como forma de inclusão social, quando cita que a comunicação fundamental da sociedade da informação é a comunicação mediada por computador. O autor afirma que ter acesso à tecnologia é o primeiro passo para abrir as portas do mundo da informação, mas não é suficiente para gerar conhecimento, assim como a nova revolução tecnológica ampliou a inteligência humana.

Enquanto a primeira e a segunda revolução ampliaram a capacidade física e a precisão nas atividades humanas, esta revolução amplia a mente. [...] Essa revolução exatamente por fundar-se nas tecnologias da inteligência, amplia exponencialmente as diferenças na capacidade de tratar informações e transformá-las em conhecimento. [...] Por isso essa revolução não apenas pode consolidar desigualdades sociais como também elevá-las. (AMADEU, 2003, p.15)

Nas sociedades modernas, as categorias “conectados” e “desconectados” se referem à desigual distribuição de acesso aos mais diversos meios de comunicação – livros, jornais, rádio, telefone, televisão e Internet. Embora focalize o

acesso à Internet e seu uso, a exclusão digital não pode ser dissociada do acesso a outras tecnologias da comunicação com as quais tem várias complementaridades e, até mesmo, tendências à convergência (SORJ, 2003, p. 59).

Para Sorj (2003) a exclusão digital possui forte correlação com outras formas de desigualdade social e, em geral, as taxas mais altas desta exclusão se encontram nos setores de mais baixa renda. A desigualdade social no campo das comunicações, na sociedade moderna de consumo de massa, não se expressa somente no acesso ao bem material – rádio, telefone, televisão, Internet –, mas também na capacidade do usuário de retirar, a partir de sua capacitação intelectual ou profissional, o máximo proveito das potencialidades oferecidas por cada instrumento de comunicação e informação.

As difusões das novas tecnologias de comunicação e as consolidações do uso da internet devem abrir novas perspectivas para ampliação do espaço público de conhecimento. Contudo, deve-se questionar se essas tecnologias são capazes de garantir um acesso igualitário ao conhecimento, bem como seu compartilhamento efetivo. Segundo UNESCO (2005) esta deve ser a pedra fundamental das sociedades do conhecimento autênticas, que serão fontes de desenvolvimento humano e social.

Para o PNUD a revolução tecnológica é, antes de tudo, uma questão nacional. As transformações tecnológicas dependem da capacidade de cada país para estimular a criatividade da sua população, permitindo-lhe compreender e dominar a tecnologia, inovando e adaptando essa tecnologia às suas necessidades e oportunidades específicas.

O Comitê para Democratização da Informática afirma que é preciso ir além de simplesmente oferecer cursos básicos que normalmente estão voltados à lógica de mercado. Há que se estimular o exercício da cidadania, a aquisição de conhecimentos, a capacitação profissional dos cidadãos, a produção de conteúdo das comunidades, a divulgação de oportunidades locais.

Na sociedade do conhecimento pode-se observar como se multiplicam as brechas da exclusão. O número de internautas aumenta rapidamente: em 1995 representava 3% da população mundial e em 2003 esse número chega a 11%, o que corresponde 600 milhões de pessoas. Desses 11%, 90% vivem em países desenvolvidos, 30% na América do Norte, 30% na Europa e 30% na Ásia e no

Pacífico. Esses números situam o verdadeiro contexto do processo de inclusão nas novas tecnologias no mundo.⁷

Quanto à estrutura necessária à sociedade da informação, Miranda (2000) afirma:

Um elemento essencial para a construção da sociedade da informação no Brasil é a implantação de uma sólida plataforma de telecomunicações, na qual possam difundir-se e florescer as aplicações em áreas de alto conteúdo e retorno social, como educação, saúde, meio ambiente, agricultura, indústria e comércio.

Um grande número de países em desenvolvimento está em boa posição para tirar partido das oportunidades da revolução tecnológica e promover o desenvolvimento humano. Outros, porém, deparam-se com barreiras consideráveis, como a falta de um ambiente econômico propício à inovação e de instituições e competências que permitam adaptar as novas tecnologias às necessidades locais.

O padrão de especialização de mão-de-obra e conhecimento exigidos para o novo modelo econômico proposto pela sociedade da informação pode agravar ainda mais a desigualdade entre os países especializados em gerar novos produtos e serviços e os demais, que implementam os projetos desenvolvidos pelos países líderes.

No Livro Verde (TAKAHASHI, 2000) está explícito que o padrão de exigência de especialização tem profundo impacto na distribuição das oportunidades de trabalho, no padrão de consumo da sociedade e na repartição da renda entre países.

Ainda segundo o Livro Verde (TAKAHASHI, 2000) é necessário trabalhar no sentido de buscar soluções definitivas para que as pessoas dos diferentes segmentos sociais tenham amplo acesso à Internet, evitando criar a classe social dos “info-excluídos”. Para tanto, torna-se necessário a universalização de serviços e a sua democratização, pois não basta disponibilizar o acesso às TICs, é preciso permitir as pessoas que atuem como provedores ativos dos conteúdos que circulam na rede.

No entanto, uma política econômica adequada pode fazer a diferença. A chave está em criar um ambiente que mobilize o potencial criativo da população para

⁷ Dados retirados de Hacia las sociedades del conocimiento. Publicado en 2005 por la Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura. Os dados são referentes ao seguimento da EPT no mundo 2003/2004 – sobre a igualdade entre os sexos.

utilizar e desenvolver as inovações tecnológicas. Segundo PNUD, são necessárias políticas pró-ativas de estímulo à inovação, tais como:⁸

- Política tecnológica para promover entendimento comum entre os vários atores fundamentais acerca do papel central da tecnologia na diversificação econômica;
- Reformas com objetivo de aumentar a concorrência no setor das telecomunicações para proporcionar às pessoas e às organizações um melhor acesso às tecnologias de informação e comunicação;
- Estimular a investigação orientada para a tecnologia. Os governos podem promover laços entre universidades e empresas e oferecer incentivos fiscais à investigação e desenvolvimento das empresas privadas;
- Estimular o setor privado, com incentivos às novas iniciativas de base tecnológica.

O crescimento da internet vai ao encontro dos aspectos econômicos e educacionais. Vivemos numa sociedade em que 20% da população mundial concentra 80% da renda. Cabe prever se o ritmo atual de crescimento do número de internautas deve diminuir à medida que sua proporção esbarra nos 80% restantes da população mundial.

Para acessar a internet em um sistema convencional, é necessário ter um provedor, telefone e um computador. Considerando valores atuais, esse custo não sai por menos de R\$ 1.037,43 (mil e trinta e sete reais e quarenta e três centavos).⁹ Sem esses elementos torna-se inviável o acesso a rede de computadores. Essa é a nova faceta da exclusão social. O resultado disso é o analfabetismo digital, a pobreza e a lentidão comunicativa, o isolamento e o impedimento do exercício da inteligência coletiva. (SILVEIRA, 2003).

Além dos fatores econômicos, é necessário avaliar a origem dessa brecha digital, que, provavelmente, não está apenas no acesso à tecnologia. Devem-se considerar também os aspectos sociais envolvidos nesse processo. Dentre os mais

⁸ Disponível em: <http://www.pnud.org.br/hdr/hdr2001/portugues/4.Chapter4_0516.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2007.

⁹ Custo da assinatura básica da linha telefônica fixa (R\$ 38,43); computador Celeron 2.66 Ghz 256MB HD80GB CD-RW – R\$ 990,00 (gabinete, mouse, teclado e caixas de som) no site www.submarino.com.br não estão inclusas taxas adicionais.

relevantes está a capacidade cognitiva dos usuários de TIC's que acumulam as principais causas da dificuldade de acesso ao conhecimento no acesso à informação, à educação, à investigação científica e na diversidade cultural e lingüística que representam a verdadeira base da sociedade do conhecimento.

Segundo Vilela (2005) os excluídos do mundo digital perdem mais que informação: têm a cidadania limitada. A Internet facilitou o acesso a órgãos públicos, a sites sobre direitos e deveres, a serviços como declaração de imposto de renda e requisição de aposentadoria. Quem não tem como se conectar à rede enfrenta dificuldades como deslocamento e filas do INSS.

A redução da exclusão digital é de responsabilidade de todos os países, sejam eles desenvolvidos ou em desenvolvimento. Isso levou o poder público a buscar alianças estratégicas e mobilização das organizações internacionais, o setor privado, as organizações e sociedade civil. Em cooperação, o G-8 (grupo dos oito), que reúne líderes dos sete países mais ricos do mundo e a Rússia, na cúpula de Genebra, em 2001, aprovou um plano de ação em que se prevêem as funções das novas tecnologias nas estratégias de desenvolvimento e suas contribuições na luta contra a pobreza.

As estatísticas a seguir demonstram algumas variáveis consideradas na análise das brechas digitais, que podem tanto excluir-se mutuamente e combinar-se de acordo com as situações nacionais e locais.

Tabela 2 – Brecha digital multiforme

Fatores que influenciam	Tipo de influência
Recursos econômicos	Preço elevado dos computadores e das telecomunicações; alto investimento em infraestrutura de telecomunicações representa poderoso fator de desigualdade.
Geografia	Diferenças entre zonas urbanas e rurais (maior acesso à internet em zonas urbanas); dificuldade de acesso à terra e ao crédito; livre circulação de mão-de-obra.
Idade	Jovens utilizam mais as TICs e suas aplicações, mas constituem um público vulnerável às diferenças econômicas e sociais. Baixa capacitação dos jovens para utilização das tecnologias.
Gênero	Dois terços dos analfabetos digitais são mulheres.

	Nos países em desenvolvimento uma mulher em cada duas não sabe ler. Nos países industrializados as mulheres representam parcela significativa dos usuários de internet.
Língua	O uso da língua inglesa no processo de difusão da internet restringe a utilização dos demais idiomas no ciberespaço.
Educação e a procedência sociológica e cultural	A iniciação às novas tecnologias destina-se a converter-se em elemento fundamental à educação de todos? A sociedade pós-industrial necessita de mudanças na educação e formação de seus membros.
Trabalho	Em muitos países o acesso à internet se restringe ao local de trabalho e aos “cibercafés” que não estão ao alcance de todos.
Baixa capacitação	Em 2000 apenas 23,9% da população americana não estava capacitada ao uso das novas TICs, enquanto no restante do mundo esse número chega à 51,7%. Isso dar-se-á porque nos EUA muitas pessoas que ficam em casa vêm na internet a única forma de socialização.

Fonte: Futuro da Sociedade do Conhecimento. UNESCO (2005).

Além das diferenças econômicas entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, existem num mesmo país as diferenças de acesso ao conhecimento provenientes das disparidades econômicas e sociais. As sociedades necessitam de políticas públicas eficazes que conduzam os rumos que a TIC deve tomar para o melhor aproveitamento do seu potencial.

Segundo IBGE, entre os bens duráveis, a aquisição de computador foi que mais cresceu nos últimos anos. Em 2001, ano em que a PNAD passou a pesquisar a existência de microcomputador nas residências, constatou-se que 12,6% dos domicílios tinham este equipamento. Verificou-se, também, que em 8,6% dos domicílios havia microcomputador ligado à Internet. De 2001 até 2005, as taxas de crescimento das moradias com microcomputador foram muito superiores às constatadas para os demais bens duráveis investigados, fazendo com que a proporção desse bem alcançasse 18,8%, em 2005. Nesse ano, a proporção de domicílios com computador ligado à Internet atingiu 13,9%.

Em 2005, foi investigado pelo PNAD, como tema suplementar, o acesso à Internet e, também, a posse de telefone móvel celular para uso pessoal. Alguns

resultados desse levantamento, que abrangeu a população de 10 anos ou mais de idade, estão sendo divulgados agora e, posteriormente, serão liberados os resultados completos dessa investigação.

- No total da população de 10 anos ou mais de idade, verificou-se que 21,0% acessaram à Internet em algum local (domicílio, local de trabalho, escola, centro de acesso gratuito ou pago, domicílio de outras pessoas ou qualquer outro local), por meio de microcomputador, pelo menos uma vez, no período de referência dos últimos três meses, em 2005.
- Em termos regionais, constataram-se dois patamares distintos desse indicador. Os percentuais de pessoas que acessaram à Internet nas Regiões Norte e Nordeste foram praticamente iguais (12,0% e 11,9%, respectivamente), situando-se em nível muito inferior aos das Regiões Sudeste (26,3%), Sul (25,6%) e Centro-Oeste (23,4%).
- Em termos de gênero, o percentual de homens que acessaram à Internet situou-se em 22,0%, um pouco acima do indicador referente ao contingente feminino (20,2%).
- Considerando a população por idade, verificou-se que a utilização da Internet estava mais concentrada nos grupos etários mais jovens. No grupo de 15 a 17 anos de idade, 33,9% das pessoas acessaram à Internet, sendo este resultado maior do que nas demais faixas etárias. Esse percentual foi declinando com o aumento da faixa de idade, atingindo 3,3% no contingente de 60 anos ou mais de idade. A proporção de pessoas que acessaram à Internet no grupo etário de 10 a 14 anos (24,4%), ficou acima daqueles das idades a partir de 30 anos, tanto na parcela feminina como na masculina. Constatou-se ainda que, na faixa de 10 a 24 anos de idade, o percentual de pessoas que acessaram à Internet na população feminina foi maior que na masculina. A partir dos 25 anos de idade, o comportamento foi inverso.

- Quanto mais elevado era o nível de instrução, maior foi a proporção das pessoas que acessavam à Internet. Enquanto 2,5% das pessoas sem instrução ou com menos de 4 anos de estudo acessaram à Internet, no contingente com 15 anos ou mais de estudo este percentual alcançou 76,2%. Esse mesmo comportamento foi constatado em todas as Grandes Regiões e para ambos os gêneros.
- A proporção de pessoas que acessaram à Internet também foi crescente com o aumento da faixa de rendimento mensal domiciliar *per capita*. Na faixa de sem rendimento até $\frac{1}{4}$ do salário mínimo *per capita*, o percentual de pessoas que acessaram à Internet situou-se em 3,3% e alcançou 69,5% na de mais de 5 salários mínimos. Essa mesma evolução foi observada em todas as Grandes Regiões.

Segundo o Comitê Gestor da Internet no Brasil, em pesquisa realizada no segundo semestre de 2006, como no restante do mundo, os fatores socioeconômicos ainda são os principais determinantes do acesso às tecnologias da informação no Brasil (quanto maior a renda e a escolaridade, maior o acesso) e as desigualdades regionais também se reproduzem nos critérios de posse e uso de tecnologias da informação (os habitantes das regiões mais ricas têm mais acesso e utilizam mais essas tecnologias).

O relatório inicial do Comitê Gestor da Internet no Brasil mostra que entre 2005 e 2006 houve um aumento de 2.092.800 domicílios a mais com computadores; 1.408.000 domicílios a mais possuem acesso à internet; 8.172.000 pessoas a mais são usuárias de computador; 7.642.000 pessoas a mais são usuárias da internet. O que representa 33,1% de pessoas a mais usando computador e 27,8% a mais de pessoas utilizando internet.

Observasse a seguir que o número de pessoas que não acessam a internet ainda é considerado alto:

Tabela 3 – Uso de internet no Brasil

	2005		2006	
	%	Projeção por pessoas	%	Projeção por pessoas
Já utilizou computador	45,2	64.636.000	45,7	69.921.000

Utilizou computador nos últimos 3 meses	29,7	42.471.000	33,1	50.643.000
Nunca utilizou o computador	54,8	78.364.000	54,3	83.079.000
Já utilizou internet	32,2	46.046.000	33,3	50.949.000
Utilizou internet nos últimos 3 meses	24,4	34.892.000	27,8	42.534.000
Nunca utilizou internet	67,8	96.954.000	66,7	102.051.000

Fonte: Comitê Gestor da Internet no Brasil

As classes sociais D e E utilizam o computador predominantemente em centros públicos de acesso pago (34%), como *lan houses* e *cyber cafés*, e na escola (30%) – já que são as que menos possuem computador em casa. A maioria das pessoas da terceira idade utiliza internet em casa (79,64%); os adultos entre 25 e 44 anos utilizam mais em casa (55,79%) e no trabalho (38,88%); enquanto os jovens de 10 a 15 anos utilizam mais em casa (28,98%), nos centros de acesso público pagos (38,74%) e na escola (24,13%). As principais barreiras para não adquirir internet são: o custo elevado do computador (67,55%) e alto custo de acesso à internet (31,69%).¹⁰

Para fins comparativos, segundo pesquisa divulgada em setembro de 2003 pela ANATEL, somente 8% da população brasileira têm acesso à internet. Desse total, apenas 9,3% pertencem às classes C, D e E. Esse é o atual quadro da nossa exclusão digital.

O estado tem a responsabilidade de induzir o setor privado a se envolver no movimento de inclusão e participar ativamente das ações nesse sentido. Segundo Amadeu (2003), a responsabilidade das empresas no processo de inclusão digital deve-se ao fato de serem beneficiadas diretamente com o processo.

Deve-se considerar que as ações de inclusão digital são importantes para a redução da miséria, rompendo a reprodução do ciclo da ignorância e do atraso tecnológico, mas acabam favorecendo os grandes conglomerados da nova economia com uma mão-de-obra capacitada, com experiência no uso das redes e com habilidades em informática básica, criando também enorme contingente de consumidores de produtos de informática, hardware, software e serviços de manutenção. (AMADEU, 2003).

¹⁰Dados retirados do site do Comitê Gestor da Internet no Brasil. A pesquisa foi realizada entre agosto e setembro de 2005 e 2006 respectivamente em que investigam a penetração e uso da internet, incluindo questões específicas sobre uso de governo eletrônico, comércio eletrônico, segurança, educação, barreiras de acesso, entre outros. Comparabilidade internacional (modelo Eurostat/OECD). As entrevistas foram realizadas de modo presencial (domiciliar) e por telefone (empresas). A margem de erro de no máximo 1,5% nacional e 5% regional.

O Livro Verde (TAKAHASHI, 2000) faz referência aos obstáculos para penetração e uso de internet:

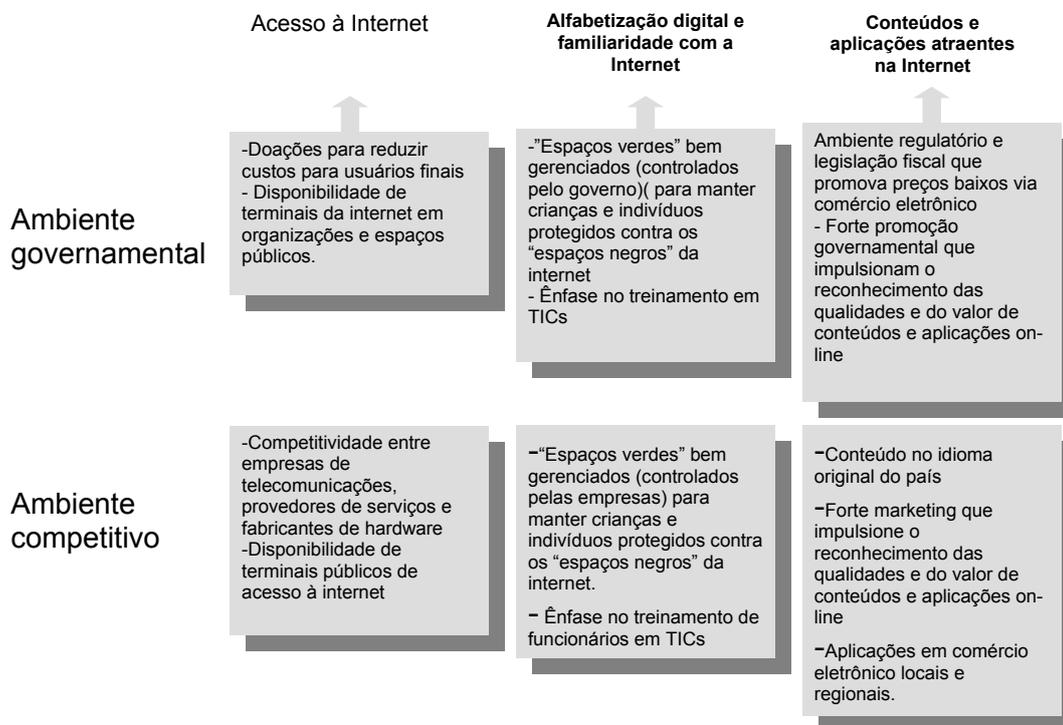


Figura 4: Obstáculos para penetração e uso da internet

Fonte: Booz- Allen e Hamilton (2000 apud TAKAHASHI, 2000), com adaptações.

Esta obra também faz um panorama histórico do desenvolvimento das TICs. Desde meados dos anos 60, quando a Organização das Nações Unidas iniciou o processo de discussão das novas tecnologias de informação e comunicação, observou-se que estas seriam consideradas vetores de desenvolvimento econômico. A partir dos anos 80, inúmeros países como o Brasil conceberam planos nacionais de capacitação tecnológica e de produção doméstica de bens e serviços em informática, como potenciais atalhos rumo ao desenvolvimento. Na década de 90, esse processo ganhou espaço. Nessa concepção, atribuiu-se peso ao balanceamento da capacidade de geração, aplicação e uso das TICs, conforme figura 2 a seguir:



Figura 5: Aspectos de capacitação tecnológica

Fonte: SocInfo (apud TAKAHASHI 2000).

A geração de tecnologia resulta de esforço das comunidades de pesquisa. Tecnologias geradas são objeto de transferência para o setor produtivo, onde ocorre sua aplicação em novos bens e serviços. Finalmente, tecnologias têm larga disseminação mediante uso por parte dos clientes dos bens e serviços em que elas são incorporadas. (TAKAHASHI, 2000, p.47).

As possibilidades democráticas podem ser influenciadas pelas novas tecnologias, uma vez que estas tecnologias têm capacidade de mudar a maneira pela qual as pessoas, em grande número, interagem e se comunicam. Como resultado, são criadas novas possibilidades para a configuração institucional de potenciais reformas democráticas – em consideração aos possíveis mecanismos institucionais de consulta à opinião pública, sejam eles oficiais ou não-oficiais. Podem-se chamar estas possibilidades democráticas virtuais de “cyberdemocracia” ou “democracia digital”. (VILELA, 2005)

As principais linhas de ação do Poder Executivo Federal em tecnologia da informação e comunicação estão estruturadas caminhando em direção a um governo eletrônico, promovendo a universalização do acesso aos serviços, à transparência das suas ações, à integração de redes e o alto desempenho dos seus sistemas.

No ano 2000, o Governo Brasileiro lançou as bases para a criação de uma sociedade digital ao criar um Grupo de Trabalho Interministerial, com a finalidade de examinar e propor políticas, diretrizes e normas relacionadas com as novas formas eletrônicas de interação, pelo Decreto Presidencial de 3 de abril de 2000.

A gestão do governo eletrônico brasileiro é de atribuição do Comitê Executivo do Governo Eletrônico – CEGE – presidido pelo chefe da Casa Civil da Presidência da República.

A Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão exerce as atribuições de Secretaria Executiva e provê o apoio técnico-administrativo necessário ao funcionamento do CEGE. O governo eletrônico deve ser tratado como instrumento de transformação profunda da sociedade brasileira, o que obriga a levar em conta os múltiplos papéis do governo federal neste processo.

Por orientação do governo, o trabalho do GTTI concentrou esforços em três das sete linhas de ação programa Sociedade da Informação: universalização de serviços, governo ao alcance de todos e infra-estrutura avançada.¹¹

O Governo Eletrônico é uma forma de ampliar discussões, democratizar o acesso a informação, dinamizar a possibilidade e a realização de negócios e economizar recursos públicos. Os principais serviços oferecidos ao cidadão pelo Governo Eletrônico são: pagamentos eletrônicos ao governo, certidões nada consta, processos na justiça, alvarás, denúncias, centrais de atendimento, serviços da previdência social, serviços do departamento de trânsito, Receita Federal, dentre outros serviços da esfera executiva, legislativa e judiciária do governo federal. Há no Brasil pelo menos duas dessas aplicações de governo eletrônico que são modeladores de padrão mundial: a declaração de imposto de renda e a votação eletrônica.

O programa GESAC – Governo Eletrônico – Serviço de Atendimento ao Cidadão, do Governo Federal, tem como meta disponibilizar acesso à Internet e mais um conjunto de outros serviços de inclusão digital a comunidades excluídas do acesso e dos serviços vinculados à rede mundial de computadores. Segundo dados do programa, existem, atualmente, no Brasil, 3.195 pontos de presença, como são chamados esses espaços.

Segundo Miranda (2007) neste programa a conexão é estabelecida por meio de satélite, facilitando alcançar regiões onde ainda é raro encontrar possibilidade de conexão internet. Espaço físico de instalação do Programa é aberto ao público, sem cobrança de uso e possui em média 07 computadores, 01 impressora e outros equipamentos. Destinam-se ao desenvolvimento de atividades comunitárias, tais como: cursos de informática, oficinas de capacitação em TIC's, acesso à internet para uso livre, atividades pedagógicas, entre outras iniciativas.

Ainda segundo Miranda (2007) o desenvolvimento dos projetos sociais utilizando-se das TIC's de forma solidária, buscando a construção coletiva e a troca de experiências e idéias estimulam iniciativas que busquem a participação dos membros da comunidade local e utilizem os pontos de presença e seus recursos. Os resultados do investimento em inclusão digital aparecem como benefícios sociais na forma de crescimento socioeconômico, como a maior interação da comunidade nas

¹¹Disponível em: <www.planejamento.gov.br>. Acesso em: 20 jan. 2007.

ações políticas de sua região, melhoria da qualidade de vida, eliminação das fronteiras geográficas, sociológicas e culturais.

Existem hoje algumas iniciativas com intuito de contabilizar os projetos e iniciativas de inclusão digital no Brasil.

O Mapa da Inclusão Digital (MID) é o mapeamento de programas e projetos e seus respectivos pontos de inclusão digital (PIDs) existentes no Brasil, no intuito de mensurar o avanço da inclusão digital no país por parte de agentes públicos e privados. Este trabalho é uma proposta da Mediateca (Ocip), aprovada pelo Instituto Telemar no âmbito do Projeto Novos Brasileiros 2005, em cooperação firmada com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict). O MID atingiu o total de 108 programas/projetos e 16.722 iniciativas, não sendo consideradas as iniciativas comerciais e as empresas de processamento de dados. A pesquisa abrangeu todos os estados e capitais. A soma das populações dos 3 mil municípios envolvidos representam a maior parte da população do país (IBICT, 2007).

O observatório Nacional da inclusão digital (Onid), organizado pela Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação do Ministério do Planejamento, tem evidado esforços para mapear os projetos de inclusão digital no Brasil.

2.8 Responsabilidade Social

No Livro Verde (TAKAHASHI, 2000) está descrito que o setor privado é o que dispõe da maior capacidade de investimento e de inovação, do dinamismo e das condições de ação abrangente e ao mesmo tempo capilarizada, para implementar a estrutura necessária à sociedade do conhecimento. Diante disso, esse setor, em colaboração com diferentes grupos da sociedade civil e com o governo, deve representar a mola propulsora dessa sociedade.

O Dicionário Houaiss define "responsabilidade" como sendo a obrigação de se responder pelas ações próprias ou pelas ações dos outros. Definição que se repete no Aurélio e no dicionário Michaelis.

Já o Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano define o termo como a possibilidade de prever os efeitos do próprio comportamento e de corrigir o mesmo comportamento com base em tal previsão.

Ghemawat (2000) afirma que o planejamento estratégico de uma organização deve ser baseado pela prospecção do cenário em que está inserida. As ações baseadas na análise ambiental, instrumento de prospecção, levam as organizações a pensarem sobre novos rumos dos cenários negócios de modo a criar maior valor aos seus consumidores e maior vantagem competitiva. No início do século XXI, as mudanças são muito rápidas. Alto avanço tecnológico, aumento considerável da degradação do meio ambiente e conscientização dos impactos dessa destruição, alta conectividade, baixa formação de mão-de-obra, infra-estrutura precária, competitividade global, contínuas mudanças econômicas e sociais são características desse novo milênio.

Kotler e Armstrong (2003) afirmam que as empresas têm sido acusadas de vender um excesso de bens privados a expensas de bens públicos. À medida que os bens privados aumentam, aumentam também as necessidades por serviços públicos que, muitas vezes, não estão previstos para um futuro próximo. Na tentativa de buscar solução para tal impasse, Kotler e Armstrong (2003) propõem que as empresas arquem com os custos sociais provocados por suas operações. Uma das formas de minimizar os males econômicos e sociais que provocam, ou que são acusadas de provocar, é a defesa do meio ambiente e das causas sociais.

Os resultados finais da Pesquisa Ação Social das Empresas (IPEA, 2006), realizada pelo Ipea pela segunda vez em todo o Brasil, apontam um crescimento significativo, entre 2000 e 2004, na proporção de empresas privadas brasileiras que realizaram ações sociais em benefício das comunidades. Neste período, a participação empresarial na área social aumentou 10 pontos percentuais, passando de 59% para 69%. São aproximadamente 600 mil empresas que atuam voluntariamente. Em 2004, elas aplicaram cerca de R\$ 4,7 bilhões, o que correspondia a 0,27% do PIB brasileiro naquele ano. A partir da realização desta segunda edição da Pesquisa, tornou-se possível iniciar a construção, de maneira inédita, de uma série histórica que permite o acompanhamento da evolução do

comportamento da iniciativa privada na área social desde finais da década de 1990.¹²

2.8.1 Estação Digital

2.8.1.1 Apresentação

A Estação Digital é um projeto social que faz parte do Programa de Inclusão Digital da Fundação Banco do Brasil em parceria com organizações da sociedade civil e instituições públicas.

Este projeto busca apoiar a mobilização das pessoas da comunidade para a resolução dos seus problemas. Assim, a estação deve ser reconhecida pela comunidade como um espaço dela, onde as pessoas se envolvem com as atividades e contribuem para a promoção e a concretização de seus objetivos.

São objetivos da Estação Digital:

- promover o desenvolvimento e o fortalecimento de projetos comunitários e de prestação de serviços na área social;
- capacitar o público beneficiado, por meio de uma metodologia específica, a qual engloba o domínio de conhecimentos e técnicas na área de informática associados a uma visão ética do mundo;
- promover a troca de informações na Rede do Programa para gerar mais conhecimento, auxiliando na capacitação e desenvolvimento dos alunos;
- oferecer uma ferramenta atual, eficiente e atraente de profissionalização e inserção promissora no mercado de trabalho.

Em síntese, a missão de uma Estação Digital não se resume apenas a oferecer aulas de informática, e, sim, contribuir com a comunidade local para o desenvolvimento de sua qualidade de vida.

¹² Disponível em: <<http://ipea.gov.br>>. Acesso em: 06 mar. 2007.

Com a disponibilidade de um espaço próprio, a comunidade usufrui das tecnologias de informação e comunicação, recebe aulas de informática e obtém outras facilidades tecnológicas a baixo custo, contribuindo para a melhoria das condições econômicas, sociais, culturais e políticas da comunidade.

O espaço físico da Estação Digital disponibiliza equipamentos, Internet banda larga e pessoal capacitado para facilitar o acesso à tecnologia da informação.

A Estação Digital é instalada em regiões de maior exclusão social, visando levar os benefícios da informática às comunidades menos favorecidas.

Atualmente, existem 186 unidades de Estações Digitais implantadas no Brasil. A implantação do programa se dá mediante um planejamento orientado, com a sensibilização e o envolvimento da comunidade, suas lideranças e demais agentes sociais locais, promovendo um relacionamento sinérgico entre eles. A instalação das Estações Digitais sempre é feita em espaços que demonstrem credibilidade e respeito comunitário.

O educador social, será o responsável pela Estação. Geralmente este papel é desempenhado por pessoas atuantes ou líderes comunitários indicados e escolhidos inicialmente por critérios de liderança, engajamento em lutas por causas sociais, conhecimentos mínimos em informática, etc. Esses educadores sociais são capacitados pela Fundação Banco do Brasil, onde lhes são apresentadas as atribuições da função e o funcionamento da Estação Digital.

Os parceiros do programa são o Banco do Brasil (parceira estratégica) e parceiros locais, como os governos federal, estaduais, municipais e entidades civis sem fins lucrativos.

2.8.1.2 Objetivo

Contribuir para a melhoria das condições econômicas, sociais, culturais e políticas das comunidades por meio do acesso às tecnologias da informação e comunicação. Serão estimulados o empreendedorismo e o trabalho social comunitário, propiciando formação e qualificação para o trabalho às comunidades atendidas, de forma a minimizar a exclusão social existente na sociedade brasileira.

2.8.1.3 Público de Interesse

- População urbana e rural sem acesso às novas tecnologias de informação e comunicação;
- Localidades com baixo IDH;
- População beneficiada por outros programas sociais desenvolvidos pela Fundação Banco do Brasil com vistas a explorar sinergias e potencializar possíveis ações da fundação;
- População em situação de exclusão bancária.

2.8.1.4 A Estação Digital e a comunidade

A Estação Digital é um espaço social, ou seja, dispõe-se a facilitar a mobilização das pessoas da comunidade. Existem algumas maneiras de atrair as pessoas e fazer com que elas se envolvam nos trabalhos realizados, tais como:

Criar uma cultura digital na comunidade, estimulando as pessoas a visitarem a Estação Digital em horários livres, para executar tarefas simples, como: enviar um e-mail, imprimir um documento ou simplesmente ter o seu primeiro contato com o computador. Estas ações são importantes para tornar a Estação Digital um espaço de convívio, um centro de serviços para a comunidade, ou seja, uma nova referência no dia-a-dia das pessoas.

Se a comunidade não tem um local certo para se reunir e debater suas principais questões, a Estação Digital pode se transformar nesse espaço de convívio social. Esta é uma oportunidade para que os líderes comunitários se interessem pelo fortalecimento da Estação como um espaço físico da comunidade, percebendo o quanto à tecnologia da informação tem a beneficiar o desenvolvimento comunitário.

Quando uma necessidade ou problema é identificado na comunidade, a Estação Digital pode facilitar a busca de soluções com a promoção de eventos e momentos interativos com a comunidade.

2.9 Conclusões da Revisão de Literatura

A revisão de literatura teve como objetivo situar a presente pesquisa na área da Ciência da Informação.

A Ciência da informação, como uma ciência interdisciplinar, propicia o estudo da transferência de informação dentro de grupos sociais e seus impactos na construção de uma sociedade mais justa.

Entende-se por sociedade justa aquela que viabiliza a inclusão de seus membros em todas as esferas sociais. Para tanto, é necessário observar alguns aspectos constituintes de uma comunidade com intuito de viabilizar sua análise.

O capital social está definido por três fatores inter-relacionados: confiança, normas e cadeias de reciprocidade e sistemas de participação cívica. Este último, definido como sistemas que permitem às pessoas cooperarem, ajudarem-se mutuamente, zelarem pelo bem comum promovendo a prosperidade. Constitui um bem público, a produção de resultados coletivos, não individuais.

O capital social busca compreender, como as pessoas interagem entre si. Essas relações são vitais para se entender a dinâmica do fluxo de informações dentro de uma comunidade. As relações de transferência de informação interferem diretamente na comunicação do conhecimento e na sua disseminação.

Para entender como esse processo ocorre, utilizar-se-á nesta pesquisa o princípio de redes sociais. A construção de uma rede social permite analisar questões sociais pertinentes ao grupo envolvido, tais como: capacidade de transferência de informação entre os membros deste grupo, confiança interpessoal entre os membros do grupo, capacidade de identificar e buscar soluções para os problemas do grupo, coesão, fontes de informações significativas para a comunidade, dentre outras questões relevantes.

A inclusão digital é uma das diversas formas de inclusão social na chamada sociedade do conhecimento. Considerando que a comunicação fundamental da sociedade do conhecimento é a comunicação mediada por computador, o acesso à informação às TICs torna-se caminho necessário às pessoas que fazem parte desta sociedade.

Quem não possui acesso às TICs tem a cidadania limitada. As difusões das novas tecnologias de comunicação e as consolidações do uso da internet possibilitam novas perspectivas para ampliação do espaço público de conhecimento.

A estação digital, neste contexto, tem como objetivo viabilizar o acesso às informações de cunho pessoal e social para o desenvolvimento da comunidade. É um espaço facilitador da mobilização das pessoas da comunidade. A Estação Digital contribui com a comunidade local para o desenvolvimento de sua qualidade de vida.

3 METODOLOGIA

Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informações suficientes para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não pode ser adequadamente relacionada ao problema. (GIL, 2002).

[...] a pesquisa em ciência da informação apresentaria um problema particular que podemos identificar de modo quase imediato: se existe grande diversidade na definição das heurísticas afirmativas, as que definem as estratégias metodológicas de construção do objeto e que permitem a estabilização cumulativa do domínio, maior é a dificuldade para estabelecer as heurísticas negativas, as que definem o que não poderia ser considerado objeto do conhecimento da ciência da informação, condição diferencial que facilita e propicia as relações de reconhecimento e complementaridade com outras disciplinas. E isto acontece na ciência da informação por um lado, pela referência intrínseca de seu objeto a todos os outros modos de produção de saberes, gerando constantemente novas treliças interdiscursivas e, por outro lado, pela natureza estratificada e poliepistemológica dos fenômenos ou processos de informação. (SILVA, 2006, p. 75)

Considerando a análise dos autores acima, pode-se afirmar que a metodologia análise de redes sociais pode ser empregada nos estudos de Ciência da Informação por seu caráter multidisciplinar.

A escolha dessa metodologia se deu em face do caráter social da pesquisa. A análise das relações sociais busca compreender a autonomia do indivíduo, sua vocação comunitária, seus princípios filosóficos, éticos, culturais e sua disposição para a inserção social. O viés qualitativo foi fundamental para a montagem dos parâmetros, já que os constructos das medidas são, por natureza, sociais, subjetivos em sua realização e compreensão.

3.1 Metodologia de análise de redes sociais

A abordagem para análise de redes sociais dada a este estudo é, segundo Silva (2003), a analítica relacional (coesão) e a centrada nos egos.

A análise da coesão da rede social é focada no estudo dos subgrupos e dos *cliques*, que constituem objeto de estudo de sociólogos e antropólogos. Na pesquisa identificou-se os subgrupos do grupo Itapoã e os *cliques* que dele emergem. Assim foi possível desenhar a rede social de Itapoã.

Os *cliques* são identificados pela relação de proximidade entre os membros da rede. São considerados *cliques*, segundo Wasserman e Faust (1994), os subgrupos formados por no mínimo três nós. Com este cálculo foi possível identificar o número de *cliques* da rede.

Na análise de centralidade, identificou os atores que atuam como fonte de informação na comunidade, sua influência perante o grupo e os tipos de informação (conteúdo) mais relevantes à comunidade. De posse desses dados, foi possível identificar se a Estação Digital cumpre o papel de fonte de informação para a construção do capital social.

Para Silva (2003) a representação gráfica de uma rede assemelha-se a um circuito de comunicação. Elas indicam que umas pessoas estão em contato com outras, mas não afirma como este contato acontece. O conteúdo e a forma de comunicação dependem da ligação entre os indivíduos.

A análise das relações foi baseada no estudo de Granovetter (1973), sobre a força dos laços. Uma vez que a estrutura gráfica da rede estiver determinada bem como a natureza das ligações, tem-se um modelo de transmissão de informação da rede.

A estação digital serviu de ponto de partida para a análise. A partir do contato feito com os educadores sociais e com a coordenadora do projeto foram levantados os três problemas centrais para a comunidade e sugestões de 15 nomes de usuários da estação digital, doravante denominados atores, para iniciar o processo de estruturação da rede social. A escolha dos nomes deu-se pela frequência de uso da estação digital como fonte de pesquisa. A partir desses nomes foi elaborada uma lista que foi à base das entrevistas e da aplicação dos questionários.

Partindo-se do pressuposto que cada ator está ligado a uma multiplicidade de relações, a partir da entrevista e das respostas dos questionários desses usuários, foram levantados dados referentes às variáveis pesquisadas, à indicação das quatro últimas pessoas e/ou entidades com que teve contato sobre os temas escolhidos e duas pessoas (chamados aqui de personagens-chave) em que

ele confia quando necessita de informações sobre os problemas centrais. Esses contatos serviram para delimitar, para fins de estudo, a rede social de Itapoã.

Considerando uma sociedade fragmentada, o que diferencia uma rede de um simples conjunto de indivíduos é a sua maior capacidade de mobilização. E quem possibilita essa mobilização são aqueles chamados de “personagens-chave”, ou “personagem ponte”, responsáveis pela comunicação na rede. Deroy-Pineau (apud ENCARNAÇÃO, 1999). Os personagens-chave ora citados pela autora são considerados, neste estudo, os líderes comunitários ou entidades mencionados acima.

Para efeitos de tabulação, se alguém citou uma pessoa que o citou, essa ligação é contada apenas uma vez, evitando redundância na contagem. A rede individual é formada por 07 atores, o entrevistado e seis contatos.

As pessoas mencionadas pelos usuários foram, portanto, algumas das principais responsáveis pela dinamização existente na rede e, por conseguinte, pela transferência de informação na rede social. Os atores ou entidades que obtiveram maior número de citações dos seus pares são considerados *centrais* na rede.

Os atores e as entidades mencionadas foram agrupados em campos sociais equivalentes para facilitar o entendimento da rede e assim possibilitar a estruturação dos subgrupos. Para facilitar o entendimento, foram criados quadros contendo as classificações de subgrupos, as referências de informações para comunidade, dentre outros *cliques* importantes ao entendimento do caso.

Para a análise foi criada a rede de relacionamentos dos atores participantes, a rede de laços (fortes e fracos) e a rede de afinidade entre eles. Assim foi possível identificar o fluxo da informação na rede.

O cálculo da centralidade permitiu identificar a posição dos atores relevantes em relação às trocas de informações. Quanto mais central for o indivíduo, mais estratégica é sua posição em relação à comunicação dentro da rede. Para esta pesquisa foram estudadas as centralidades de intermediação, proximidade e informação definidas por Wasserman e Faust (1994).

Os atores foram codificados e os dados obtidos na entrevista lançados no software de análise de redes sociais UCINET. Foram utilizadas as técnicas de estruturação da rede adotadas pelo software, daí o fato de não haver necessidade de explanação das fórmulas, dos cálculos numéricos, das estruturas de grafos e matrizes pertinentes ao programa.

É importante ressaltar que a rede de Itapoã representa um recorte empírico, ou seja, situou-se em um espaço e tempo definidos. O recorte em torno dos três problemas centrais da comunidade teve como intuito representar a mobilização do grupo em estudo e a forma como se orientam. Vale ressaltar que a rede não abordou toda a comunidade da região.

3.2 Método de Abordagem

A pesquisa ora proposta é de natureza descritiva, visto que seu referencial teórico está inserido na Ciência da Informação, no que se refere à transferência de informação. Seguem algumas definições e fundamentação para a escolha do método de abordagem.

Lakatos e Marconi (1991) conceituam método como conjunto de atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros–, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando nas decisões.

“Método, etimologicamente, é caminho que conduz a determinado fim.” (COSTA, 2001, p. 07).

Soriano (2004) afirma que as pesquisas realizadas nos campos sociais permitiram estruturar sistemas teóricos, criar melhores métodos e aprimorar técnicas para análise dos problemas nacionais. A análise dos fenômenos sociais com base no uso das teorias pertinentes e na metodologia científica evitará erros na tomada de decisões de interesse social.

Ainda segundo Soriano (2004) tendo em vista o atual contexto socioeconômico e político, na pesquisa comprometida com os grupos sociais é imperativo conhecer direta e profundamente os problemas sociais, a fim de descobrir suas causas e ter condições de oferecer soluções realistas.

O uso de métodos científicos nas pesquisas sociais permite uma análise dos fenômenos sociais, pelo estudo científico, das problemáticas sociais e busca apontar diretrizes políticas, estratégias e ações que visem à resolução desses problemas.

Para Soriano (2004), um estudo que busca conhecer os aspectos e relações dos fenômenos que ocorrem na sociedade será descritivo. Seu objetivo principal é obter um panorama mais acurado da magnitude do problema ou da situação, hierarquizar os problemas, extrair elementos de juízo para estruturas políticas ou estratégias operacionais, conhecer as variáveis e fixar as orientações para a prova dos pressupostos.

3.3 Métodos de Procedimentos

O método de procedimento, segundo Lakatos e Marconi (1991), têm etapas mais concretas da investigação, com finalidade mais restrita quanto à explicação geral dos fenômenos e menos abstratos. Pressupõe atitude mais concreta em relação ao fenômeno e está limitado a um domínio particular.

Os métodos de procedimentos utilizados são:

Qualitativo

A abordagem qualitativa assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um complexo sistema de significados. (NEVES, 1996).

Em se tratando de um estudo das relações entre atores sociais de um grupo, a perspectiva sociológica prevalece nas análises das relações dos indivíduos, na escolha das variáveis e na determinação dos indicadores.

Estudo de caso

Foi feito um estudo de caso na comunidade de Itapoã, cidade satélite do Distrito Federal, próxima ao Paranoá. A opção pelo estudo de caso deu-se pela complexidade da análise a ser desenvolvida, visto que foram analisados indivíduos com função de transmissão de informação na rede e a coesão das ligações entre os indivíduos. A metodologia para o desenvolvimento do presente estudo de caso é a metodologia de análise de redes sociais, citada anteriormente.

A análise qualitativa do estudo de caso, de acordo com Yin (2004), aplica-se “para explicar ligações casuais nas intervenções na vida real que são muito complexas” e “para fazer uma avaliação da intervenção realizada”. Segundo o autor, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “por que”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real.

Segundo Yin (2004), um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, isto é, descreve uma intervenção e o contexto na vida real em que ela ocorre.

Segundo Merriam (apud BOGNAM; BIIKLEN, 1994) o estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico.

Para Bognam e Biiklen (1994) o plano geral de estudo de caso pode ser representado como um funil. O início do estudo é representado pela extremidade mais larga do funil. Os investigadores procuram locais ou pessoas que possam ser objetos do estudo ou fontes de dados e, ao encontrarem aquilo que pensam interessar-lhes, de uma fase de exploração mais ampla, passa-se para uma análise mais restrita dos dados.

3.4 Pressupostos

Como pressupostos do estudo, partiu-se da idéia de que a transferência de informação em comunidades locais, mediadas por tecnologias de informação e comunicação utilizadas na estação digital, deve ter as seguintes características:

- O processo de inclusão digital promove a cidadania;
- A estação digital deve auxiliar no processo formativo do cidadão;
- A estação digital deve atuar como mediadora de informações para a comunidade;

- As necessidades das comunidades locais determinam o tipo de informação pesquisada;
- Comunidades coesas tendem a resolver melhor seus problemas informacionais.

3.5 Variáveis

Tabela 4 – Variáveis e indicadores

Categoria de variáveis	Variáveis	Indicadores
Relacionamento	Referência comunitária	<ul style="list-style-type: none"> • Existência de atores que representem referência para comunidade; • Importância deste personagem na comunidade; • Papéis desempenhados pela referência comunitária.
	Coesão	<ul style="list-style-type: none"> • Grau de afinidade entre atores; • Reciprocidade das ligações entre atores; • Diversidade de ligações entre atores; • Existência de troca de favores; • Frequência de ligações.
Transferência de informação	Comunicação na comunidade	<ul style="list-style-type: none"> • Fontes de informação utilizadas pela comunidade (instituições); • Meios de comunicação utilizados pela comunidade; • Personagens sociais que figuram como fonte de informação comunitária.
	Papel da estação digital	<ul style="list-style-type: none"> • Vínculo dos personagens sociais com a estação digital; • Expectativa dos indivíduos em relação à estação digital.
	Impacto da inclusão digital na comunidade	<ul style="list-style-type: none"> • Percepção do indivíduo em relação à inclusão digital; • Uso de tecnologias para acesso à informação; • Mudanças sociais oriundas da estação digital.

3.6 Definições Operacionais

Para identificar e analisar a Transferência de Informação das Estações Digitais para as Comunidades Locais e sua consequência na formação do Capital Social foi necessário definir alguns termos que sustentaram a estrutura da pesquisa.

Ator– indivíduo membro da comunidade estudada.

Líder Comunitário– indivíduo de uma comunidade que exerce influência sobre os demais. Possui capacidade de guiar o grupo. Assume, quando necessário, papel de representante do grupo a que pertence.

Entidade– grupos sociais (ONGs, OSCIPs, Igrejas, Associações, Cooperativas, dentre outros) que medeiam as necessidades da comunidade com a outros órgãos.

Comunidade– identifica um espaço delimitado de moradia. A comunidade é assim definida como cultural e socialmente homogênea, o que lhe confere criar uma identidade própria.

Redes– o termo rede será usado na pesquisa para detalhar um conjunto de pessoas com as quais o indivíduo está efetivamente em contato, bem como suas conexões.

Relacionamento– comportamento pessoal ou social que leva um indivíduo a interagir com outro; capacidade de conviver com outros.

Inclusão Digital– uso das TICs (tecnologia da informação e comunicação) para ter acesso à informação.

Internet– Rede de computadores dispersos por todo o planeta que trocam dados e mensagens utilizando um protocolo comum, unindo usuários particulares, entidades de pesquisa, órgãos culturais, institutos militares, bibliotecas e empresas de toda envergadura. (HOUAISS, 2001).

Informação– fato ou acontecimento que é levado ao conhecimento de alguém ou de um público por meio de palavras, sons ou imagens. Elemento de conhecimento susceptível de ser transmitido e conservado graças a um suporte e um código. No caso desta pesquisa, foi considerada informação toda aquela transmitida via computador para os usuários da estação digital.

Comunicação– ato de propagar; transmitir; participar um conteúdo a alguém.

Impacto social– mudanças nas pessoas e comunidades atendidas por projetos de inclusão digital.

Ligações– conectam um ator a outro.

Grupo– constitui um conjunto finito de todos os atores entre os quais serão medidas as ligações existentes;

Subgrupo– é o conjunto de atores e suas ligações, desde que representem um grupo. Subgrupo de dois atores recebe o nome de díade, e de três atores, da tríade.

Relação– é o conjunto de ligações de um tipo específico, como vizinhança, amizade, etc.

Posição– coleção de indivíduos que estão similarmente envolvidos em redes de racionamento.

Papel– padrões de relações obtidas entre atores ou posições.

3.7 Universo da Pesquisa

O Projeto Estação Digital da Fundação Banco do Brasil foi analisado, em vista do amplo acesso às informações, as quais facilitaram a aplicação dos métodos e análise das características. Atualmente estão implantadas 186 estações digitais por todo país.

3.8 Amostra da Pesquisa

Como a metodologia utilizada é um estudo de caso, foi escolhido intencionalmente o Projeto Estação Digital de Itapoã, na cidade satélite de Itapoã, periferia do Distrito Federal. A escolha desta estação foi feita por indicação da FBB,

como sendo uma das estações que mais se destacavam na atuação junto à comunidade, fato este necessário para elaboração de uma rede social.

A amostra é uma parte representativa do universo. Deve ter representatividade em relação ao universo. A amostra em estudo, não é aleatória porque os entrevistados foram indicados pela estação digital. O critério para escolha dos membros foi: tivessem mais de 18 anos e já tivessem feito curso de informática na estação digital. A escolha pela idade deu-se pela necessidade de identificar os aspectos sociais importantes à análise da rede social de Itapoã. Partiu-se do pressuposto que pessoas adultas seriam capazes de identificar e analisar melhor os problemas sociais da comunidade.

Como unidades de observação, foram pesquisados 15 usuários da estação digital e pessoas indicadas pelos educadores sociais, chamadas aqui de pessoas-chave, com papel significativo na transferência de informação para comunidade. A partir desses contatos foram levantados os membros da rede social de Itapoã, conforme descrito no item metodologia de análise de redes sociais, para desenho e análise.

A pesquisa aconteceu no período de fevereiro a junho de 2007, quando foram entregues os questionários aos entrevistados e feitas as entrevistas complementares à pesquisa com intuito de validar os dados coletados.

No tocante às entrevistas, foram realizadas com usuários da Estação Digital, integrantes do Projeto e pessoas indicadas como fontes de informação para a comunidade.

3.9 Técnica de Coleta de Dados

Técnica é um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência ou arte. É a habilidade para usar esses preceitos ou normas, a parte prática. Toda ciência utiliza inúmeras técnicas na obtenção de seus propósitos. (LAKATOS; MARCONI, 1991)

As técnicas utilizadas nessa pesquisa são definidas por Lakatos e Marconi (1991):

- Pesquisa documental: A pesquisa documental, que pode ser considerada como uma técnica de documentação indireta, de modo geral constitui um fim em si mesmo, com objetivos bem específicos, podendo exigir a utilização dos mais diversos tipos e formatos de materiais, tais como fichas, mapas, formulários, cadernetas, documentos pessoais, cartas, bilhetes, fotografias, fitas de vídeo, discos e páginas na Internet. Foi realizada busca de informações em documentos primários e secundários, com vistas ao levantamento histórico da comunidade com dados do tipo: histórico da comunidade, identidade comunitária, localização, recursos naturais, dentre outros;
- Questionário: Instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas que deve ser respondido sem a interferência do pesquisador. O primeiro questionário foi aplicado aos educadores sociais com intuito de levantar parâmetro de comparação com a estação digital estudada (Apêndice B). O segundo questionário foi aplicado aos atores da rede social de Itapoã com objetivo de levantar dados referentes às variáveis (Apêndice C);
- Pesquisa de campo: Quantitativa-descritiva e exploratória- é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, ou uma hipótese que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou a relação entre eles. Esta técnica foi aplicada nas visitas feitas à comunidade para identificar os atores a serem pesquisados, levantar dados sobre a estrutura social da comunidade, levantamento histórico da comunidade e contatos com entidades que têm papel significativo na comunidade;
- Entrevista semi-estruturada: Utiliza-se dos padrões da entrevista estruturada, seguindo um roteiro previamente estabelecido, mas podendo ser flexibilizada no decorrer da entrevista. A primeira entrevista foi aplicada na escolha do tema e na definição do problema com o Sr. Fadanelli, diretor do BB educar e responsável pelo programa da Estação digital da Fundação Banco do Brasil. A segunda entrevista foi aplicada com os atores determinados na pesquisa. Por meio dela foi

possível identificar os conteúdos, as ligações da rede social e os outros atores relevantes no estudo.

3.10 Procedimentos para Análise dos Dados

A análise dos dados foi feita em três etapas que se apresentam a seguir.

A primeira etapa foi a pesquisa documental, para o levantamento de dados sobre Itapoã, que serviu de parâmetro para a análise e conclusão da rede social desta comunidade.

A segunda etapa foi a quantitativa. Foram aplicados questionários com os educadores sociais, com objetivo de comparar as necessidades informacionais e os conteúdos pesquisados nas estações digitais com a estação digital de Itapoã. Nesta fase foi utilizado o software SPSS para tabulação dos questionários e possíveis cruzamentos de dados.

A terceira etapa foi a pesquisa de campo. Por meio de entrevistas e questionários com membros da comunidade de Itapoã, foi traçada a rede social da comunidade a partir da estação digital. As informações coletadas foram relacionadas com as variáveis e as premissas definidas para o estudo.

A elaboração da rede social de Itapoã deu-se com o uso do software UCINET 5.0. Nesse software todos os dados são guardados, descritos e manipulados em forma de matrizes e grafos.

As pessoas que se comunicam na rede são chamadas de atores ou elos. O foco da pesquisa está na análise da centralidade dos líderes comunitários, no papel da estação digital como fonte de informações sociais e na análise da coesão desta comunidade no que tange à transferência de informação.

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Pesquisa documental

A pesquisa documental sobre a cidade de Itapoã começou com a busca de documentos oficiais que trouxessem dados que pudessem caracterizar as estruturas socioeconômicas e políticas da região. Esse processo foi complexo porque o reconhecimento da cidade de Itapoã foi há pouco tempo, conforme dados a seguir.

Itapoã é a maior invasão de terras públicas do Distrito Federal. Iniciou-se com uma invasão de terras em 2001, numa área entre Sobradinho e o Paranoá. Grande parte das terras deste local é da União, onde cerca de 3.200 famílias lotearam três áreas, sendo duas públicas, DNER e Aeronáutica, e uma particular, onde funcionava um Haras. A possibilidade de regularização e a expectativa de vida melhor estimularam o crescimento do núcleo, trazendo pessoas de várias partes do país, principalmente do Nordeste. Segundo reportagem especial do DFTV, exibida no dia 15 de maio de 2007 (Anexo A), já são “85 mil moradores, a maior parte são nordestinos (44,8%). Fugidos da seca, chegaram com o sonho de uma vida melhor. A falta de moradia e a omissão de governos marcam o começo dessa história, em meados de 2001”.

Em 2003, pelo Projeto de Lei 698/03, foi criada a sub-administração de Itapoã, vinculada a Administração Regional do Paranoá.

O Distrito Federal constitui uma unidade atípica na Federação. Não é um estado nem possui municípios. Consiste em um território autônomo, dividido em regiões administrativas. Exceto Brasília, Capital Federal e sede do governo do Distrito Federal, as demais regiões administrativas são conhecidas como cidades-satélites. Mantêm certa autonomia administrativa, mas suas atividades econômicas e sociais dependem de Brasília. Em 03 de janeiro de 2005 foi criada a Região Administrativa XXVIII – Itapoã pela Lei nº 3.527. A RA XVIII é composta pelo condomínio Del Lago, Itapoã e Fazendinha. Sua área e limites territoriais ainda não estão definidos e se encontram em fase de estudo.

Segundo dados da Administração de Itapoã, os serviços disponíveis em Itapoã são:

- Quatro associações comunitárias cadastradas: Associação Força Popular, Associação dos Moradores do Itapoã, Prefeitura Comunitária do Itapoã, Associação Com. e Industrial do Itapoã;
- Um posto de saúde, que segundo informações da comunidade e da reportagem do DFTV, está sem médicos e a responsável é uma enfermeira;
- O hospital que presta serviços à comunidade é o Hospital Regional do Paranoá;
- Existe uma Escola Classe (até 4ª série) na localidade. Até a implantação de outras escolas na cidade de Itapoã, a população utiliza a rede pública da cidade de Paranoá e do Plano Piloto.
- Não há agências bancárias na cidade nem pontos de saque;
- Não possui posto policial próprio. O serviço policial prestado à comunidade é vinculado ao Paranoá.

Vê-se que os serviços públicos disponíveis em Itapoã não atendem às necessidades de uma população estimada em 85.000 habitantes. Assim, há uma forte dependência dos serviços do Paranoá, cidade mais próxima.

4.1.1 Aspectos socioeconômicos de Itapoã

Os dados apresentados a seguir são da Coletânea de Informações Socioeconômicas da XXVIII RA- Itapoã, publicada em novembro de 2006, pela CODEPLAN, obtidos pela PDAD – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – 2004, numa população, à época, de 46.252 habitantes. Com eles pretende-se levantar o perfil socioeconômico dos moradores de Itapoã.

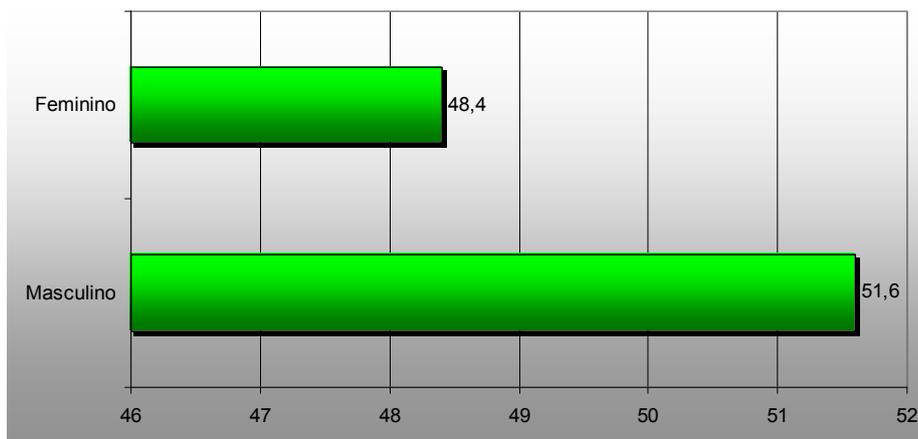


Gráfico 1: Percentual da população por sexo

Fonte: SEPLAN/CODEPLAN – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD 2004

A maioria dos moradores de Itapoã é do sexo masculino, 23.848 pessoas, enquanto as mulheres somam 22.404 pessoas.

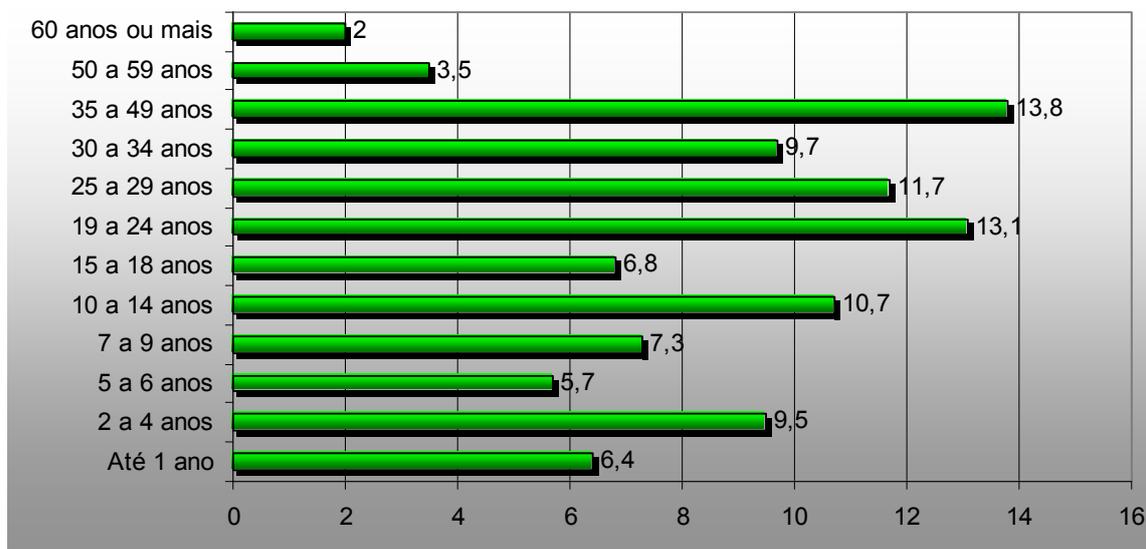


Gráfico 2: Percentual da população por faixa etária

Fonte: SEPLAN/CODEPLAN – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD 2004

Observa-se que a maioria dos moradores de Itapoã é adulta entre, 25 e 49 anos, cerca de 35,2% da população. Essas pessoas estão na idade de desenvolver atividade profissional e subsidiar os custos familiares. São normalmente chefes de família que moram neste local por questões financeiras. Outro dado importante é que, acima de 50 anos, o número de pessoas diminui

significativamente, 5,5%, demonstrando que as pessoas desta idade buscam outros lugares com recursos que lhes possam propiciar melhores condições de vida.

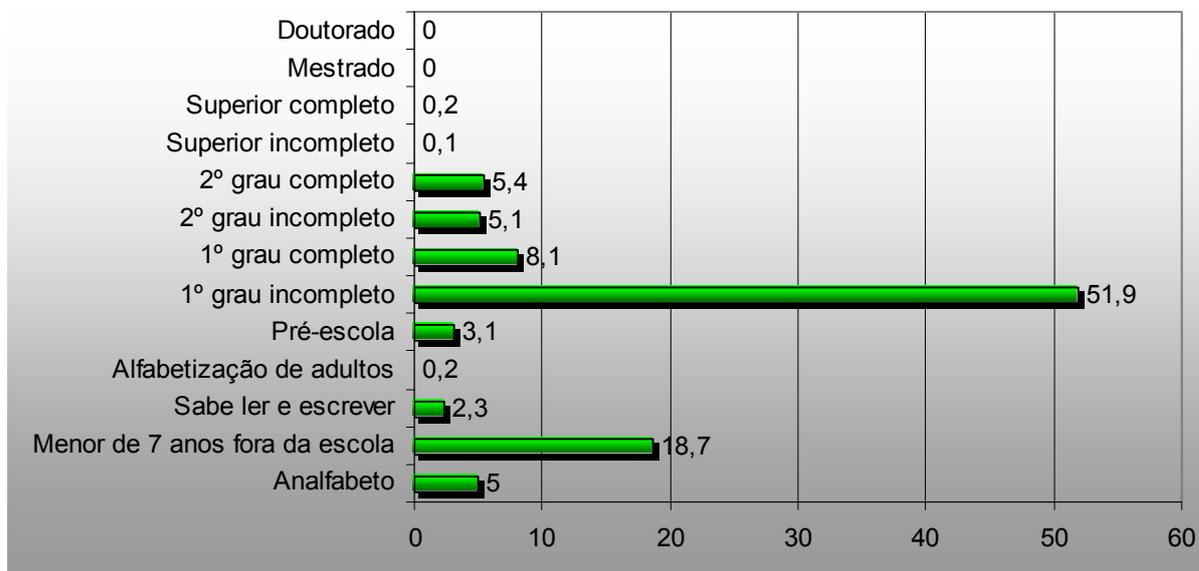


Gráfico 3: Percentual da população urbana residente por grau de instrução
Fonte: SEPLAN/CODEPLAN – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD 2004

O grau de instrução da comunidade é relativamente baixo, considerando que a maioria possui 1º grau incompleto. Isso implica baixa formação profissional e pouca capacidade de uso de informações para resolução dos seus problemas.

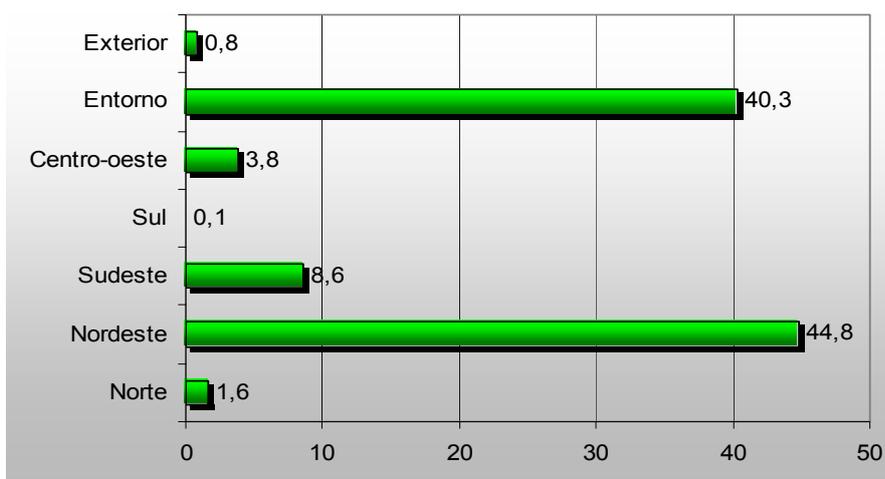


Gráfico 4: Percentual da naturalidade da população de Itapoã
Fonte: SEPLAN/CODEPLAN – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD 2004

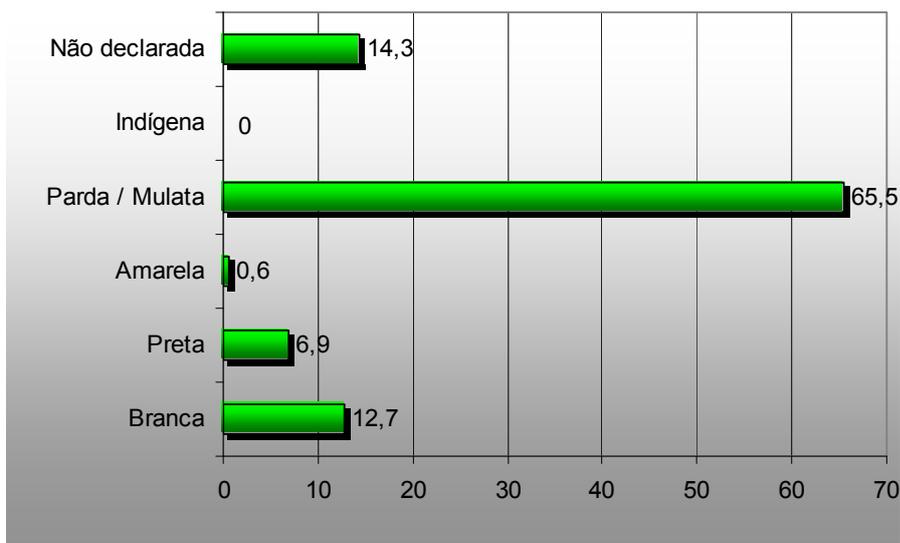


Gráfico 5: Percentual da população por cor ou raça declarada

Fonte: SEPLAN/CODEPLAN – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD 2004

A maioria dos migrantes de Itapoã, 44,8%, vem da região Nordeste e é de raça parda ou mulata, 65,5%, reforçando estudos que mostram que a população de baixa renda tende a ser descendente de negros.

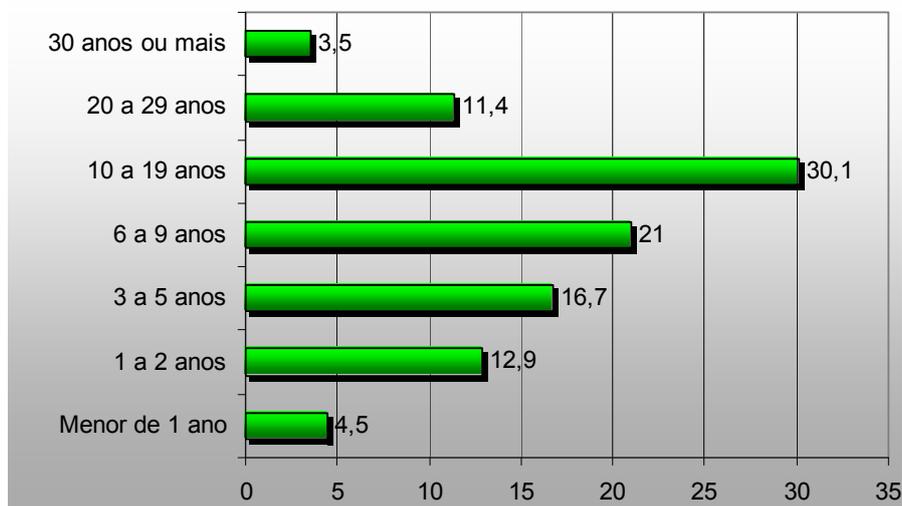


Gráfico 6: Tempo de Moradia no Distrito Federal

Fonte: SEPLAN/CODEPLAN – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD 2004

Observa-se que pessoas com mais de 6 anos de moradia em Itapoã representam 66% da população residente do local. Itapoã começou com uma invasão em 2001, há aproximadamente 6 anos, dado que permite concluir que as pessoas que iniciaram a invasão já eram residentes do Distrito Federal à época.

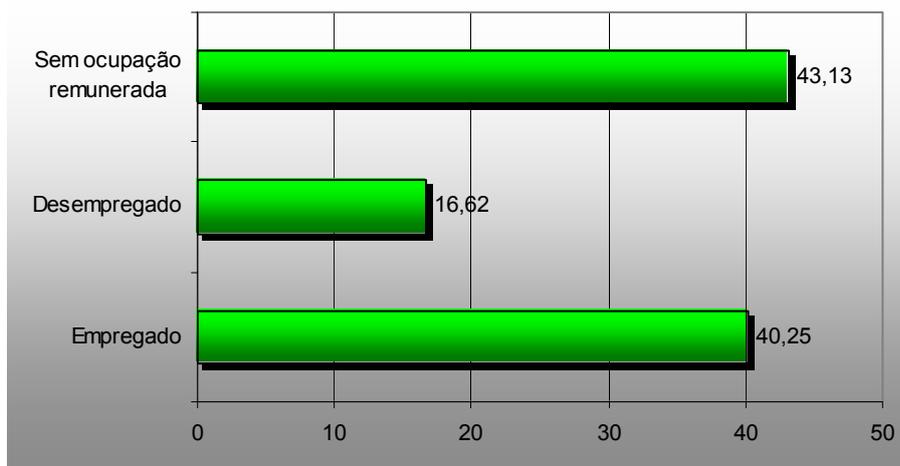


Gráfico 7: Percentual da população urbana residente, por empregabilidade
 Fonte: SEPLAN/CODEPLAN – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD 2004

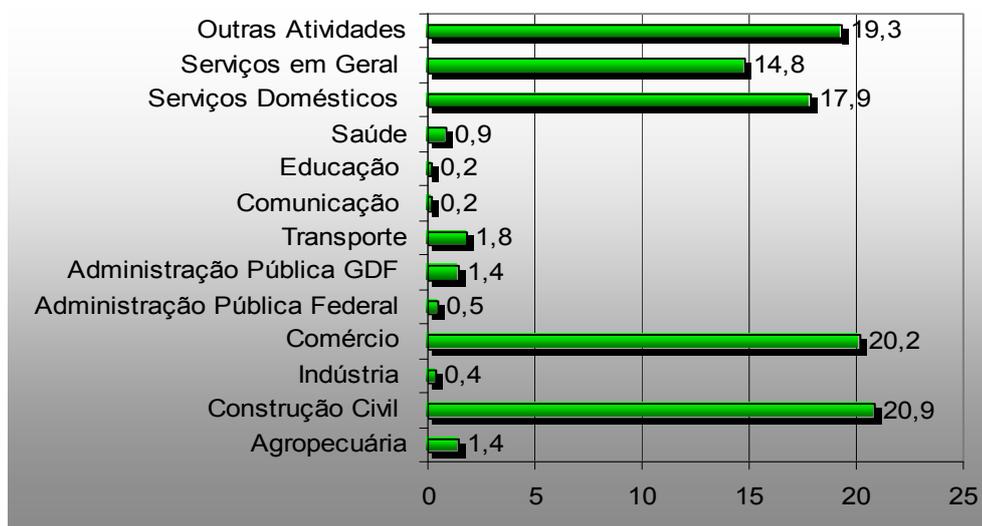


Gráfico 8: Percentual da população urbana residente, por atividade principal, segundo os setores
 Fonte: SEPLAN/CODEPLAN – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD 2004

Muitas famílias da região possuem apenas uma pessoa que trabalha. Alguns membros, normalmente as mulheres, exercem atividades não remuneradas, como os cuidados com a casa e a família. Dentre os membros em atividade laboral, a maioria trabalha na construção civil, como ajudante ou pedreiro, cerca de 20,9% da população, e no comércio, haja vista que esta é uma das maiores atividades desenvolvidas no Distrito Federal. Poucos moradores são funcionários públicos, o que se justifica pela baixa escolaridade da população. Segundo reportagem do DFTV, três mil famílias precisam de alguma ajuda do governo para sobreviver.

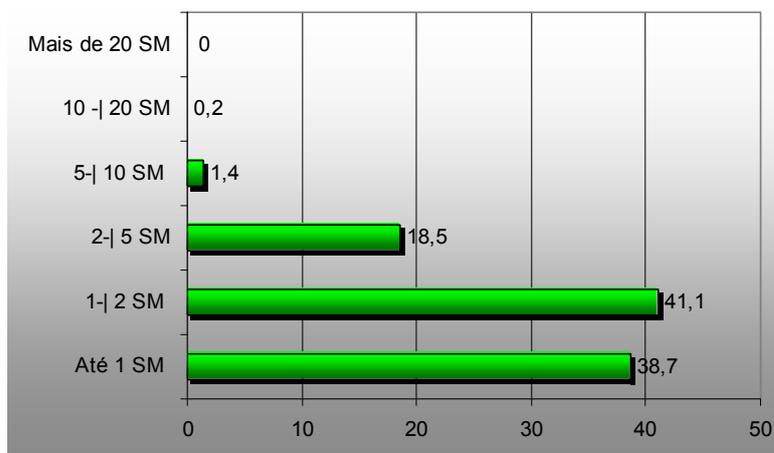


Gráfico 9: Percentual de distribuição dos domicílios por classe de renda
Fonte: SEPLAN/CODEPLAN – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD 2004

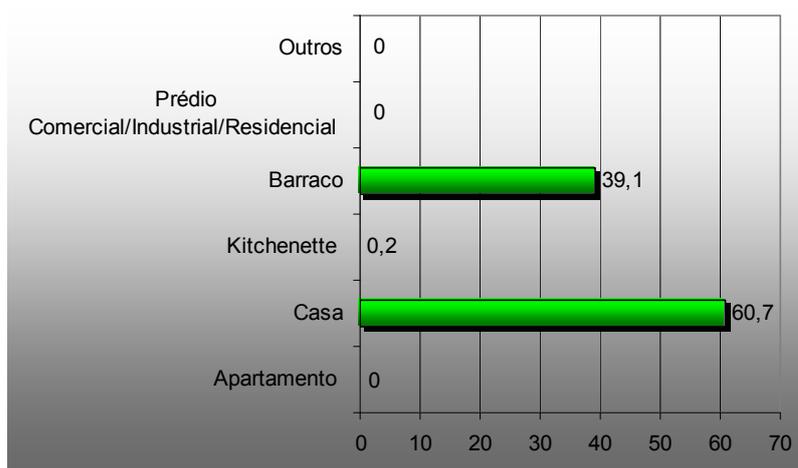


Gráfico 10: Percentual de domicílios urbanos, segundo o tipo de residência
Fonte: SEPLAN/CODEPLAN – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD 2004

A maioria da população vive com uma renda familiar de 1 a 2 salários mínimos. O investimento em moradia torna-se prioridade em famílias de baixa renda. Observa-se na cidade um grande número de casas em construção ou sem acabamento (sem reboco), uma das principais características das residências do local.

Tabela 5 – Distribuição dos Domicílios segundo algumas Características de Serviços de Infra-estrutura Urbana

Descrição	Percentual
Abastecimento de Água	
Rede Geral	86,3
Poço/Cisterna	0,4
Poço Artesiano	13,1
Caminhão Pipa	0,2
Chafariz	0
Outros	0
Esgotamento Sanitário	
Fossa Séptica	89,1
Outros	10,9
Coleta de Lixo	
Serviço de limpeza urbana	63,7
Queimado ou Enterrado	0
Jogado em Terreno Baldio	1,6
Outro Destino	34,7
Outros serviços de infra-estrutura	
Rua Asfaltada	0,2
Calçada	0,2
Meio-fio	0,2
Iluminação Pública	98,8
Rede de Água Pluvial	35,9

Fonte: SEPLAN/CODEPLAN – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD 2004

A infra-estrutura da cidade é precária. A rede de esgoto está em fase de implementação. É possível ver o esgoto escorrendo nas ruas com frequência. O serviço de coleta de lixo não atende a toda a população. Apenas 63,7% tem acesso a esses serviços. Não existe asfalto na maioria das ruas (98%), apenas nas de acesso à cidade. As casas recebem água tratada e têm iluminação pública na porta, segundo fonte oficial. A rede de esgoto está chegando e a coleta de lixo é precária.

Com o levantamento de dados, é possível identificar os principais problemas enfrentados pela população: falta de infra-estrutura (asfalto principalmente), faltam médicos e enfermeiros no posto de saúde, pouca segurança (muita violência e criminalidade), baixa qualificação profissional e alto índice de desemprego.

4.2 Percepção dos usuários e integrantes do projeto Bom Jesus sobre a Cidade de Itapoã

Os dados deste item foram levantados pela observação participante na estação digital de Itapoã. As técnicas utilizadas foram levantamento de dados em registros feitos com os usuários da estação de Itapoã, questionário aplicado aos usuários que farão parte da rede social de Itapoã e entrevista com pessoas-chave da comunidade.

O objetivo deste item foi levantar dados que possam subsidiar a análise da rede social de Itapoã, seus principais problemas, a confiança das pessoas na comunidade, sua participação nesta comunidade, ou seja, as variáveis e os indicadores propostos neste estudo.

4.3 Percepção dos Integrantes dos projetos da Escola Bom Jesus

Na observação participante, em conversas com os membros da estação digital, buscou-se estabelecer os principais problemas vivenciados na comunidade, identificar a existência de lideranças comunitárias e como funciona a estrutura social desta comunidade.

As conversas ocorreram nas visitas feitas à Estação Digital, no período de fevereiro a junho de 2007. O contato inicial foi feito com o Bruno, coordenador de informática da Escola Bom Jesus. A escolha deste contato deu-se porque ele fez a capacitação da FBB para atuar como Educador Social e era o vínculo da FBB com a estação. A partir de então, ocorreu o contato com os outros participantes dos diversos trabalhos realizados na escola.

Em reuniões informais na Escola, foram levantados os dados pertinentes à observação. Os principais problemas sociais levantados pelos membros da Escola foram: o alto índice de criminalidade na região, a falta de infra-estrutura da cidade (apenas uma escola classe, pouco transporte público e de má qualidade e o posto de saúde que não funcionava). Ao serem questionados sobre outros projetos sociais

existentes na comunidade, o projeto Golfinho foi citado como uma tentativa. Não existem espaços comunitários públicos para lazer e cultura.

A qualidade de vida da população foi descrita como precária (baixa-renda, pouca escolaridade, poucas possibilidades de emprego), dados esses confirmados pela Coletânea de Informações Socioeconômicas da RA XXVIII – Itapoã, publicada em novembro de 2006, pela CODEPLAN.

As únicas festividades locais mencionadas foram o aniversário da cidade e festas juninas em algumas quadras organizadas por pessoas da comunidade.

Ao perguntar sobre a existência de lideranças comunitárias, todos foram taxativos: só aparecem no período de eleições, ou seja, surgem então os cabos eleitorais. Após diversas conversas, os nomes de duas pessoas foram citados por alguns dos membros da Escola Digital: Alice Pacheco e João da Silva. Essas pessoas foram entrevistadas e os dados estão disponíveis no item 4.3.3.

Os entrevistados reclamaram que os órgãos competentes não atendem às necessidades de Itapoã e que as pessoas da comunidade não se mobilizam para os problemas comuns.

4.3.1 Percepção dos usuários dos projetos da Escola Bom Jesus – Análise de registros

Os registros são manuscritos e feitos ao término do curso de informática básica. Buscou-se, na análise desses registros, levantar a percepção dos principais problemas enfrentados pela comunidade, a fim de compará-los com os problemas mencionados pelos usuários selecionados como atores da rede social de Itapoã. Assim será possível validar os quinze questionários aplicados aos atores da rede.

Foram lidos 60 registros. Os itens a seguir foram mencionados espontaneamente pelos respondentes: falta de asfalto (30%), falta de segurança (27%), desigualdade social (13%), saúde (8%), falta de interesse dos governantes (8%), educação (5,9%), espaços comunitários (5,4%) e transporte (2,7%).



Figura 6: Imagem de uma rua de Itapoã

Fonte: Foto da reportagem especial do DFTV sobre Itapoã em 14 maio 2007.

Seguem alguns depoimentos retirados dos registros:

“A minha comunidade é mais ou menos. Uns fazem por merecer, outros não. É o que eu acho. O que tem que mudar é que as pessoas precisam ser mais educadas com os outros, mais compreensivas. Os governantes precisam cuidar mais do nosso lugar, colocar asfalto, mais segurança. Na Escola Bom Jesus, os alunos precisam melhorar seu comportamento, porque não estão sabendo respeitar o lugar onde eles podem aprender a ser alguém na vida.” (M. J. G.)

“No nosso lugar existem várias coisas que o colocam em situação precária, pois falta o mínimo, que os habitantes sejam considerados como seres humanos. Mas temos alguma esperança que um dia essa situação melhore com projeto como este projeto que ajuda a manter a esperança de que não seremos esquecidos pelos responsáveis... Alguns centros de integração social já seriam um bom começo.” (L. P. C.)

“Na sociedade em que vivemos, existe algo que dá um pouco de prazer. Mas o que estraga, na maioria das vezes, é a violência e a falta de compromisso dos governantes com a população. Poderia melhorar com um olhar mais humanitário dos governantes para as pessoas que precisam de ajuda.” (S.)



Figura 7: Escola Bom Jesus
Vista lateral da Escola Bom Jesus

4.3.2 Questionário aplicado aos atores da rede social de Itapoã

O questionário (Apêndice C) foi aplicado a 20 pessoas indicadas pelos educadores sociais. Desses, 15 questionários foram selecionados para levantar a rede social de Itapoã a partir da Estação Digital dessa localidade.

Esse questionário é composto de quatro partes:

- Na primeira, é feito um levantamento da experiência desse ator na comunidade;
- Na segunda, são levantadas a percepção e opinião do ator sobre a qualidade de vida na região e seus principais problemas;
- Na terceira, são levantados os elos de comunicação – contatos dos atores sociais e os personagens-chave para a elaboração da rede social. Esses dados serão apresentados na análise da rede social de Itapoã;
- Na quarta, é analisado o papel das instituições, da estação digital e da comunidade na transferência de informação.

Nesta fase de análise de dados, foram consideradas os levantados pela primeira, segunda e quarta partes.

A experiência dos atores com a comunidade não é grande. A maioria, 40% dos entrevistados, mora há mais de quatro anos no local, enquanto que 20% moram a menos de um ano. Como a cidade foi fundada há aproximadamente seis anos, esses dados são válidos porque muitas pessoas moram lá há pouco tempo.

Quando questionados se gostariam de morar em Itapoã, 60% disseram que não. Dentre as causas que os levariam a mudar de local, 66,66% afirmaram que o acesso ao trabalho é um fator importante ou muito importante; 55,55% afirmaram que o acesso às escolas é importante ou muito importante; 66,66% disseram ser muito importante a disponibilidade de residência em outro local e isso seria um fator decisivo para mudança; 88,88% afirmaram ser muito importante a qualidade de vida e se mudariam para outro local que fosse melhor.

Observa-se que a maioria das pessoas de Itapoã mora lá por falta de oportunidade, o que caracteriza o estado provisório de moradia para muitos.

Como observado na reportagem do DFTV, os principais problemas da comunidade, levantados pelos atores, foram falta de asfalto (26,66%), pouca segurança (24,44%) e poucos postos de trabalho (11,11%).

As pessoas pesquisadas nesta etapa perceberam de forma semelhante os serviços disponíveis à comunidade e sua qualidade. A grande maioria dos itens analisados (ver Apêndice C) foi considerada como não existente ou insuficiente. Foram analisadas questões referentes à educação, infra-estrutura, saúde, transporte, segurança, formação profissional e outros.

Dentre os problemas sociais listados anteriormente, foi questionado para qual deles os respondentes já buscaram informações na Escola Bom Jesus: 26,66% buscaram informações sobre segurança e emprego e 20% sobre transporte público e escolas. A maioria, 73,33%, nunca buscou informações sobre esses problemas na Escola. Mesmo assim, caso houvesse necessidade, das instituições ou entidades existentes em Itapoã, a maioria, 46,66%, buscaria informações na Escola Bom Jesus e 26,66% na Administração Regional.

Os meios de comunicação de massa mais utilizados pelos atores sociais são: televisão, 93,33%, e rádio, 60%. As fontes de informação de massa são significativamente mais utilizadas que as fontes de informações locais. Das fontes locais, apenas a rádio comunitária é muito utilizada.

4.3.3 Entrevista com personagens-chave da comunidade

Considerando que, numa sociedade fragmentada, o que diferencia uma rede de um simples conjunto de indivíduos é a sua maior capacidade de mobilização e quem possibilita essa mobilização são aqueles chamados de “personagens-chave”, ou “personagem ponte”, responsáveis pela comunicação na rede, os personagens-chave foram considerados, neste estudo, os líderes comunitários ou entidades mencionados acima.

O contato com estes personagens foi por meio de entrevista semi-estruturada, conforme apêndice D, e ocorreu no local de trabalho de cada um.

A escolha dessas pessoas deu-se por intermédio de indicação dos integrantes do projeto Point- Casa Brasil. Isso porque muitos dos entrevistados e respondentes do questionário anterior (Apêndice C) não conseguiram informar possíveis lideranças ou pessoas que desenvolvessem algum trabalho social reconhecido pela comunidade.

O primeiro entrevistado foi o Sr. João da Silva. Segundo depoimento, desde o início da cidade ele vem lutando pelos problemas da comunidade. Para tanto, fundou a Prefeitura comunitária. Atualmente ocupa o cargo de Gerente de Cultura, Esporte e Lazer da Administração de Itapoã.

A primeira informação dada foi que todas as obras de Itapoã, principalmente as situadas em Del Lago, foram embargadas por um Juiz Federal que deu reintegração de posse desta área a um antigo proprietário. As verbas para construção do terminal rodoviário, centro comunitário e outras benfeitorias estão embargadas pelo mesmo motivo.

Na sua gestão, o aniversário de Itapoã foi comemorado nos dias 03, 04, 05 e 06 de maio. A programação contou com apresentações de artistas da cidade, atividades culturais, culto ecumênico e ação social.

Para o Sr. João, as associações existentes em Itapoã não trabalham para a comunidade. Para ele, a prefeitura comunitária e as igrejas evangélicas desenvolvem essas ações. A prefeitura comunitária trabalha para as necessidades da população, como água, luz, posto de saúde e escola para a cidade. Já as igrejas evangélicas fazem ações sociais, como sopão, corte de cabelo e outros.

A igreja católica está há pouco tempo na comunidade, portanto ainda não foi possível mensurar suas ações.

A rádio comunitária foi citada como sendo o canal aberto para que as pessoas das comunidades de Itapoã e Paranoá pudessem expor suas opiniões sobre os assuntos da comunidade. Como exemplo, no dia 13 de junho ocorreram dois assassinatos no Paranoá. Outro fato é que a população usa a rádio para cobrar iniciativas do governo local. Para o entrevistado, é a rádio mais ouvida na região.

Segundo o entrevistado, atualmente existem poucas lideranças comunitárias locais. A maioria que se apresenta como tal é considerada liderança política e trabalha em benefício próprio. Foi citado o Sr. Ênio de Paula e o Sr. Brito, mas não foram detalhados os trabalhos desenvolvidos por eles.

Não existe espaço público ou centro comunitário na cidade. As pessoas costumam reunir-se na quadra (de chão batido) atrás da escola. O projeto golfinho (espaço com piscinas para a comunidade cedido pela caesb) não funciona porque não tem alvará.

Ao ser questionado sobre a mobilização da comunidade, o entrevistado foi enfático em dizer que é muito acomodada. Esperam atitude do governo local quanto às necessidades. As pessoas se reúnem basicamente no aniversário da cidade.

A maior manifestação ocorreu em 2004, reivindicando mais segurança. Na ocasião, quatro comerciantes locais haviam sido mortos num único dia.

A segunda entrevistada foi a Sra. Alice Maria Pacheco de Sá. Ela tem um programa na rádio comunitária chamado Alice e você. A rádio comunitária, Paranoá FM 104,9 Mhz, é uma instituição social legalizada que atende às comunidades de Itapoã e Paranoá.

Segundo a entrevistada, a Escola Bom Jesus é o único espaço em Itapoã com que a comunidade pode contar quando precisa se reunir. O Instituto Everado Ribeiro, fundado pelo ex-administrador local, também desenvolve trabalhos, mas de cunho político.

Foram identificados alguns líderes comunitários que trabalham em Itapoã. O Sr. Wilson desenvolve trabalhos comunitários de fato, visitando a população e buscando resolver seus problemas. O João da Silva foi considerado uma liderança política bastante atuante dentro da comunidade e sempre que necessário toma a frente dos problemas. O Sr. Brito, presidente da feira livre, é o porta voz da

comunidade. O Sr. Ênio de Paula é o presidente da COTAPE – Cooperativa de Transportes Alternativos da Região.

A entrevistada chamou a atenção para um grave problema que está ocorrendo: a proibição de circulação de transportes alternativos em muitas linhas, causando sérios problemas para a região. Muitos moradores da comunidade trabalhavam neste negócio.

As 100 kombis empregavam, cada uma, um motorista e dois cobradores. Aproximadamente 2.500 pessoas estavam envolvidas direta ou indiretamente no negócio, como auto-peças, mecânicos, cooperativa, lava-jato, mercado, proprietários das kombis e restaurantes. Toda essa mão-de-obra aplicava os seus ganhos na própria comunidade, fazendo circular mais dinheiro no comércio local. Muitos comerciantes fecharam as portas, ou estão com dificuldade de trabalhar. Esse dado é apenas das kombis, não estão contabilizadas as vans que também deixaram de circular.

Um dado surpreendente é que muitos moradores da região trabalhavam no Instituto Candango de Solidariedade – ICS e, com a entrada do novo Governo em janeiro de 2007, aproximadamente 3.500 pessoas ficaram desempregadas.

Os dados da CODEPLAN mostram a baixa qualificação profissional dessas pessoas e a conseqüente dificuldade de inserção no mercado de trabalho. Os jovens em idade de trabalho não têm oportunidade no mercado.

A conseqüência desses dados é que o índice de criminalidade aumentou consideravelmente depois desses acontecimentos. Jovens que não estavam ociosos, quando eram cobradores das kombis agora não têm nenhuma atividade e fonte de renda. Pais de família estão desempregados. O número de assaltos ao comércio local aumentou muito. Instaurou-se uma crise social no local.

A entrevistada disse que, no dia 13 de junho, ocorreu uma reunião com a população das duas cidades para constituir uma comissão política de Itapoã.

Ao ser questionada sobre a mobilização das pessoas para as necessidades da comunidade, a entrevista disse que as pessoas se preocupam, mas as dificuldades financeiras e de tempo (muitas só chegam à noite do trabalho) as impedem de participar dos processos de interesse comum.

4.4 Projeto da Escola Bom Jesus

A escola Bom Jesus encontra-se no Condomínio Del Lago, Itapoã, quadra 05 lotes 21 e 22. Foi construída por José Regis Marques, com intuito de viabilizar atividades sociais na comunidade. Esse projeto iniciou-se com as atividades desenvolvidas pelo fundador no segmento da Igreja Católica chamado de Vicentinos. Os Vicentinos são assim chamados porque são membros da sociedade São Vicente de Paulo, desenvolvem trabalhos diretamente com as comunidades miseráveis, idosos e crianças abandonadas.

O convênio da FBB foi feito com o Sr. Regis para que a Estação Digital fosse montada no prédio da Escola Bom Jesus. Este projeto começou em 14 de novembro de 2005. Durante seis meses foi gerido pelo proprietário.



Figura 8: Sala da Estação Digital Itapoã

Em maio de 2006, a Associação Positiva de Brasília – APB arrendou a Escola Bom Jesus. A Associação é uma entidade não governamental, filantrópica, que tem como objetivo trabalhar com o desenvolvimento da educação e cultura para a formação de indivíduos críticos, participativos e conscientes de seus direitos e deveres como cidadãos.

Sediada no SDS, bloco D, 60, Edifício Eldorado sala 613, Brasília – DF, a APB vem atendendo à comunidade, prioritariamente, com o objetivo de oportunizar o

desenvolvimento pessoal, profissional e a melhoria da qualidade de vida da população.

A APB continuou o trabalho com a Estação Digital, no momento em que deixava de ser subsidiada pela FBB, e assumiu, a partir de então, a gestão do projeto.

Em 12 de janeiro de 2007, foi inaugurada a Casa Brasil no mesmo local, fazendo trabalho concomitante com o já existente pela Estação Digital. A APB é hoje a mantenedora dos projetos realizados na Escola Bom Jesus.

Chamado de “Point - Casa Brasil” a parceria foi firmada entre a APB e o Governo Federal, com a doação de computadores e conexão à Gesac. O Casa Brasil é um projeto do Governo Federal, tem como principal objetivo reduzir a desigualdade social em regiões de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), levando para esses locais um espaço que privilegia a formação e a capacitação em tecnologia aliada à cultura, arte, entretenimento e participação popular, com forte apoio à produção cultural local. As unidades do Casa Brasil são caracterizadas por possuírem estrutura modular que contém: telecentro, sala de leitura, auditório, estúdio multimídia e laboratório de divulgação de ciências e informática.

O projeto “Point- Casa Brasil” promove cursos de artesanato, oficina de leitura, reforço escolar, teatro, cursos de informática e sala de cinema – Sala Brasil –, além de disponibilizar o espaço para reuniões comunitárias. Segundo livro de registro do projeto, atualmente circulam cerca de 200 pessoas por dia nas diversas atividades desenvolvidas.

A estrutura física é composta de duas salas de informática (Estação Digital com 10 máquinas, e Casa Brasil com 20 máquinas), sala de montagem e configuração de microcomputadores, biblioteca (além do reforço escolar), sala de artesanato (onde ocorrem os cursos de fuxico, bordado, tapetes em malha, bijuterias, dentre outros), espaço para eventos e assistência jurídica. Está em fase de implementação o curso de libras. A sala de cinema disponibiliza filmes para crianças no período complementar à escola.



Figura 9: Crianças fazendo tarefas de casa na biblioteca



Figura 10: Comemoração do Dia das Mães



Figura 11: Sala de Cinema



Figura 12: Artesanatos feitos no projeto Casa Brasil

Os cursos de informática ministrados são: informática básica (Internet, gerenciamento de sistema operacional, pacote de trabalho - calc, writer, impress e outros), digitação, tratamento de imagem, montagem e configuração de microcomputador.



Figura 13: Aula de informática - sala Estação Digital



Figura 14: Aula de informática - sala Telecentro - Casa Brasil



Figura 15: Entrega de diploma ao final dos cursos de informática

As pessoas a seguir serão listadas com suas respectivas funções dentro da Escola Bom Jesus:

- Proprietário: José Regis Marques
- Ong responsável: APB- Associação Positiva de Brasília
- Responsável pelo projeto: Glória Hosana
- Coordenador de Informática: Bruno
- Instrutores de informática: Carlos Henrique, Marcos Vinícius, Clécio e Jefferson.
- Responsável pela Biblioteca: Jefferson
- Oficina de teatro: Guilherme
- Curso de artesanato: Glória Hosana
- Aulas de reforço escolar (1ª à 4ª série): Luciana
- Zeladora: Lucélia



Figura 16: Equipe do projeto Point - Casa Brasil

4.5 Questionário aplicado aos coordenadores das estações digitais

Os dados a seguir foram extraídos do questionário aplicado aos coordenadores das estações digitais e tabulados no SPSS. O questionário foi aplicado no 1º Encontro das Estações Digitais, realizado em 11 de maio de 2006, em Brasília. O momento foi oportuno, pois neste encontro estavam representantes de estações de todo o Brasil.

O intuito deste levantamento de dados é comparar as 115 estações digitais respondentes do questionário com a estação digital de Itapoã. Essa comparação permite analisar os trabalhos desenvolvidos nesta estação digital, sua potencialidade na transferência de informações para a comunidade e para a construção do capital social local.

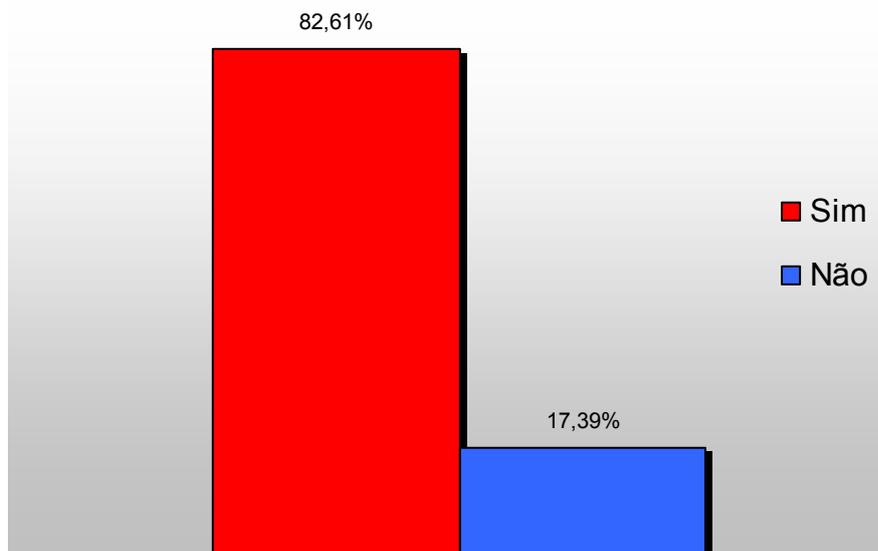


Gráfico 11: Acesso à internet

Em 80% das estações digitais existe acesso à Internet. Isso se deve ao fato de que a maioria delas possui sistema de transmissão de dados por telefone, ondas de rádio e antenas Gesac. A FBB, em parceria com o Ministério das Comunicações, disponibilizou antenas Gesac para 38 localidades que não possuíam as outras formas de transmissão de dados.

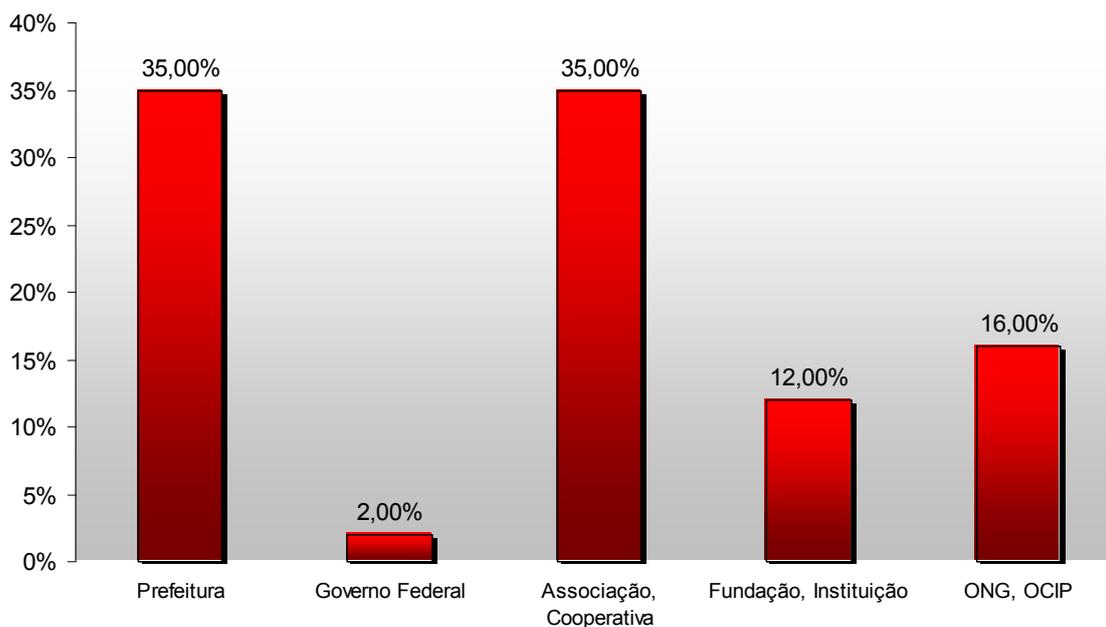


Gráfico 12: Parceiros da estação digital

Na escolha da estação digital, a Fundação Banco do Brasil procurou identificar possíveis parceiros que viabilizassem a implantação e sustentabilidade do projeto na localidade. Dentre as opções de parceiros apresentadas no gráfico acima, observa-se que as estações vinculadas às prefeituras e associações / cooperativas são as que mais se destacam. Dentre os critérios usados pela FBB na escolha dos parceiros da estação digital, encontram-se além de prefeituras, entidades indicadas por agências do Banco do Brasil, que possuam atuação significativa em algum segmento da sociedade. A estação digital de Itapoã possui acesso à Internet e tem como parceiro a APB, uma ONG que viabiliza, por meio de seus projetos, a sustentabilidade desta.

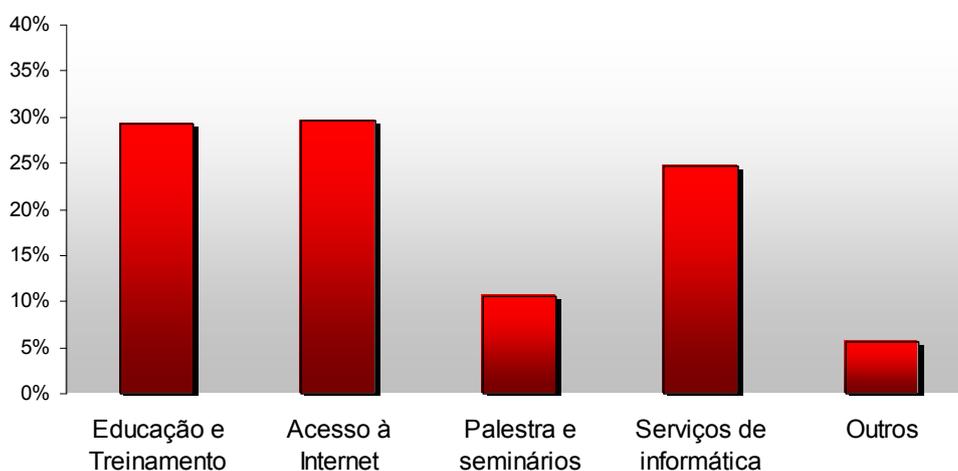


Gráfico 13: Serviços prestados à comunidade

Foram disponibilizados quatro serviços que as estações digitais prestam à comunidade e a opção outros. Observa-se que o acesso à Internet e educação e treinamento são os serviços mais prestados. Como a estação digital possui, dentre seus objetivos, capacitar o usuário no uso das tecnologias computacionais, esses dados são coerentes. Nas estações que não possuem acesso à Internet, a capacitação no uso de tecnologias torna-se a principal atividade. No mesmo prédio da Estação Digital, funciona o Casa Brasil, convênio do Governo Federal com a APB, que oferece cursos de artesanato, teatro, reforço escolar a 1ª à 4ª série e assistência jurídica.

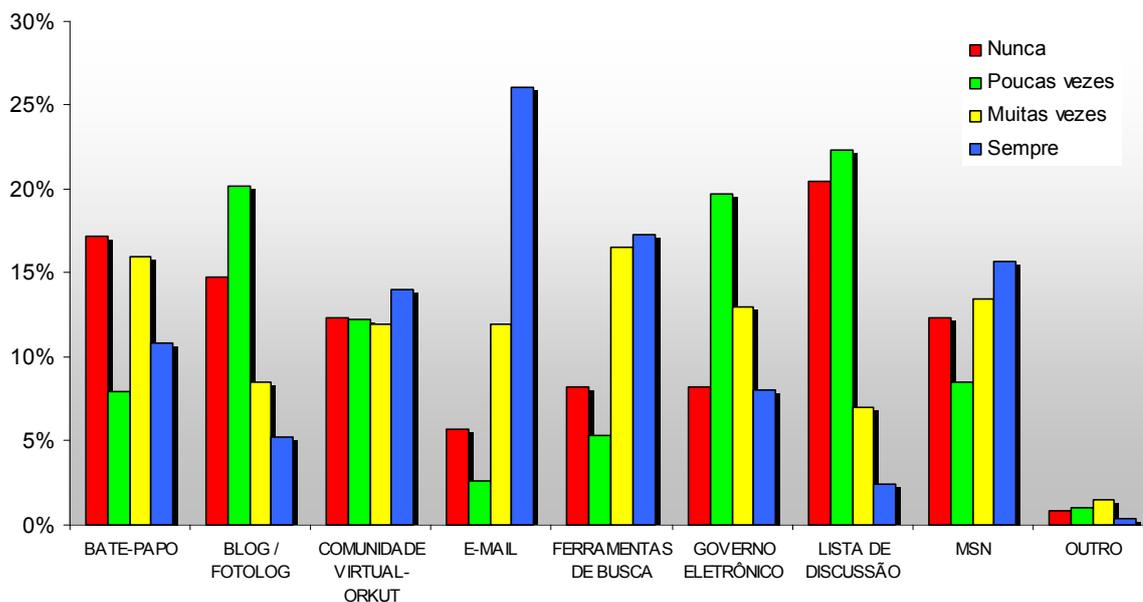


Gráfico 14: Serviços de rede mais utilizados

Dos serviços de rede mais utilizados, destacam-se o uso de e-mail, ferramenta de busca e MSN. Cada estação digital adota uma política própria de acesso a esses serviços, portanto o aparecimento da frequência nunca deve levar esse critério em consideração. Na estação de Itapoã, os serviços mais utilizados são: e-mail, comunidade virtual, ferramenta de busca e MSN.

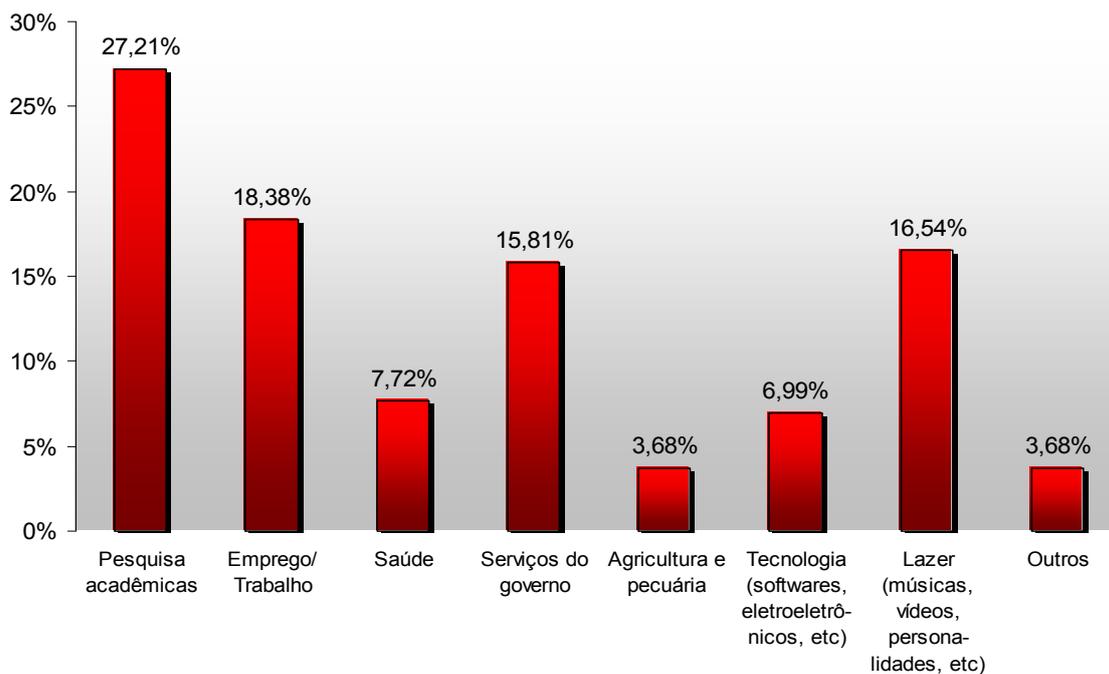


Gráfico 15: Assuntos mais pesquisados

Dentre os assuntos mais pesquisados, a pesquisa acadêmica tem forte destaque e, em segundo lugar, emprego/ trabalho. Isso se dá pelo fato, como será apresentado a seguir, de que a maioria dos usuários das estações digitais são jovens. Na estação digital de Itapoã, a pesquisa acadêmica encontra-se em primeiro lugar, seguida de lazer e emprego.

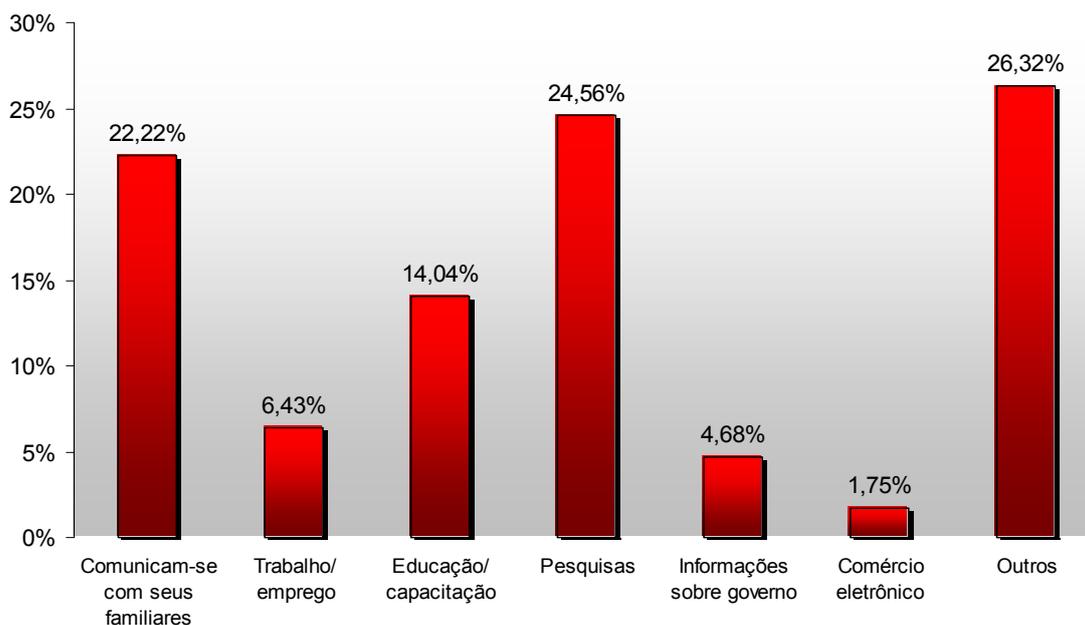


Gráfico 16: Utilização das informações pesquisadas

Observa-se que as informações pesquisadas têm maior utilização pessoal. Pesquisas acadêmicas, conversas no orkut e MSN com amigos e familiares se destacam na utilização dos serviços de rede. Na opção outros destaca-se recadastramento de CPF, Imposto de renda, INSS e outros serviços do governo eletrônico. Na estação de Itapoã, a utilização das informações foi semelhante.

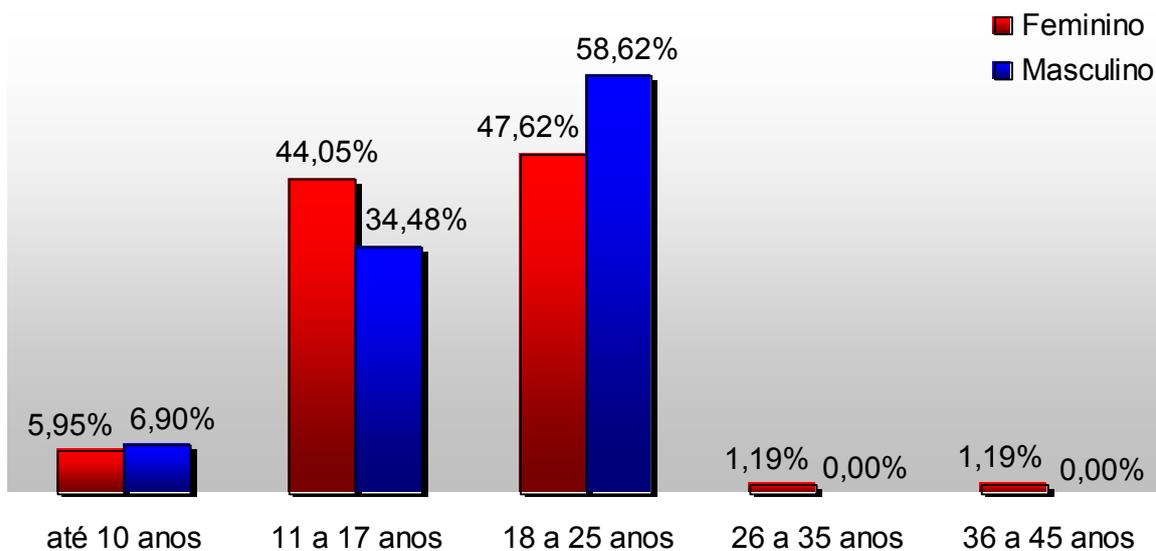


Gráfico 17: Sexo e idade dos usuários

A maioria dos usuários de estações é jovem. Pelo fato de as pessoas mais velhas não irem à estação, seja por falta de tempo ou preconceito, não usufruem desses serviços. Pessoas com idade superior a 46 anos nem chegaram a ser contabilizada por falta de indicação dos coordenadores das estações. Na estação de Itapoã, o horário de funcionamento é das 8h às 12h e das 14h às 18h. O maior percentual de usuários está entre 11 e 17 anos e é do sexo feminino.

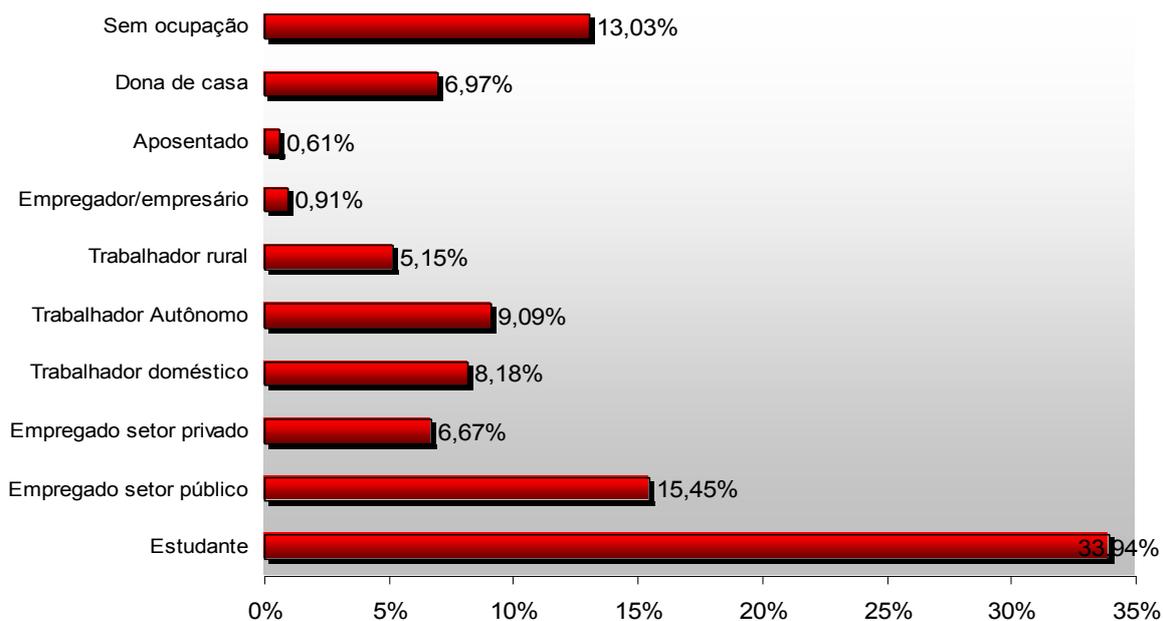


Gráfico 18: Ocupação dos usuários

Os usuários da estação digital, em sua maioria, são estudantes. Esse dado é validado pelo tipo de pesquisa realizada nas estações e pela idade dos usuários. Em Itapoã, destaca-se, além dos estudantes, um grande número de donas de casa e pessoas desocupadas que buscam capacitação profissional nos cursos de informática oferecidos.

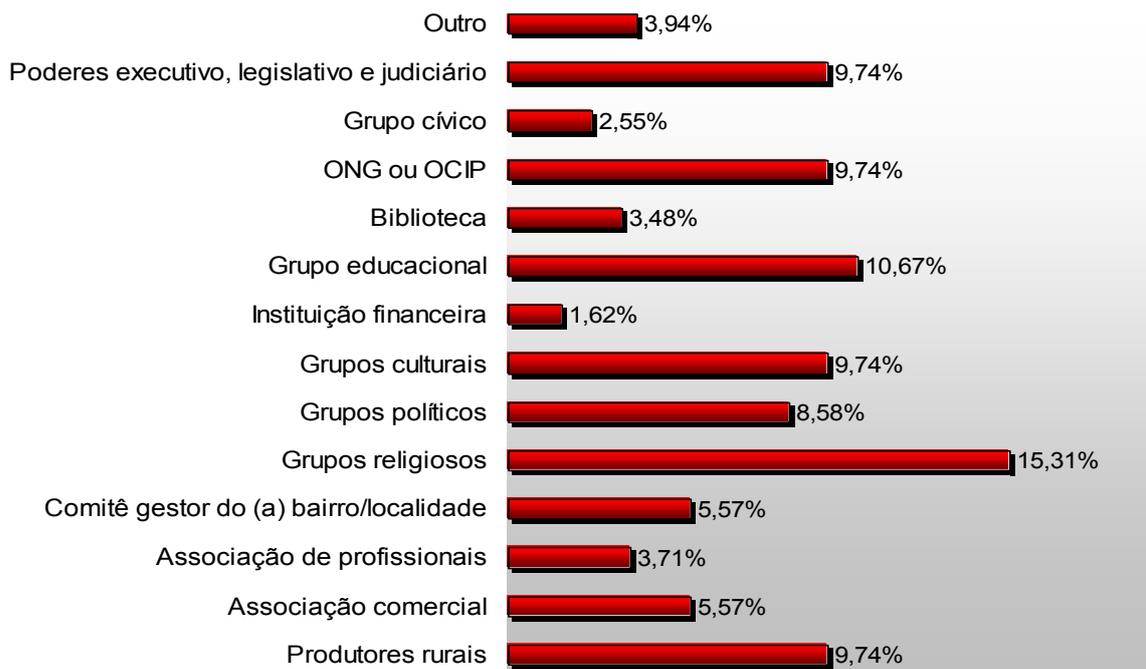


Gráfico 19: Grupos e entidades com maior participação na comunidade

Nesta questão foi solicitado que o educador social marca as cinco entidades que têm maior participação na comunidade. Observa-se neste caso que o grupo de maior participação junto à comunidade é o grupo religioso. Isso se dá pela proliferação de igrejas, das mais diversas doutrinas, principalmente em regiões mais carentes. Buscam desenvolver trabalhos sociais na comunidade, suprimindo a lacuna deixada pelo Poder Público. Destacam-se, a seguir, os grupos educacionais, culturais, ONG e OSCIP, os Três Poderes da República e os produtores rurais. Em Itapoã, os grupos religiosos também se destacam na prestação de serviços à comunidade, seguidos por cooperativas, associação comercial, grupos culturais e ONG ou Oscip.

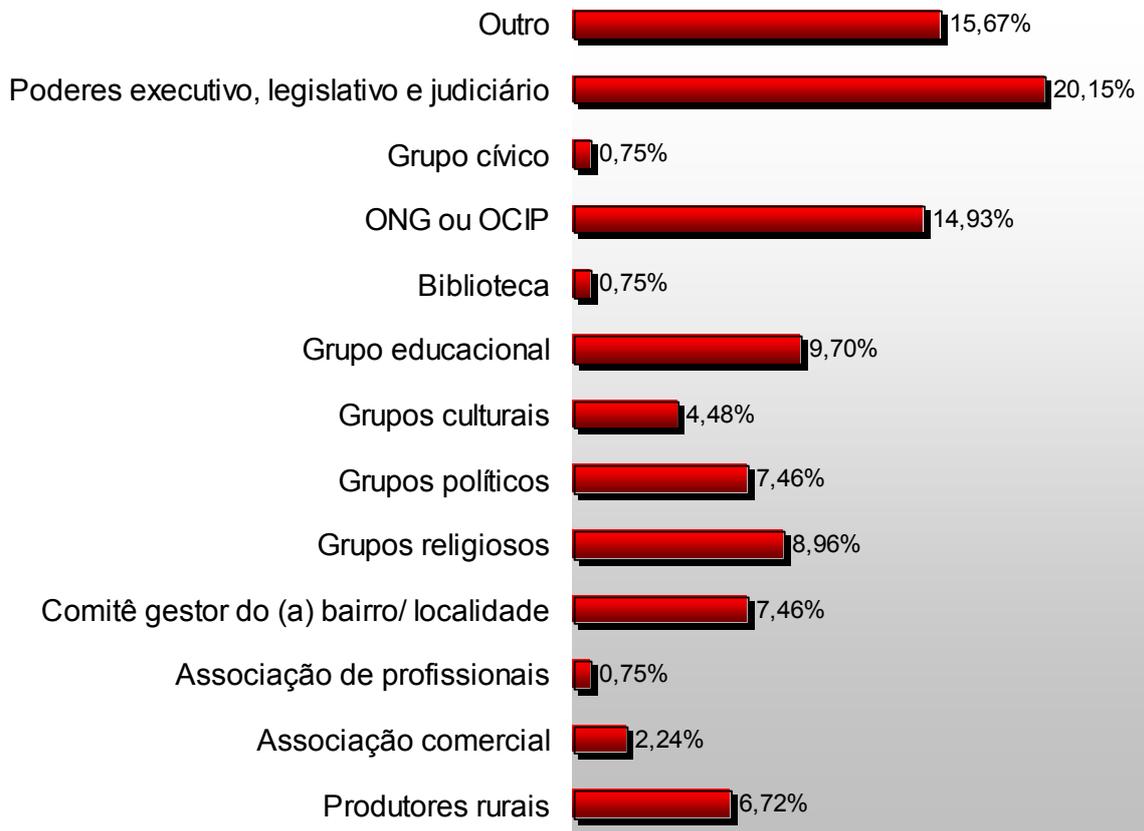


Gráfico 20: Relacionamento desses grupos com a estação digital

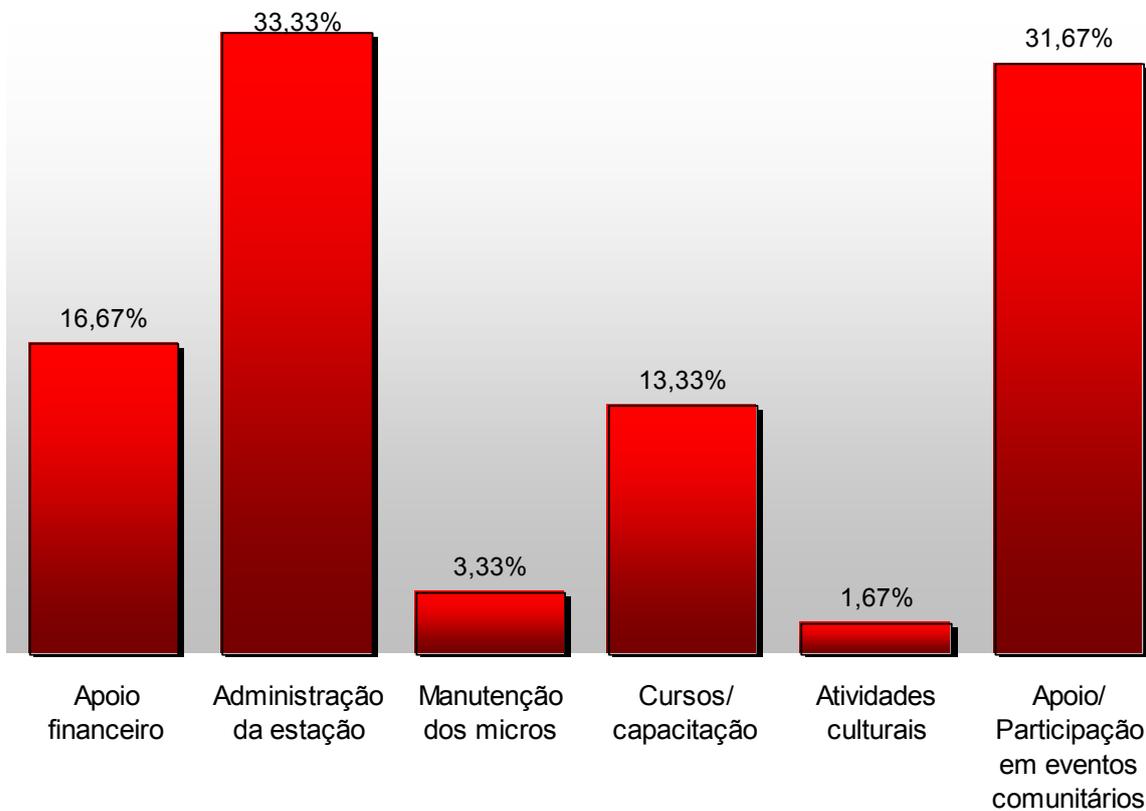


Gráfico 21: Como esses grupos se relacionam com a estação digital

Destacam-se na participação nas estações digitais os Três Poderes da República e ONG e Oscip. O tipo de apoio que esses grupos dão às estações é na administração e no apoio à integração com a comunidade. Percebe-se que as prefeituras, muitas vezes, participam da administração da estação, porque parte dela a escolha dos educadores sociais. Isso se dá pelo fato de que a Fundação Banco do Brasil, em alguns casos, busca na prefeitura o apoio para a implantação da estação digital naquela localidade. Em outra situação, encontram-se as Ongs e Oscips. Elas são indicadas pelas agências do Banco do Brasil na localidade ou se inscrevem no programa na própria FBB. A FBB escolhe aquelas que demonstram ter maior participação na comunidade, facilitando o acesso aos moradores.

A estação de Itapoã começou com um projeto dos Vicentinos, segmento da Igreja Católica, que atua diretamente com comunidades carentes. Depois o prédio da Escola Bom Jesus foi arrendado pela Ong APB, que implantou novos trabalhos na comunidade. O espaço da Escola também é utilizado pela comunidade para reuniões, pois é o único com infra-estrutura na cidade. A cada dois meses, associações, cooperativas e prefeitura comunitária se reúnem com membros da comunidade para discutir suas necessidades.

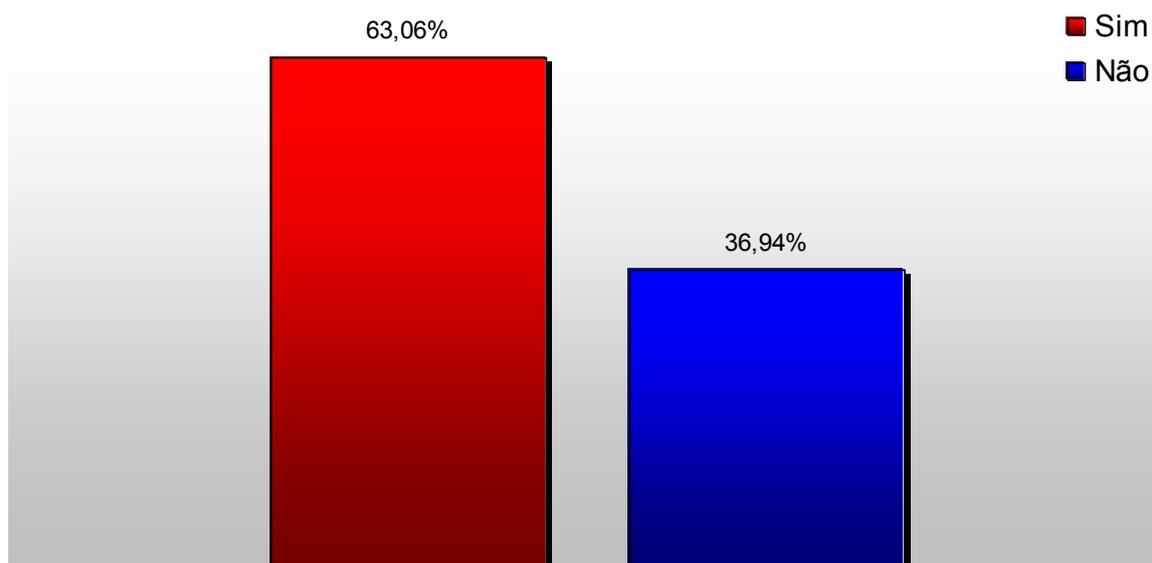


Gráfico 22: A estação digital desenvolve projetos sociais?



Gráfico 23: Projetos desenvolvidos pela estação digital junto à comunidade

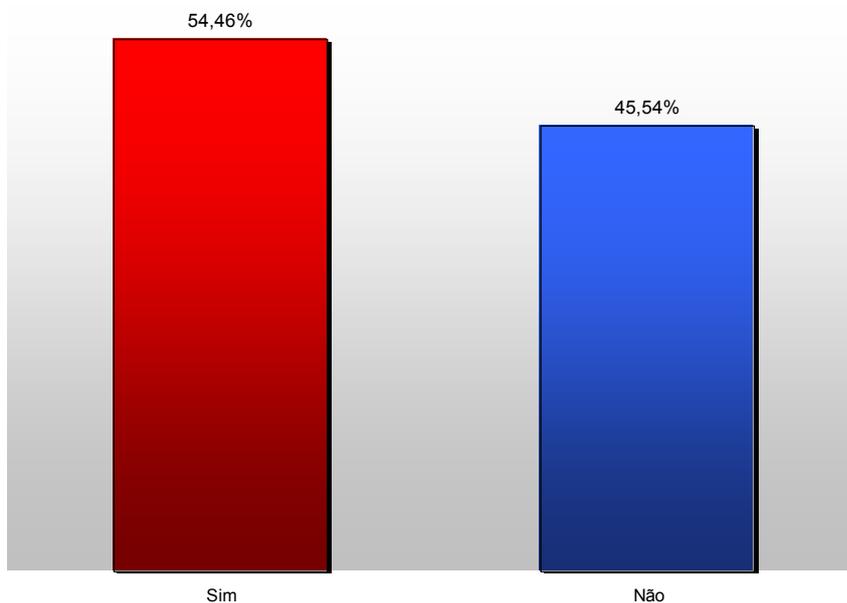


Gráfico 24: A estação digital se reúne com a comunidade para tratar de assuntos de interesse comuns?

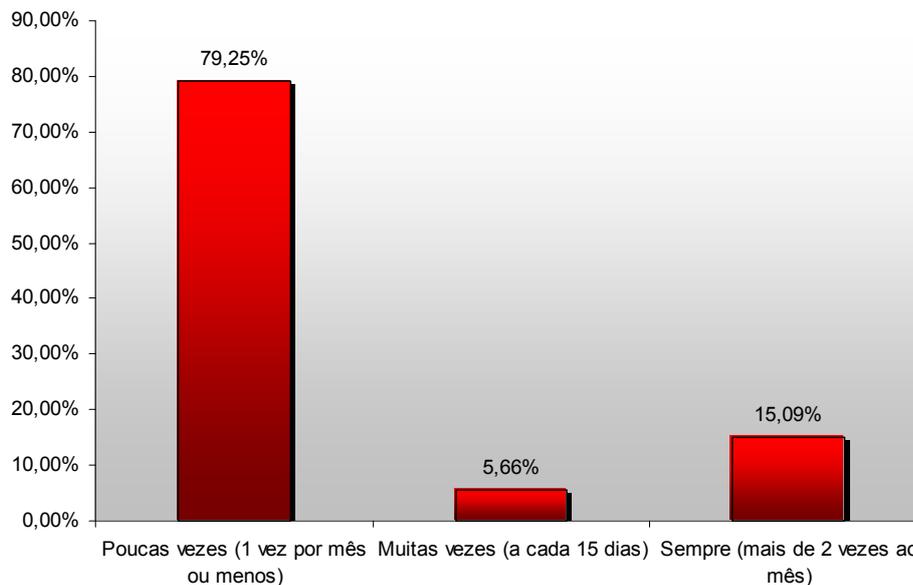


Gráfico 25: Frequência com que a estação digital se reúne com a comunidade

No gráfico 22, a maioria dos coordenadores respondeu que a estação digital desenvolve algum tipo de trabalho com a comunidade, 58%, porém observa-se que muitas não o fazem (42%). Muitas estações ainda não conseguiram desempenhar um papel de agente social que não seja na atividade de informática.

No gráfico 23, dentre as opções sugeridas os trabalhos mais desenvolvidos na comunidade são: colocação no mercado de trabalho, cultura e entretenimento e educação. A opção outros se destaca nesta questão o item outros. Neste item, foi citado o programa encontro com agricultores, empreendedorismo local, bolsa escola cidadã, Peti, projeto primeiro emprego, reforço escolar, doação de cestas básicas, capacitação de pessoas com necessidades especiais.

No gráfico 24, num total de 115 estações respondentes, 54,46% delas disseram que se reúnem com a comunidade, enquanto 45,54% não o fazem. No gráfico 25, das estações que se reúnem com a comunidade, 79,25 % delas o fazem menos de uma vez por mês.

A estação de Itapoã afirma desenvolver projetos sociais com a comunidade, tais como: reforço escolar, oficinas de teatro e artesanato. Essas atividades são desenvolvidas com frequência na estação. A cada dois meses a estação cede um espaço para que membros da comunidade se reúnam e possam

buscar soluções para os seus problemas. Alguns membros da estação digital participam desses encontros.

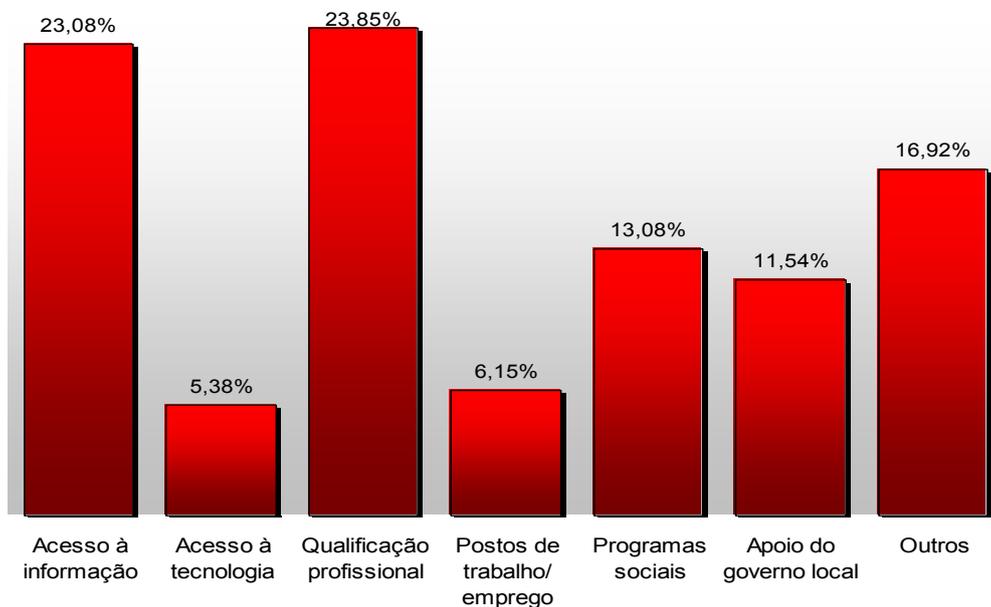


Gráfico 26: Necessidades que a comunidade possui

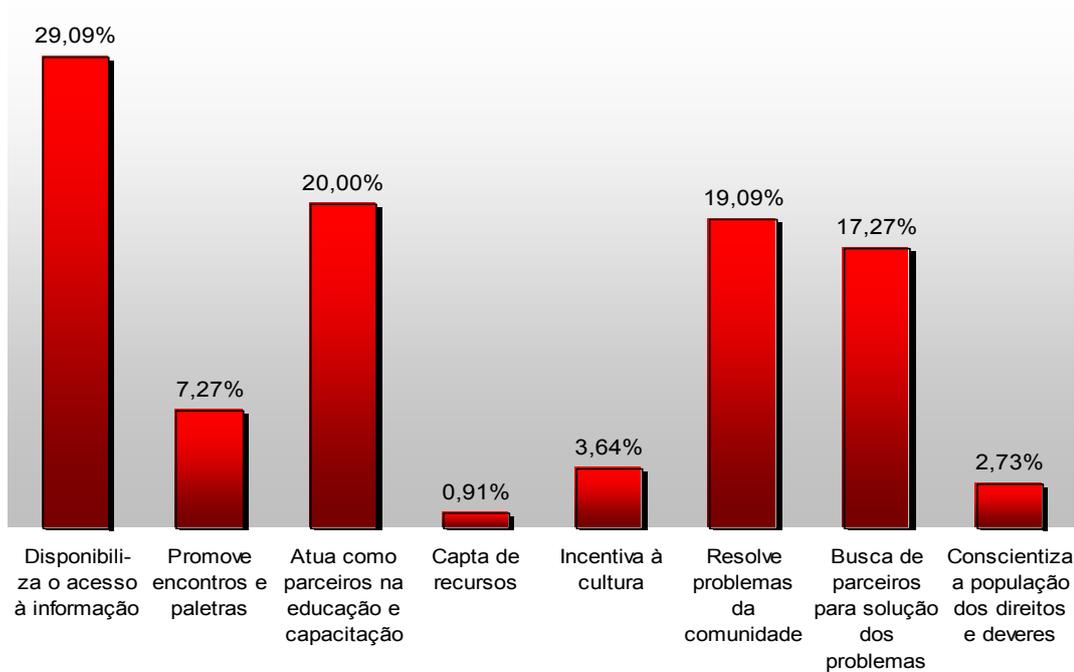


Gráfico 27: Como a Estação Digital atua na resolução dos problemas da comunidade

Os coordenadores das estações digitais apontaram como principais necessidades da comunidade qualificação profissional e acesso à informação. Isso deve-se ao fato de uma das principais ações das estações ser ministrar cursos de informática. Muitas delas fixam-se na capacitação do indivíduo no uso de tecnologias e perdem o foco social do projeto. Após seis meses de inauguração, a FBB entrega à comunidade a estação e sua sustentabilidade. Muitos vêm no acesso à Internet e nos cursos de informática a forma de manutenção das atividades da estação. Existe uma grande preocupação com essa situação de sustentabilidade. Várias vezes no encontro foram mencionadas essa preocupação. No caso de estações que têm parcerias com entidades que sustentam seu funcionamento, a ação social fica mais visível, como é o caso da Estação de Itapoã. Os educadores sociais recebem bolsas para trabalhar no projeto. Essas bolsas são, hoje, custeadas pelo convênio do Cnpq com a APB.

Como foi levantada anteriormente, a estação de Itapoã encontra-se em um local de muitas necessidades socioeconômicas. No caso de Itapoã, prevalece a necessidade de asfalto, segurança, saúde, educação e trabalho. Tanto nos questionários respondidos pelos indivíduos participantes da rede social de Itapoã quanto nas entrevistas e observação das atividades desenvolvidas na Escola Bom Jesus, percebe-se que esses são os problemas da comunidade que as pessoas relatam.

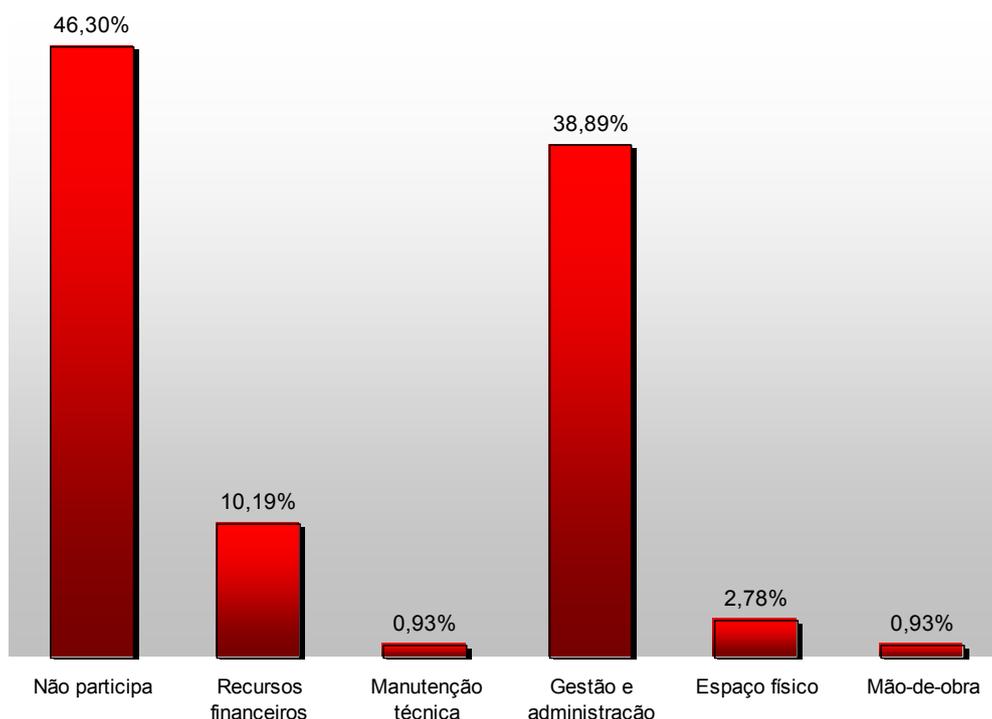


Gráfico 28: Participação do Governo Local na Estação Digital

Comparando o gráfico 28 com o gráfico 12, o governo local destaca-se como um dos parceiros da estação digital com aproximadamente 40% de atuação. Isto se deve ao fato, já mencionado, que em muitos casos a FBB busca parceria com a prefeitura para instalação, seleção dos educadores sociais e gestão. Nos casos em que a prefeitura não participa desse processo, as estações digitais não recebem nenhum tipo de apoio do governo local, que aqui representa a maioria dos casos.

5 ANÁLISE DA REDE SOCIAL DE ITAPOÃ

Mediante contatos entre pessoas e entidades, forma-se uma rede social com capacidade de recriar-se, construindo e desfazendo laços a cada instante, conforme as necessidades vão surgindo.

O estudo da rede social de Itapoã emprega a metodologia de análise de redes sociais com objetivo de perceber sua formação, coesão, os fluxos de informação e os tipos de relacionamentos existentes entre os membros da rede.

A análise será feita através de sua estrutura. Para Leroy-Pineau (apud MARTELETO, 2001) o conceito de rede tem duas aplicações: a estática e a dinâmica. A utilização estática facilita a compreensão da sociedade ou grupo social a partir de sua estrutura, seus nós, suas ramificações. A dinâmica trabalha a mobilização da rede para gerar insumos ao grupo.

Este estudo utilizou as duas aplicações para entender como se estrutura a rede e como as pessoas do grupo se mobilizam para atender suas necessidades informacionais.

A primeira parte deste trabalho foi identificar os atores participantes da rede social. Os quinze atores foram indicados pelas entrevistas realizadas com os Educadores Sociais (instrutores) da Estação Digital de Itapoã. Essa instituição foi escolhida por desenvolver trabalhos com a comunidade, tendo como enfoque a informação e a comunicação.

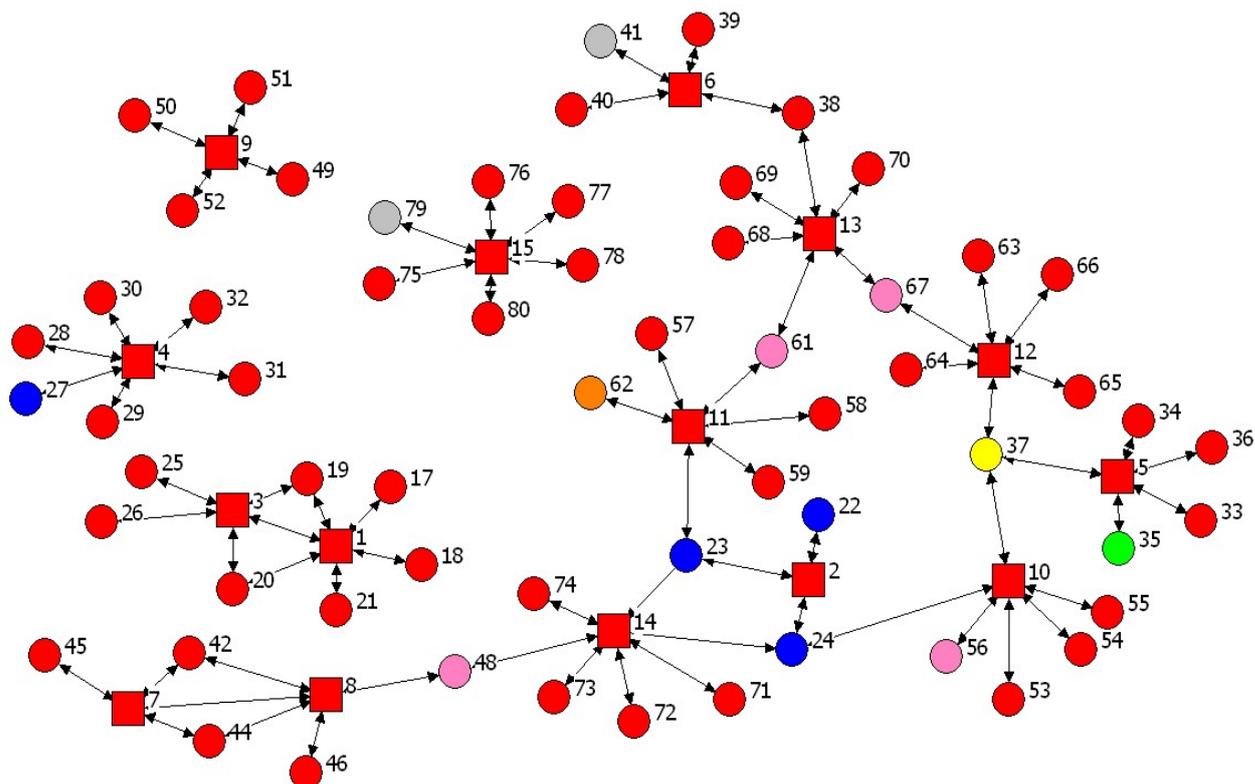
A rede foi traçada a partir do levantamento dos principais problemas sociais da comunidade. Dentre os problemas sociais listados pelos atores sociais no levantamento de dados, os que mais preocupam os moradores são: asfalto, 26,66%, segurança, 24,44%, e emprego, 11,11%.

Os elos da rede foram desenhados a partir da indicação de quatro pessoas com quem o entrevistado manteve contato sobre os três principais problemas sociais listados por ele. Num segundo momento, foi pedido que indicasse duas pessoas que seriam referência para ele sobre aqueles assuntos (personagens-chave).

A lista dos elos (atores e seus contatos) foi categorizada em campos. Os campos considerados foram: comunidade, ong, academia, governo local, rádio comunitária, líderes comunitários e outros (aqui representando igrejas e outras

entidades com vínculos na comunidade). Considerou-se neste estudo a transferência de informação nas relações entre os diferentes campos.

É importante ressaltar que o desenho apresentado a seguir é um recorte da rede social de Itapoã, feita a partir da Estação Digital.



Legenda: ● Academia, ● Comunidade, ● Governo local, ● Líder, ● Ong,
● Rádio comunitária, ● Outros.

Figura 17: Recorte da rede social de Itapoã

No desenho traçado encontra-se um total de 80 elos, 76 nós e 150 ligações. Considerando o potencial de ligações da rede, seria possível estabelecer aproximadamente 6.320 elos no total.

Para Bourdieu (apud ENCARNAÇÃO, 1999) o conjunto de normas de comportamento e de atributos pessoais reconhecidos forma a noção de *habitus*, que representa a posição que o indivíduo ocupa dentro de uma estrutura social. As pessoas interpretam a realidade de acordo com os contratos sociais a que estão sujeitas. Por isso, as pessoas que vivem em uma posição social semelhante tendem a ter objetivos comuns, e a pensar de forma parecida.

Em Itapoã as pessoas entrevistadas têm a mesma percepção da comunidade: um local com graves problemas sociais (falta de asfalto, alta criminalidade, poucos postos de emprego, falta hospital, escola e posto policial) e pouco assistido pelo governo. Contudo, reconhecem que são pouco mobilizados para a participação das atividades do grupo.

Os valores e as regras de conduta em Itapoã ainda não estão claramente estabelecidas. A análise do desenho da rede social de Itapoã é feita a partir dos dados levantados na primeira parte desse trabalho. Como a cidade tem apenas seis anos de existência, as normas, os valores compartilhados e a confiança, que incitam à prática de reciprocidade e confiança mútua e que permitem a cooperação interna, ainda não foram definidos pela comunidade.

A elaboração de normas deve levar em consideração valores entendidos como certos para uma harmonia social, de modo a promover a justiça e a paz através da igualdade.

Os valores humanos variam de acordo com a realidade social em que cada um vive o que faz com que, muitas vezes, certas normas, não tenham sentido ou eficácia para um determinado grupo de pessoas. Porém, este grupo de pessoas, ou melhor, *semelhantes*, pois estes se encontram em uma mesma realidade social, necessitam de normas para se organizarem e conviverem, fazendo com que os mesmos promovam uma “adaptação” das estruturas sociais existentes à realidade do grupo.

Os valores sociais e as regras de conduta levam tempo para serem construídas dentro de um grupo. É necessário que alguém, provavelmente algum líder comunitário, ou alguma instituição, intervenha no processo de integração das pessoas. Como Itapoã existe a aproximadamente seis anos, ainda não houve tempo suficiente para estabelecer os valores e regras.

Em comunidades mais antigas, os grupos vão criando formas de se organizar e atuar com base nas necessidades emergentes. Associações, grupos culturais e de apoio social são criados pelos moradores para suprir a falta de investimento do governo na resolução dos problemas locais.

Outra forma de participação é a cultural. Cada grupo possui valores e crenças próprios e costumam reunir-se em ocasiões especiais para confraternizar. No caso de Itapoã, a única festividade que reúne os membros da comunidade é o aniversário da cidade, organizado pela Administração local. Existem grupos que

desenvolvem trabalhos de dança, apresentações culturais, porém são casos isolados e pouco conhecidos.

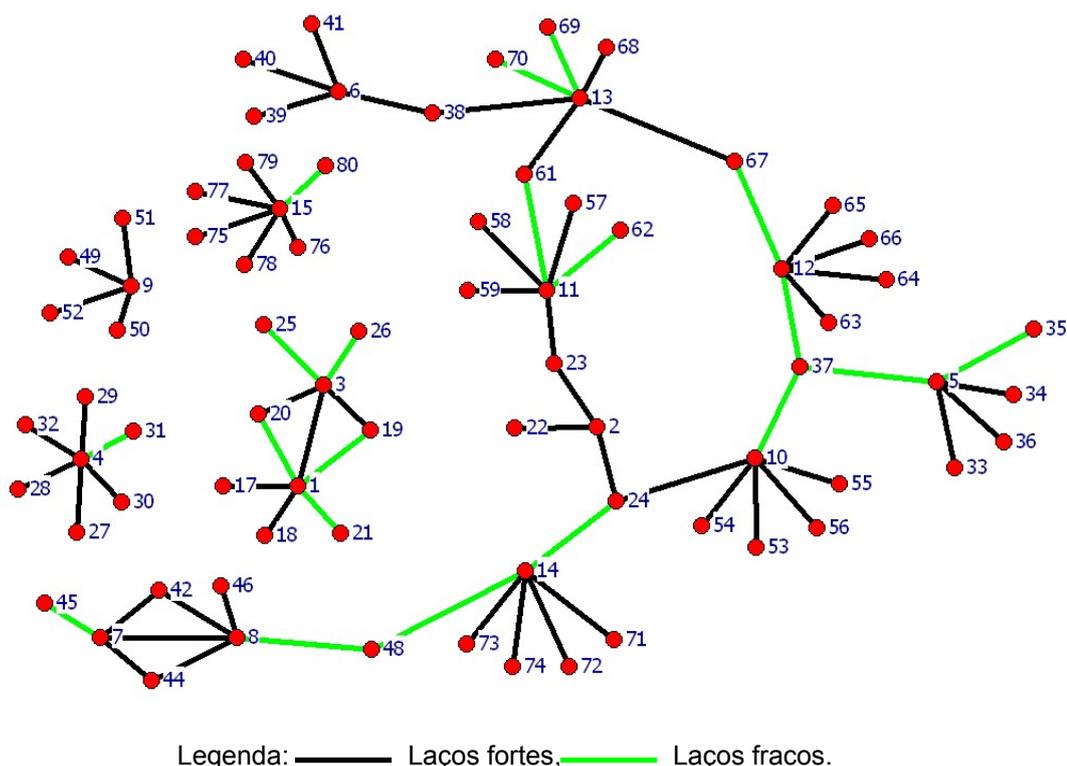


Figura 18: Representação dos laços da rede social de Itapoã

Para analisar o relacionamento entre os elos da rede, foi traçado o desenho dos laços da rede social.

A força de um laço, segundo o autor, é a combinação da quantidade de tempo, a intensidade emocional, a intimidade (confiança mútua) e os serviços recíprocos que caracterizam uma relação. Para tanto, são identificados os laços fortes, fracos e ausentes (GRANOVETTER, 1973).

Sob a ótica do indivíduo, os laços fracos são importante recurso para a mobilidade, visto que os laços fracos têm a função de efetuar a coesão social. Os laços fracos permitem ligar membros de grupos pequenos diferentes, enquanto os laços fortes concentram-se nos seu grupo particular. Os laços fortes envolvem mais tempo de compromisso. Quanto mais laços fortes, mais densa será a rede (GRANOVETTER, 1973).

A análise da coesão entre indivíduos e subgrupos é mensurada pela afinidade existente entre seus membros para que os vínculos possam estabelecer-se. A coesão da rede é mensurada pela análise da figura 17.

Existe reciprocidade dos laços, pois muitos elos possuem ligações mútuas. Esse dado pode ser validado porque a maioria dos laços entre os atores é forte, ou seja, existe cumplicidade entre os membros de cada subgrupo. Apesar das ligações dentro dos subgrupos, entre eles existem poucas ligações. Neste caso as ligações existentes são feitas, em sua maioria, pelos líderes comunitários e pela Ong – representada pelo projeto point Casa Brasil.

Como proposto na metodologia de análise de redes sociais, a análise da coesão da rede social é focada no estudo dos subgrupos e dos *cliques*. Os *cliques* são identificados pela relação de proximidade entre os membros da rede. Cada *clique* tem no mínimo três nós. Foram identificados 04 *cliques* no recorte em estudo. Os cliques formados na rede foram: 1, 3, 19; 1, 3, 20; 7, 8, 42 e 7, 8, 44.

A análise de redes baseada na centralidade é feita medindo a acessibilidade de um determinado ator para os demais atores da rede. Pela centralidade é possível identificar o tamanho da rede, seu padrão de distribuição, ou a interligação entre seus atores.

A centralidade de proximidade (*closeness centrality*) é a relação de proximidade entre os elos. Segundo Marteleto (2001) um ator é tão mais central quanto menor o caminho que ele precisa percorrer para alcançar os outros elos da rede. Isso mede, em última análise, sua independência em relação ao controle de outros. No apêndice G, aparecem as medidas da centralidade de proximidade, segundo o software UCINET. O elo 24, representado pelo instrutor de informática da Escola Bom Jesus – Carlos Henrique se destaca como centralidade de proximidade pela facilidade que possui em transitar por três subgrupos.

A centralidade de intermediação (*betweenness centrality*), segundo Marteleto (2001), é o potencial daqueles que servem de intermediários. Calcula quanto um ator atua como ponte, facilitando o fluxo de informação. Mesmo com poucos elos, um sujeito pode ter papel fundamental na transferência de informação. No apêndice F, aparecem as medidas de centralidade de intermediação, segundo o software UCINET. O elo 14, representado pelo membro da comunidade Malcino Cunha, se destaca como centralidade de intermediação porque faz a ponte entre duas partes extremas da rede.

A centralidade de informação (*information centrality*) define a posição estratégica de um indivíduo que recebe informação vinda da maior parte da rede social. O alto índice de centralidade de informação torna o indivíduo referência dentro da comunidade. No apêndice H, aparecem as medidas de centralidade de informação, segundo o software UCINET. O elo 13, representado pela Maria Aparecida Alves – membro da comunidade – se destaca como centralidade de informação, o que aumenta sua importância na movimentação, comunicação e capacidade de mobilização da rede.

Algumas comunidades possuem maior capacidade de mobilização que outras. A confiança nos líderes e a prática em trabalhar para objetivos comuns permitem a formação de uma organização eficaz.

Outro dado importante é a capacidade do líder em manter contatos intermediários. Esses intermediários, muitas vezes, intercedem junto ao líder a favor de algo ou alguém. Quando o líder não se predispõe a relacionar-se (manter conexão) com indivíduos, direta ou indiretamente, pode ocorrer um fenômeno chamado fragmentação da rede. Esse processo reduz drasticamente os trajetos possíveis do líder a seus seguidores, o que poderia inibir a confiança no líder.

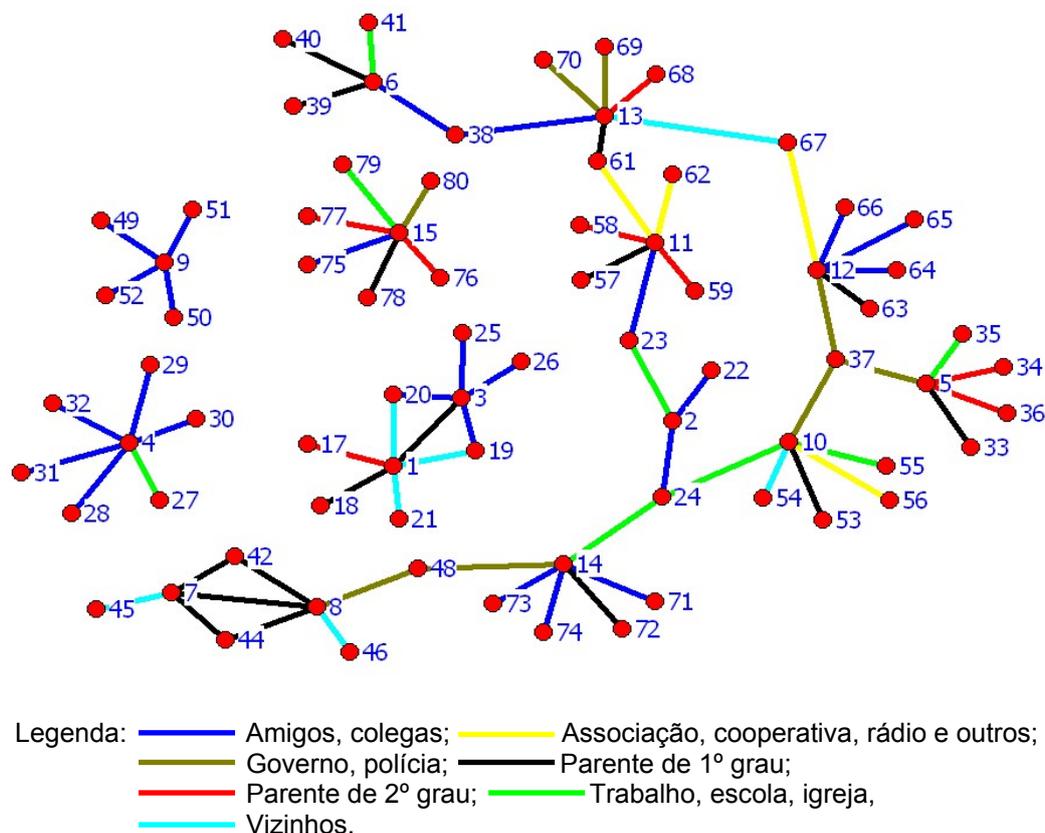


Figura 19: Representação da distância dos elos – graus de afinidade

Na rede social de Itapoã prevalecem os laços fortes aqui representados por parentes e amigos. As pessoas tendem a se relacionar com seu ciclo pessoal, fechando-se em suas redes pessoais. Um exemplo desse comportamento ocorre no Point- Casa Brasil, pois, mesmo sendo atores que fazem parte de uma mesma comunidade e de um mesmo projeto de inclusão digital, muitos não se conhecem ou não se comunicam.

Igualmente importante é o fato de que poucas indicações são comuns aos atores sociais. As indicações múltiplas entre membros da comunidade ocorreram quatro vezes com os números 3, 19, 20 e 38. Quanto à indicação de líderes comunitários, apenas os números 48 e 61 foram indicados duas vezes, enquanto que os números 24 e 37 receberam três indicações cada.

Trata-se de uma rede fragmentada, pois os elos têm poucos contatos com pessoas e entidades, o que permite que a rede vá se formando. Grande parte dos

contatos se dá por via informal que se tornam laços fortes. Como a maioria dos entrevistados é de adultos jovens e existem muitas pessoas desempregadas e estudando, esses podem ser fatores significativos para esse comportamento.

A confiança da comunidade no papel de liderança comunitária é bem restrita. Dentre essas pessoas destacam-se os personagens-chave deste recorte. Apesar de serem conhecidos na comunidade, poucos entrevistados demonstraram reconhecê-los como líderes comunitários. A maioria das pessoas disse não acreditar na existência do líder comunitário, pois muitos deles só aparecem em período eleitoral. Foram identificados quatro líderes comunitários ao todo, porém com poucas ligações com os outros elos.

É virtude de uma comunidade a cooperação entre as partes, na qual o indivíduo encontrará em suas relações vantagens, como ajuda, simpatia e companheirismo dos outros membros da rede. No caso de Itapoã, as relações são muito restritas, o que dificulta bastante o comportamento de cooperação.

Segundo Alice, da rádio comunitária local, ao ser questionada sobre a mobilização das pessoas para as necessidades da comunidade, as pessoas se preocupam com problemas comuns, mas as dificuldades financeiras e de tempo (muitas só chegam à noite do trabalho) as impedem de participar dos processos de interesse comum.

Como a comunidade se comunica pouco internamente, o apoio dos meios de comunicação de massa é imprescindível para a transferência de informação aos membros da comunidade. Os meios de comunicação de massa, mais utilizados pelos atores sociais são: televisão, 93,33%, e rádio, 60%. As fontes de informação de massa são significativamente mais utilizadas que as fontes de informações locais. Das fontes locais, apenas a rádio comunitária é muito utilizada.

Os meios de comunicação comunitários ajudam a integrar grupos e experiências. Eles podem mostrar conhecimentos mais próximos das necessidades da população. O acesso à rádio comunitária tende a ser o canal de comunicação mais eficiente da população de Itapoã, onde é possível, a cada indivíduo, ligar e emitir sua opinião sobre os problemas e situações vivenciados na própria comunidade.

Quando os atores sociais foram questionados sobre as possíveis fontes de informação que utilizariam na comunidade, caso houvesse necessidade, a maioria, 46,66%, buscaria informações na Escola Bom Jesus, e 26,66%, na

Administração Regional. Apesar da credibilidade da Escola Bom Jesus, poucos a utilizam com fonte de informação. Os respondentes afirmaram que 26,66% já buscou informações sobre segurança e emprego e 20% sobre transporte público e escolas. A maioria, 73,33%, nunca buscou informações sobre esses problemas na Escola.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou responder ao objetivo da pesquisa. O emprego da metodologia de análise de redes sociais permitiu reunir elementos que permitissem identificar e analisar a transferência de informação dentro da rede social de Itapoã para a construção do Capital Social local.

Para identificar o processo de transferência de informação dentro da comunidade, foi imprescindível a utilização da metodologia de análise de redes sociais e do software UCINET, que permitiu o esboço da rede. Foi pelo estudo da rede social que as fontes de informação locais foram levantadas e analisadas.

Ao perceber como ocorre o processo de transferência da informação dentro da comunidade, foi possível entender as relações entre os diferentes campos da comunidade e observar como o contexto socioeconômico vai moldando a forma como as pessoas vêem o mundo.

A análise da rede partiu da Estação Digital de Itapoã. Inicialmente, buscou-se levantar dados que permitissem uma análise socioeconômica do local.

Em se tratando de um local conhecido pelo alto índice de violência, desemprego e baixa qualidade de vida, partiu-se então para verificar o papel da Estação digital como facilitadora do acesso às informações sociais relevantes.

Além do objetivo principal, que é disponibilizar o acesso à informação e ministrar cursos de informática aos seus usuários, a estação desenvolve projetos sociais com a comunidade, tais como reforço escolar, oficinas de teatro e artesanato. Isso é possível graças à parceria feita com o projeto Casa Brasil, do Governo Federal. O espaço também é utilizado pela comunidade para reuniões. A cada dois meses, a estação promove um encontro com membros da comunidade para buscar soluções para os seus problemas. Com o projeto de inclusão digital, a estação consegue promover a inclusão social dos seus usuários.

Observou-se que a estação tem credibilidade como fonte de informação social, apesar de ser pouco utilizada para este fim. Identificou-se o potencial da estação digital como fomentadora na construção do capital social de Itapoã. É necessário, para tanto, implementar ações mais precisas para fazer-se mais presente como fonte de informação, não apenas pessoal, mas, principalmente,

comunitária. Isso é um desafio ao projeto, pois, atualmente, a única fonte de informação comunitária reconhecida é a rádio comunitária.

Os meios de informação locais servem para mobilizar e incentivar a participação popular nas tomadas de decisões de interesse comum, criar uma representatividade política que busque, nos órgãos competentes, os investimentos necessários à melhoria da qualidade de vida da comunidade. Se bem empregada, a informação pode desencadear um processo de mudança social na construção de um lugar com qualidade de vida para todos.

As informações nem sempre são encontradas prontas para serem aplicadas. O compartilhamento por parte das instituições e os personagens-chave que atuam como fontes de informação podem estimular o intercâmbio de informação e a mudança de conduta frente às adversidades.

Uma rede social estruturada e coesa permite maior articulação das pessoas e aumenta a possibilidade de contatos em uma rede fechada. Dessa forma, não estabelecem contatos, pois possuem a característica de manutenção dos recursos existentes.

Os laços fracos da rede social de Itapoã devem ser explorados para alcançar novas idéias e possibilitar as mudanças, tornando-se facilitadora do acesso à informação e sua aplicação na resolução dos problemas sociais.

Apesar de prevalecerem os laços fortes nos subgrupos da rede social, Itapoã não é uma comunidade coesa. Seja por falta de estímulo, por descrença nas políticas públicas ou nas ações pontuais para resolução de problemas locais por parte de líderes e /ou instituições, as pessoas tendem a se restringir aos seus subgrupos, postura essa que dificulta o fluxo de informação dentro da comunidade.

A análise de redes baseada na centralidade permite identificar o tamanho de uma rede, seu padrão de distribuição, ou a interligação entre seus atores. No caso de Itapoã, foram calculadas as centralidades de proximidade, intermediação e informação. Acreditava-se que os personagens-chave teriam papel fundamental na transferência de informação da rede social de Itapoã. Como essas pessoas ou entidades não são reconhecidas com expressividade pela comunidade, e por prevalecerem subgrupos na rede social de Itapoã, os atores centrais foram em sua maioria, membros da própria comunidade, que atuam em seus subgrupos.

A conclusão a que se chegou com esse estudo é que a transferência de informação na construção do capital social em Itapoã não é eficaz porque a estrutura social da cidade dificulta esse processo.

Por ser uma cidade relativamente nova, Itapoã possui baixos níveis de capital social, visto que esse é definido pelas normas, valores, instituições e relacionamentos compartilhados, que permitem a cooperação dentro ou entre diferentes grupos sociais.

Como dito no referencial teórico, o estudo de redes sociais é uma ferramenta útil para auxiliar comunidade e governo na solução de problemas socialmente relevantes, valorizando as relações entre as várias instituições e exaltando as relações de poder horizontais, viabilizando assim, a concretização do capital social local. No caso de Itapoã, como as relações são escassas, a capacidade de mobilização fica comprometida bem como a construção do capital social.

Esse fato é comprovado no relato do Sr. João da Silva, fundador da prefeitura comunitária, ao dizer que a mobilização social mais representativa da cidade ocorreu em 2004, reivindicando mais segurança, haja vista que quatro comerciantes locais foram assassinados num único dia. Fora essa manifestação, não há relato de outra mobilização significativa.

As conclusões obtidas pela análise da rede social de Itapoã sugerem alguns estudos futuros:

- Mensurar o impacto da Estação Digital como fonte de informação social ao longo do tempo;
- Aumentar o escopo para analisar outras redes sociais que possuam o projeto Estação Digital e validar o trabalho realizado pela FBB na construção do Capital Social;
- Levantar mecanismos eficazes para melhorar a transferência de informação em comunidades carentes.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Celina Soares D'. **Capital social**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

BARROS, Ricardo Paes de; HENRIQUES, Ricardo; MENDONÇA, Rosane. Inequality and poverty in Brazil: portrait of an unacceptable stability. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 15, n. 42, p.123-142, Feb. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n42/1741.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2007.

BIRD. **No Brasil, pobres continuam mais pobres e ricos ganham mais**. In: BIRD. Relatório aponta crescimento recorde na América Latina. São Paulo: BIRD, 2003. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/2003/10/24/ult261u1498.jhtm>>. Acesso em: 01 mar. 2007.

BOURDIEU, Pierre. Le capital social: notes provisoires. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 31, p. 2-3, 1980.

_____. **O campo econômico**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução Roneide Venâncio Majer. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil 2006**. Disponível em: <<http://www.cetic.br/tic/2006/indicadores-2006.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2007.

COLEMAN, James. Social capital in the creation of human capital. **American Journal of Sociology**, v. 94, 1988.

COSTA, Sérgio Francisco. **Método científico: os caminhos da investigação**. São Paulo: Harbra, 2001.

DAVENPORT, Thomas H. **Ecologia da informação**: porque só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. Tradução Bernadette Siqueira Abrão. São Paulo: Futura, 1998.

DEMO, Pedro. **Educação e conhecimento**: relação necessária, insuficiente e controversa. Petrópolis: Vozes, 2000.

DRUCKER, P. **Sociedade pós-capitalista**. 6. ed. São Paulo: Pioneira, 1997. 187 p.

ENCARNAÇÃO, Juliana Lofêgo. **A transferência da informação em redes de movimentos sociais**: o caso da região da Leopoldina. Rio de Janeiro: IBICT- CNPq, 1999.

ENDLER, Antônio Marcos. **Governo eletrônico**: a internet como ferramenta de gestão dos serviços públicos. Disponível em: <<http://read.adm.ufrgs.br/read14/artigo/artigo1.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2007.

GANDELMAN, Henrique. **De Gutemberg à internet**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GHEMAWAT, Pankaj. **A estratégia e o cenário dos negócios**: textos e casos. Tradução Nivaldo Montingelli Jr. Porto Alegre: Bookman, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRANOVETTER, Mark S., The strength of weak ties. **The American Journal of Sociology**, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, May 1973. Disponível em: <<http://www.jstor.org>>. Acesso em: 18 out. 2005.

IBICT. Mapa da inclusão digital. Brasília: Ibiect, MCT, 2007.

IPEA. **Pesquisa ação social das empresas**. Ipea, 2006. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 06 mar. 2007.

KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. **Princípios de marketing**. Tradução Arlete Símile Marques e Sabrina Cairo. Revisão técnica Dilson Gabriel dos Santos e Francisco J. S. M. Alvarez. 9. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI; Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 3 ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1991.

LE COADIC, Yves François. **A ciência da informação**. Tradução Maria Yêda F. S. de Filgueiras Gomes. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1996.

LÉVY, Pierre. **As árvores de conhecimento**. Tradução Mônica M. Seincman. 2. ed. São Paulo: Ed. Escuta, 2000.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARTELETO, R. M. ; RIBEIRO, L. B. . Informação e construção do conhecimento para a cidadania no terceiro setor. **Informação Sociedade Estudos**, João Pessoa, PB, v. 1, n. 1, p. 57-85, 2001.

_____. Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 30, n. 1, jan./abr. 2001.

_____; SILVA, Antônio Braz de Oliveira e. Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 33, n. 3, p. 41-49, set./dez. 2004.

MASSUDA, Yoneji. **A sociedade da informação como sociedade pós-industrial**. Tradução Kival Charles Weber e Angela Melim. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1982.

MCGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação**: uma análise introdutória. Tradução Helena Vilar de Lemos. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1999.

MICHALSKI, Jerry. What is a virtual community? **New Perspectives Quarterly**, v. 12, n. 2, primavera 1995.

MILANI, Carlos. **Teorias do capital social e desenvolvimento local**: lições a partir da experiência de pintadas. Salvador, Ba: UFBA, 2002.

MIRANDA, Antonio. **Programa GESAC**: resultados do projeto comunitário de Itaguaí- RJ. Disponível em:
<http://www.antonio Miranda.com.br/ciencia_informacao/telebrasil2006.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2007.

_____. Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 29, n. 2, maio/ago. 2000.

_____. **Ciência da informação**: teoria e metodologia de uma área em expansão. Brasília. Thesaurus, 2003.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. 2. ed. São Paulo: Cia. das letras, 1995.

ODDONE, Nancy Elizabeth. **Atividade editorial e ciência da informação**. 1998. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

OLIVEIRA, Cecília Leite. **A revolução tecnológica e a dimensão humana da informação**: a construção de um modelo de mediação. Brasília: UnB, 2003.

RITS. O que são Redes? Disponível em:
<http://www.rits.org.br/redes_teste/rd_oqredes.cfm>. Acesso em: 20 dez. 2006.

SORIANO, Raúl ROJAS. **Manual de pesquisa social**. Tradução Ricardo Rosenbusch. Petrópolis: Vozes, 2004.

SILVA, Antônio Braz de Oliveira et al. Análise de redes sociais como metodologia de apoio para a discussão da interdisciplinaridade na ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 35, n. 1, p. 72-93, jan./abr. 2006.

SILVA, Marcus César Marinho da. **Redes sociais intraorganizacionais informais e gestão**: um estudo nas áreas de manutenção e operação da planta HYCO-8. Salvador, Ba: UFBA, 2003.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Exclusão digital**: a miséria na era da informação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

SORJ, Bernardo. **brasil@povo.com**: a luta contra a desigualdade na sociedade da Informação. Rio de Janeiro: J. Zahar; Brasília: Unesco, 2003.

SOUSA, Paulo de Tarso Costa. **Capital Social e Gestão do Conhecimento**: união responsável socialmente. Datagamazero, revista de Ciência da Informação, v. 07, n. 06, dez / 2006.

TAKAHASHI, Tadao (Org.). **Sociedade da informação no Brasil** : livro verde. Brasília: MCT, 2000.

TAKASE, Sônia. **Impacto da revolução tecnológica na dimensão humana da informação**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

TARAPANOFF, K. (Org.). **Inteligência, informação e conhecimento**: em corporações. Brasília: IBICT, 2006.
TEDESCO. J. C. **Sociedad digital**: del homo sapiens al homodigitalis. Madrid: Alianza, 1999.

TEIXEIRA, João Gabriel Lima Cruz. A cidadania e os meios de comunicação. In. _____. **A construção da cidadania**. Brasília: UnB, 1986. p. 235-268.

UNESCO. **Hacia las sociedades del conocimiento**. Paris: Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura, 2005. Disponível em: <<http://www.unesco.org/publications>>. Acesso em: 20 dez. 2006.

WASSERMAN, Stanley; FAUST, Katherine. **Social network analysis**: methods and applications. Cambridge, New York: Cambridge University, 1994.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevista com o Diretor da Fundação Banco do Brasil

Entrevistado: Marcos Fadanelli

Data: 18 de dezembro de 2005

1) Por que o Banco do Brasil criou a Fundação Banco do Brasil?

O Banco foi criado para contribuir com o desenvolvimento do país no tempo de Império. Sua vocação está ligada ao desenvolvimento, com duplicidade de funções: atuar no mercado, negociar em bolsas de valores, e, além disso, viabilizar as políticas públicas na área de crédito e na área de negócios internacionais.

Em função de sua vocação para contribuição do desenvolvimento social, percebeu a necessidade de criar instrumentos para atuação neste campo. A Fundação Banco do Brasil foi criada para ser um braço do Banco e viabilizar ações sociais que pudessem ter sinergia com o desenvolvimento econômico do banco em cada região.

2) Além de viabilizar, hoje se percebe que a Fundação trabalha, também, com a gestão desses projetos sociais. Sempre foi assim ou é uma nova forma de administrar os projetos?

A Fundação por ser desdobramento de um banco, tinha e tem uma vocação de agência financeira, financiadora de projetos, de fomentar ações através de apoios financeiros. Contudo, tem revisto sua estratégia da gestão, assumindo uma posição de gestora de programas estruturados.

A cada 100 projetos recebidos, atendemos apenas 20%. Atuando com produtos estruturados, a Fundação além de financiadora, atua na mobilização dos agentes da sociedade civil, provocando a mobilização de um capital social em cada comunidade e a emergência de lideranças comunitárias. Ela funciona também como promotora de novas alianças e do envolvimento de outros agentes nesta rede social que vai se organizando para enfrentar as demandas da sociedade. Com isso, a Fundação têm viabilizado o investimento de recursos de outras instituições.

3) Qual o resultado esperado pela Fundação? Qual é o retorno esperado com o investimento em projetos sociais?

A Fundação espera que os projetos sociais, apoiados por ela, melhorem a qualidade de vida das pessoas em cada comunidade, através dos objetivos do projeto na área de geração de renda e de educação. Esperamos sempre que esse projeto tenha um impacto positivo, um caráter transformador, na realidade das pessoas beneficiadas.

4) Quais os critérios considerados na escolha do projeto que a Fundação vai apoiar?

Estamos criando um conjunto de critérios. Já criamos uma matriz de priorização. Ao final, acabamos sendo preparados para atender à demanda. Nós recebemos muita demanda que vêm pelas agências do Banco.

Em geral, o principal critério é atender a comunidades que estão em maior risco de exclusão social. Usamos como indicador o IDH. É esse o fator preponderante da nossa análise.

Outro critério utilizado é a escolha de comunidades onde a Fundação já possui algum projeto. Assim, quanto mais ações articuladas produzirmos em uma comunidade, mais ampla é a contribuição para o desenvolvimento.

5) Como é vista a inclusão social, por meio da inclusão digital? Como surgiu a idéia de participar desse projeto?

Existem vários mecanismos de exclusão social hoje em dia. O problema do mundo digital é um novo *apartheid* social. As pessoas que não têm acesso a esse mundo digital ficam, vetadas a certas possibilidades de cidadania, não só no campo do trabalho, mas, especialmente, em serviços básicos de um cidadão.

Serviços como: certidão negativa de débito eleitoral, CPF e serviços bancários podem ser acessados por meio da internet. Serviços esses que as pessoas de baixa renda não tem acesso.

O projeto de inclusão digital através de políticas públicas adequadas, visa criar o acesso para essas pessoas.

Para tanto, o governo precisa investir para que as infra-estruturas de comunicações cheguem a essas comunidades, facilite a aquisição de computadores.

Todas essas ações articuladas facilitam o acesso ao mundo digital. A Internet é hoje um repositório de informações muito grande para todos cidadãos.

6) Então, o princípio que vocês utilizaram pra fazer esse projeto foi a idéia de o Governo promover acesso aos serviços, ou vocês fizeram um levantamento pela Fundação?

Na verdade a Fundação está vinculada a um Banco público, e ele tem que estar sintonizado com as políticas públicas. É uma preocupação do novo governo criar mecanismos de inclusão digital.

Mas a motivação inicial desse programa na Fundação foi identificar nessa questão uma variável social que era preciso ser enfrentada.

O momento aconteceu quando o Banco foi trocar seu porte de máquinas. Surgiu aí uma oportunidade de disponibilizá-las para a sociedade. Percebemos que apenas doar as máquinas não era suficiente. Então criamos um programa de inclusão digital.

7) Quais são os aspectos facilitadores ao acesso à informação? Disponibilizar tecnologia é suficiente para o usuário?

O primeiro deles, ter educadores sociais qualificados para mediar o contato das pessoas com as TICs e orientá-las de como acessar a informação.

Outro aspecto que facilita muito é o nível de escolarização das pessoas. Acredito que as pessoas com alguma escolarização básica têm mais facilidade. São observações pessoais, que não possuem validação em pesquisas.

Locais onde já existe escolarização, onde as pessoas são mais mobilizadas, já tem uma auto-estima melhor, isso faz com que ela se aproprie mais rapidamente e saiba usufruir dessas tecnologias.

8) Como a Fundação lida com a relação baixa escolaridade e interface dos softwares? Isso não se torna um aspecto dificultador?

Como regra geral isso é uma premissa. Quando a gente quer conversar com alguém, a gente tem que falar uma linguagem que a pessoa entenda.

Então a interface dos programas que os usuários dessa comunidade vão utilizar tem que ser numa linguagem acessível. Contudo, a interface de um software não pode banalizar a capacidade de conhecimento a partir de uma premissa de que o aluno ou o cidadão não tem.

A Fundação concorda com essa premissa, porém, não fez nenhum esforço nesse sentido. Esse é um tipo de pesquisa que a academia vem fazendo, mais adiante se pode analisar as propostas desses estudos.

9) Como a Fundação vê o acesso à informação na consolidação da cidadania?

Acho que principalmente quando o cidadão tem acesso à informação e isso é útil para a vida dele.

Os serviços públicos são direito de todo cidadão.

Quando se nega esse direito a uma parcela da população, estamos excluindo essas pessoas. A inclusão digital confere mais cidadania, pois mais pessoas podem usufruir os direitos.

10) Como a Fundação vê o processo de transferência de informação por meio da Estação Digital? Como esse acesso pode modificar a realidade da população?

Não tenho clareza disso porque nosso contato com a comunidade ainda é meio distante. Agora é que nós vamos começar o acompanhamento, em janeiro. Ainda não temos condições de saber quais são os reais benefícios gerados.

O que posso te dizer é que nas estações digitais onde já estive o maior beneficiado tem sido mais a criança, que tem maior facilidade de aprender manusear o computador. Já para os adultos, o uso de tecnologia está diretamente ligado à possibilidade de melhoria de vida.

11) Qual o processo de avaliação desses impactos para comunidade? Quais os critérios que vocês utilizarão para mensurar esses impactos?

Não foi feita uma avaliação diagnóstica. Na verdade, estamos trabalhando com a premissa que as comunidades que estão sendo atendidas, de fato, precisam (porque lá tem alto índice de exclusão digital).

Estamos priorizando regiões onde o índice de exclusão digital esteja entre os mais altos do país.

A outra avaliação será implantada a partir de janeiro. É uma avaliação de acompanhamento de caráter quantitativo, cujo objetivo é tomar as decisões para aprimoramento, não só pra nós na gestão do programa, mas para melhoria da condução das próprias estações digitais.

São três tipos de decisão básicas de avaliação para nós:

- Diagnóstica: para você começar um projeto (isto nós fizemos lá atrás vendo o mapa da região de exclusão, a necessidade);
- Acompanhamento: para melhorar nossa gestão e o funcionamento da estação;
- Estratégica: será tomada ao final das outras avaliações com premissas a ações futuras.

Queremos avaliar se os objetivos que foram atingidos. E se não foram, quais medidas devem ser tomadas. Queremos indicar as causas de sucesso e insucesso. Através de indicadores, fazer uma avaliação qualitativa daquilo que for quantificável.

Com relação às estações, verificar se o funcionamento está acontecendo como previsto. Será avaliada a gestão da estação. Verificar se eles estão conseguindo estruturar a estação, prestar serviços à comunidade. Avaliar, o impacto desses serviços para os usuários.

12) Vocês vão avaliar os indicadores de gestão da estação digital? Uma outra avaliação seria necessária para avaliar o impacto na comunidade?

O maior foco de atenção está na avaliação interna, e essa é uma política da Fundação. A cada dois anos, fazemos uma avaliação externa de cada programa para mensurar— todas as dimensões de resultados: eficiência, eficácia e objetividade.

13) Como a fundação mensura se o projeto Estação Digital está interferindo no processo de transformação e formação do capital social na comunidade?

Pelo funcionamento da estação digital. Criando mecanismos de gestão na estação, e de um conselho gestor. Como ocorreu em Muiraquitã e em Santarém.

A idéia de se criar um conselho gestor é envolver vários atores da comunidade: delegado, prefeito, gerentes de bancos, pessoal da prefeitura e o pessoal de outras entidades. Na medida em que você envolve essas pessoas, você os compromete com o futuro da estação, eles se articulam não só em relação a essa causa, mas se articulam em outras causas também.

A premissa, é que, quando ajudamos a mobilizar a comunidade em torno da estação digital nós ajudamos para que essa comunidade se mobilize para outras questões.

13) A Fundação apoiaria pesquisas que levantassem os indicadores de impacto sociais?

O objetivo imediato é fazer acompanhamento focado na gestão Os impactos sociais identificados na comunidade serão estudados numa avaliação futura.

Quando essa análise envolve dinheiro público, têm-se bastante cuidado com a escolha dos itens a serem pesquisados. A relação custo x benefício tem que ser muito positiva.

Pretendemos gastar entre 10 e 15% do orçamento anual em acompanhamento dos projetos por que isso faz parte da gestão. A cada dois anos, faremos isso em cada um de nossos programas.

O prazo é decorrente do tipo de avaliação que requer mais tempo e dinheiro. Tem que ser uma avaliação mais participativa, envolver atores da comunidade.

Nós temos hoje alguns indicadores finalizados, mas não podemos perder de vista o objetivo, por isso a metodologia tem que ser coerente para identificar o que chamamos em avaliação de programa (internalidade) positiva e, às vezes, negativa. E essa internalidade não tem como prever a priori.

O que queremos fazer no primeiro momento no estudo exploratório é mapear um conjunto de elementos pra fazer uma avaliação mais quantitativa, uma pesquisa com todos esses conjuntos de usuários, abrangendo um contingente de pessoas mais específicas. A metodologia é construída junto ao avaliador contratado.

APÊNDICE B – Questionário aplicado aos coordenadores estações digitais

UNIVERSIDADE DA BRASÍLIA
Departamento de Ciência da Informação e Documentação
Programa de pós-graduação em Ciência da Informação

QUESTIONÁRIO

Prezado Educador Social,

Este questionário tem com objetivo subsidiar minha pesquisa de Mestrado na Universidade de Brasília, cujo assunto é a transferência de informação das estações digitais para a comunidade. Para tanto, gostaria de sua colaboração no preenchimento das questões a seguir.

Atenciosamente,

Vanessa Coelho Gomes

Nome da Estação digital: _____

Município: _____ UF: _____

Responsável: _____

E-mail do responsável: _____

SERVIÇOS INFORMACIONAIS

1. Quais são os Serviços que a estação digital presta à comunidade:

1. () Educação e treinamento
2. () Acesso à Internet
3. () Palestras e seminários
4. () Serviços de informática (impressão, editoração, diagramação)
5. () Outros. Especificar _____

2. A estação digital possui acesso à Internet?

- () Sim
() Não

3. Marque os serviços de rede mais utilizados na estação digital e sua frequência de uso:

	1. Nunca	2. Poucas vezes	3. Muitas vezes	4. Sempre
<i>E-mail</i>				
<i>Blog/ fotolog</i>				
<i>Comunidade virtual-Orkut</i>				
<i>Ferramentas de busca</i>				
<i>Lista de discussão</i>				
<i>Bate-papo</i>				
<i>MSN</i>				
<i>Governo eletrônico</i>				
<i>Outro. Qual?</i>				

4. Quais são os assuntos mais pesquisados pelos usuários da sua estação digital:

1. () Pesquisas acadêmicas
2. () Emprego / Trabalho
3. () Saúde
4. () Serviços do governo
5. () Agricultura e pecuária
6. () Tecnologia (softwares, eletroeletrônicos, etc)
7. () Lazer (músicas, vídeos, personalidades, etc)

8. () Outros _____

5. Como as informações adquiridas na estação digital ajudam os usuários a resolver seus problemas? (Exemplo: fazem cursos a distância, comunicam-se com seus familiares, prestam serviços, etc)

USUÁRIOS DAS ESTAÇÕES DIGITAIS

6. Qual é o sexo da maioria dos usuários da estação digital?

1. () Feminino
2. () Masculino

7. Qual é a média de idade dos usuários da estação digital?

1. () até 10 anos
2. () 11 a 17 anos
3. () 18 a 25 anos
4. () 26 a 35 anos
5. () 36 a 45 anos
6. () acima de 46 anos

8. Quais as principais ocupações dos usuários da estação digital? Marque as 3 principais.

1. () Estudante
2. () Empregado setor público
3. () Empregado setor privado
4. () Trabalhador doméstico
5. () Trabalho Autônomo
6. () Trabalhador rural
7. () Empregador / empresário
8. () Aposentado
9. () Dona de Casa
10. () Sem ocupação

RELACIONAMENTO ESTAÇÃO DIGITAL E COMUNIDADE

9. Quais são os grupos ou entidades que tem maior participação junto à comunidade? Marque os 5 principais grupos.

1. () Produtores rurais
2. () Associação comercial
3. () Associação de profissionais (de médicos, professores, veterinários)
4. () Comitê gestor do(a) bairro/localidade
5. () Grupos religiosos
6. () Grupos políticos
7. () Grupos culturais (ex. arte, música, teatro, cinema)
8. () Instituição financeira
9. () Grupo educacional (ex. Associação de pais e professores, comitê escolar, esportes)
10. () Biblioteca
11. () ONG ou Ocip
12. () Grupo cívico (ex. Rotary Club, Cruz Vermelha)
13. () Poderes executivo, legislativo e judiciário
14. () Outro _____

10. Quais desses grupos ou entidades possuem algum tipo de relação com a Estação Digital? Qual o tipo de relação? (Entende-se por relação a participação, envolvimento e relacionamento entre entidades que procuram, por meio de parcerias, efetivar resultados positivos para a comunidade local)

11. A estação digital desenvolve projetos sociais na comunidade onde está inserida? (Entende-se por projeto social aquele que envolve práticas sociais e/ou cujos resultados possuem um reconhecido impacto na Sociedade)

1. () Não

2. () Sim. Quais? _____

12. A estação digital se reúne com a comunidade local para tratar de assuntos de interesses comuns: (Entende-se por interesses comuns aqueles que representam as vontades, as necessidades da comunidade)

1. () Não

2. () Sim. Com que frequência? _____

13. Quais são as necessidades que você identifica na comunidade onde está inserida a estação digital?

14. Como a estação digital atua para a resolução dos problemas da comunidade onde está inserida?

15. Como o governo local participa das atividades e da administração da estação digital?

APÊNDICE C – Questionário aplicado aos usuários da estação digital de Itapoã



UNIVERSIDADE DA BRASÍLIA
Departamento de Ciência da Informação e Documentação
Programa de pós-graduação em Ciência da Informação
Mestrado em Gestão da Informação

QUESTIONÁRIO

Prezado Usuário,

Este questionário tem como objetivo subsidiar minha pesquisa de Mestrado na Universidade de Brasília, cujo assunto é a transferência de informação das estações digitais para a comunidade. Para tanto, gostaria de sua colaboração no preenchimento das questões a seguir.

Atenciosamente,

Vanessa Coelho Gomes

1. Por favor, preencha as informações abaixo:

NOME			
OCUPAÇÃO			
TELEFONE			
ENDEREÇO			
E-MAIL			
SEXO	<input type="checkbox"/> Feminino	<input type="checkbox"/> Masculino	IDADE <input type="text"/>

2. Há quanto tempo você mora em Itapoã?

ANOS	<input type="text"/>
MESES	<input type="text"/>

3. Se você pudesse escolher, moraria aqui em Itapoã?

SIM	<input type="text"/>
NÃO	<input type="text"/>

4. Em caso **negativo**, porque você mudaria de Itapoã?

Motivo	Não é importante	Pouco importante	Moderadamente importante	Muito importante	Extremamente importante
Acesso ao trabalho	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Acesso a escolas	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Residência disponível em outro lugar	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Qualidade de vida	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Qualidade da região (bairro, cidade)	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Outro	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

5. Marque as **TRÊS** alternativas que melhor representam os principais problemas da comunidade de Itapoã:

1. () Asfalto
2. () Esgoto
3. () Telefonia
4. () Escolas
5. () Saúde
6. () Segurança
7. () Emprego
8. () Transporte público
9. () Governo local
10. () Outro _____

6. Marque as alternativas que melhor representam os problemas de infra-estrutura de Itapoã:

Problema	Não existe	Insuficiente	Suficiente	Muito Bom
1. Esgoto	Não existe	Insuficiente	Suficiente	Muito Bom
2. Asfalto	Não existe	Insuficiente	Suficiente	Muito Bom
3. Acesso à telefonia	Não existe	Insuficiente	Suficiente	Muito Bom

7. Marque as alternativas que melhor representam os problemas de serviços de Itapoã:

Problema	Não existe	Insuficiente	Suficiente	Muito Bom
4. Escolas públicas	Não existe	Insuficiente	Suficiente	Muito Bom
5. Posto de saúde	Não existe	Insuficiente	Suficiente	Muito Bom
6. Hospital na comunidade	Não existe	Insuficiente	Suficiente	Muito Bom
7. Locais para recreação e lazer	Não existe	Insuficiente	Suficiente	Muito Bom
8. Centros comunitários	Não existe	Insuficiente	Suficiente	Muito Bom
9. Policiamento nas ruas	Não existe	Insuficiente	Suficiente	Muito Bom
10. Posto policial	Não existe	Insuficiente	Suficiente	Muito Bom
11. Transporte público	Não existe	Insuficiente	Suficiente	Muito Bom

8. Avalie os serviços oferecidos à comunidade de Itapoã:

12. Qualidade do ensino público	Ruim	Nem bom nem ruim	Bom	Muito bom
13. Atendimento no posto de saúde	Ruim	Nem bom nem ruim	Bom	Muito bom
14. Qualidade de transporte público	Ruim	Nem bom nem ruim	Bom	Muito bom
15. Investimento em formação profissional	Ruim	Nem bom nem ruim	Bom	Muito bom

9. Avalie os problemas sociais da comunidade de Itapoã:

16. Violência na comunidade	Muito	Moderada	Pouca	Nenhuma
17. Possibilidades de emprego com carteira assinada na comunidade	Não existe	Insuficiente	Suficiente	Muito Bom
18. Interesse do governo Distrital quanto aos problemas enfrentados pela comunidade	Não existe	Insuficiente	Suficiente	Muito Bom
19. Interesse da comunidade pelas pessoas que vivem nela	Não existe	Insuficiente	Suficiente	Muito Bom
20. Outro	Não existe	Insuficiente	Suficiente	Muito Bom

10. Para quais desses problemas você já buscou informação na estação digital?

1. () Asfalto
2. () Esgoto
3. () Telefonia
4. () Escolas
5. () Saúde
6. () Segurança
7. () Emprego
8. () Transporte público
9. () Governo local
10. () Outro _____
11. () Nenhum tipo de informação

11. Quais são as **QUATRO** pessoas da comunidade que você conversa sobre estes problemas:

CONTATO	NOME	GRAU DE AFINIDADE	OCUPAÇÃO
Pessoa 1			
Pessoa 2			
Pessoa 3			
Pessoa 4			

12. Considerando a numeração da questão anterior, com que frequência você interage com essas pessoas?

Contato	Frequência com que interage com essa pessoa					
	Uma vez ao dia	Algumas vezes por semana	Uma vez por semana	Algumas vezes por mês	Uma vez por mês	Menos de uma vez por mês
Pessoa 1						
Pessoa 2						
Pessoa 3						
Pessoa 4						

13. Qual o seu grau de proximidade /afinidade com essas pessoas:

Contato	Interação com essa pessoa			
	Muito próximo (um de seus contatos mais próximos no momento)	Próximo (você gosta de estar com essa pessoa, mas não a considera tão próxima)	Menos próximo (você não se incomoda de estar com essa pessoa, mas não faz questão de ter amizade)	Distante (só tem contato quando é realmente necessário)
Pessoa 1				
Pessoa 2				
Pessoa 3				
Pessoa 4				

14. Quais são as **DUAS** pessoas, que não sejam familiares, em quem você confia quando precisa conversar sobre os problemas da comunidade (exemplo: líder comunitário, médico, padre/pastor, educador social, professor, outros):

Contato	Nome	Ocupação
Pessoa 5		
Pessoa 6		

15. Considerando a numeração acima, com que frequência você interage com essas pessoas?

Contato	Frequência com que interage com essa pessoa					
	Uma vez ao dia	Algumas vezes por semana	Uma vez por semana	Algumas vezes por mês	Uma vez por mês	Menos de uma vez por mês
Pessoa 5						
Pessoa 6						

16. Em quais órgãos, instituições ou entidades você costuma buscar informações sobre os problemas da sua comunidade:

1. () Escola Bom Jesus- Casa Brasil
2. () Escolas públicas da região
3. () Posto de saúde
4. () Posto policial
5. () Administração regional
6. () Igreja
7. () Outro _____
8. () Nenhum lugar

17. Como você avalia a participação das pessoas nas atividades da comunidade?

1. () Grande participação (as pessoas participam ativamente das atividades comunitárias)
2. () Pouca participação (as pessoas participam pouco das atividades comunitárias)
3. () Não existe participação (as pessoas não participam das atividades comunitárias)

18. Você acredita que a Inclusão Digital pode:

Benefícios	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Sempre
Promover a inclusão social.				
Melhorar as condições de vida da região ou comunidade com ajuda da tecnologia.				
Atenuar ou superar as disparidades regionais promovendo desenvolvimento da comunidade.				
Promover a interação entre as comunidades, respeitando sua identidade e as diferenças culturais.				
Facilitar o acesso à Informação e Conteúdos.				
Promover o acesso aos Serviços Públicos do Governo Local e Federal.				
Outro				

19. Em que a estação digital mais te ajuda?

Benefícios	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Sempre
Promove o desenvolvimento e o fortalecimento de projetos comunitários				
Promove prestação de serviços na área social				
Capacita no uso de tecnologias				
Trocar informações pela internet				
Capacitação profissional e inserção no mercado de trabalho				
Auxilia no acesso à informação				
Outro				

20. Quais são os **DOIS** meios de comunicação que você mais utiliza como fonte de informação?

1. () Televisão
2. () Rádio
3. () Correio
4. () Internet
5. () Jornal
6. () Revista
7. () Outro _____

APÊNDICE D – Roteiro da Entrevista feita com pessoas-chave da comunidade

1. Quais são as entidades mais atuantes na comunidade de Itapoã?
 - a. Identificar a existência
 - b. Papel desempenhado
 - c. Credibilidade
2. Quem são as lideranças comunitárias reconhecidas pela população?
 - a. Identificar a existência
 - b. Papéis desempenhados
 - c. Confiança da comunidade
3. A comunidade participa das ações comuns?
 - a. Participação em eventos sociais
 - b. Participação na resolução dos problemas sociais
 - c. Confiança mútua
 - d. Gerenciamento da estrutura social

APÊNDICE E – Lista dos atores da rede social de Itapoã

Nº	Nome do entrevistado	Campo	Ocupação	Nº elo	Elo	Campo	Ocupação	Laço
01	Francisca Alves de Araújo	comunidade	estudante	16	Maria Izabete	comunidade	Dona de casa	forte
				17	José Maria Ferreira	comunidade	caseiro	forte
				18	José Maria Santos	comunidade	diarista	Forte
				19	Sônia	comunidade	manicura	Fraco
				20	Doura	comunidade	cabeleireira	Fraco
21	Ana	comunidade	vendedora	Fraco				
02	Adriana Soares Brito	comunidade	estudante	22	Bruno	ONG	instrutor	Forte
				23	Clécio	ONG	instrutor	Forte
				24	Carlos Henrique	ONG	instrutor	Forte
03	Maria Izabete da Silva Araújo	comunidade	Dona de casa	25	Seuma	comunidade	Dona de casa	Fraco
				26	Reginaldo			
				19	Sônia	comunidade	manicura	Forte
20	Doura	comunidade	cabeleireira	Forte				
04	Márcia Regina Pereira dos Santos	comunidade	estudante	27	Marcos Martins	ONG	Instrutor	Forte
				28	Suzane	comunidade	estudante	Forte
				29	Erinalva	comunidade	estudante	Forte
				30	Ivonete	comunidade	doméstica	Forte
				31	Ilzamar	comunidade	doméstica	Fraco
32	Beatriz	Comunidade	estudante	Forte				
05	Francisco Romário	comunidade	Estudante	33	Francisca A. Santos	comunidade	Dona de casa	Forte
				34	Maria Helena	comunidade	doméstica	Forte
				35	Alzira	Academia	professora	Fraco
				36	Luiz Alves	comunidade	limpeza	Forte
				37	Marco Aurélio	Governo	administrador	Fraco
06	Betânia Fernandes da Silva	comunidade	Dona de casa	38	Francisca	comunidade	doméstica	Forte
				39	Gilmar	comunidade	militar	Forte
				40	Zilda	comunidade	doméstica	Forte
				41	Ronaldo	outro	pastor	Forte
				42	Mª Madalena	comunidade	Cuida criança	Forte
07	Daniela Bílio dos Santos	comunidade	estudante	43	Juliana	comunidade	estudante	Forte
				44	José Celestino	comunidade	jardineiro	Forte
				45	Eliana	comunidade	caixa	Fraco
				46	Ana Lúcia	comunidade	doméstica	Forte
				44	José Celestino	comunidade	jardineiro	forte
08	Juliana Bílio dos Santos	comunidade	estudante	42	Mª Madalena	comunidade	Cuida criança	Forte
				47	Daniela	comunidade	desempregada	Forte
				48	João	governo	gerente	Fraco
				49	Ivonildo	comunidade	motorista	Forte
				50	Gilberto	comunidade	vigia	Forte
09	Everton Barreto	comunidade	estudante	51	Anísio	comunidade	pedreiro	Forte
				52	Valdo	comunidade	carpinteiro	Forte
				53	Alessandra	comunidade	secretária	Forte
				24	Carlos Henrique	ONG	instrutor	Forte
				54	Luiz	comunidade	feirante	Forte
10	Raimundo Nonato de Lima	comunidade	Prof. Ed. física	55	Wagner	comunidade	comerciário	Forte
				56	Mário	comunidade	Líder comunitário	Forte
				37	Marco Aurélio	Governo	administrador	Fraco
				57	Marlene Gomes	comunidade	Dona de casa	Forte
				58	Mª Martilde	comunidade	Dona de casa	Forte
11	Jefferson Gomes Leão	ONG	Auxiliar biblioteca	59	Nelson Leão	comunidade	desempregado	Forte
				60	Clécio	ONG	instrutor	Forte
				61	Brito	comunidade	líder	Fraco
				62	Alice	outro	locutora	Fraco

12	Josirlei Amador	comunidade	Cobrador de van	63	Joselito	comunidade	COTAIP	Forte
				64	Luiz Carlos	comunidade	desempregado	Forte
				65	Júnior	comunidade	comerciário	Forte
				66	Francisco	comunidade	pedreiro	Forte
				67	Ênio de Paula	comunidade	Presidente COTAIP	Fraco
				37	Marco Aurélio	Governo	administrador	Fraco
13	Maria Aparecida Alves	comunidade	desempregada	61	Brito	comunidade	líder	Forte
				67	Ênio de Paula	comunidade	Presidente COTAIP	Forte
				38	Francisca	comunidade	doméstica	Forte
				68	Márcia	comunidade	desempregada	Forte
				69	Janine	comunidade	Policia civil	Fraco
				70	Gladson	comunidade	Policia civil	Fraco
14	Malcino Cunha	comunidade	vigilante	71	José Aparecido	comunidade	vigilante	Forte
				72	Elizabeth	comunidade	garçonete	Forte
				73	Genivaldo	comunidade	vigilante	Forte
				74	Alan	comunidade	militar	Forte
				48	João	governo	gerente	Fraco
				24	Carlos Henrique	ONG	instrutor	Fraco
15	Francilaneide Andrade Leite	comunidade	desempregada	75	Edilene	comunidade	Dona de casa	Forte
				76	Lúcia	comunidade	Dona de casa	Forte
				77	Maria Luiza	comunidade	Dona de casa	Forte
				78	Francimar	comunidade	doméstica	Forte
				79	Bárbara	outro	igreja	Forte
				80	Célia	Comunidade	Ex-administradora	Fraco

Observação: os elos azuis são aqueles considerados pelo entrevistado como fonte de informação.

APÊNDICE F – Betweenness Centrality

FREEMAN BETWEENNESS CENTRALITY

Input dataset: "C:\Documents and Settings\VAN\Desktop\Dissertação\Material\Rede de Relacionamento\Atores Sociais

Important note: this routine binarizes but does NOT symmetrize.

Un-normalized centralization: 62122.665

	1	2
Betweenness	n	Betweenness
14 14	897.833	14.570
13 13	823.333	13.361
10 10	786.333	12.761
37 37	777.500	12.618
24 24	766.667	12.442
23 23	721.333	11.706
12 12	694.667	11.273
11 11	670.500	10.881
2 2	509.333	8.266
48 48	492.000	7.984
67 67	484.833	7.868
61 61	451.667	7.330
8 8	429.000	6.962
5 5	356.000	5.777
38 38	344.000	5.583
6 6	270.000	4.382
7 7	93.000	1.509
1 1	37.000	0.600
15 15	30.000	0.487
4 4	30.000	0.487
3 3	27.000	0.438
9 9	12.000	0.195
16 16	0.000	0.000
20 20	0.000	0.000
25 25	0.000	0.000
19 19	0.000	0.000
22 22	0.000	0.000
26 26	0.000	0.000
29 29	0.000	0.000
30 30	0.000	0.000
31 31	0.000	0.000
32 32	0.000	0.000
33 33	0.000	0.000
34 34	0.000	0.000
35 35	0.000	0.000
36 36	0.000	0.000
17 17	0.000	0.000
18 18	0.000	0.000
39 39	0.000	0.000
40 40	0.000	0.000
41 41	0.000	0.000
42 42	0.000	0.000
43 43	0.000	0.000
44 44	0.000	0.000
45 45	0.000	0.000
46 46	0.000	0.000
47 47	0.000	0.000
28 28	0.000	0.000

49 49	0.000	0.000
50 50	0.000	0.000
51 51	0.000	0.000
52 52	0.000	0.000
53 53	0.000	0.000
54 54	0.000	0.000
55 55	0.000	0.000
56 56	0.000	0.000
57 57	0.000	0.000
58 58	0.000	0.000
59 59	0.000	0.000
60 60	0.000	0.000
21 21	0.000	0.000
62 62	0.000	0.000
63 63	0.000	0.000
64 64	0.000	0.000
65 65	0.000	0.000
66 66	0.000	0.000
27 27	0.000	0.000
68 68	0.000	0.000
69 69	0.000	0.000
70 70	0.000	0.000
71 71	0.000	0.000
72 72	0.000	0.000
73 73	0.000	0.000
74 74	0.000	0.000
75 75	0.000	0.000
76 76	0.000	0.000
77 77	0.000	0.000
78 78	0.000	0.000
79 79	0.000	0.000
80 80	0.000	0.000

DESCRIPTIVE STATISTICS FOR EACH MEASURE

	1	2
	Betweenness	nBetweenness
1 Mean	121.300	1.969
2 Std Dev	250.629	4.067
3 Sum	9704.000	157.481
4 Variance	62814.996	16.543
5 SSQ	6202295.000	1633.462
6 MCSSQ	5025199.500	1323.457
7 Euc Norm	2490.441	40.416
8 Minimum	0.000	0.000
9 Maximum	897.833	14.570

Network Centralization Index = 12.76%

Output actor-by-centrality measure matrix saved as dataset C:\Documents and Settings\VAN\Desktop\Dissertação\Material\Rede de Relacionamento\CENTRALIDADE\FreemanBetweenness

Running time: 00:00:01

Output generated: 19 jun 07 14:53:47

Copyright (c) 1999-2005 Analytic Technologies

APÊNDICE G – Closeness Centrality

CLOSENESS CENTRALITY

Input dataset: C:\Documents and Settings\VAN\Desktop\Dissertação\Material\Rede de Relacionamento\Atores Sociais

Method: All paths

Note: Data not symmetric, therefore separate in-closeness & out-closeness computed.

WARNING: Data matrix dichotomized such that $X_{ij} > 0$ was recoded to 1

The network is not connected. Technically, closeness centrality cannot be computed, as there are infinite distances.

Closeness Centrality Measures

	1	2	3	4	
	inFarness	outFarness	inCloseness	outCloseness	
24 24	2820.667	2870.333	2.801	2.752	
14 14	2834.333	2834.333	2.787	2.787	
13 13	2839.333	2842.999	2.782	2.779	
11 11	2855.000	2860.000	2.767	2.762	
37 37	2859.000	2855.667	2.763	2.766	
12 12	2863.667	2866.000	2.759	2.756	
10 10	2864.000	2855.000	2.758	2.767	
48 48	2868.333	2868.333	2.754	2.754	
23 23	2870.333	2816.666	2.752	2.805	
38 38	2877.333	2880.999	2.746	2.742	
71 71	2880.333	2880.333	2.743	2.743	
72 72	2880.333	2880.333	2.743	2.743	
73 73	2880.333	2880.333	2.743	2.743	
74 74	2880.333	2880.333	2.743	2.743	
61 61	2880.667	2888.334	2.742	2.735	
70 70	2885.333	2888.999	2.738	2.735	
69 69	2885.333	2888.999	2.738	2.735	
68 68	2885.333	2888.999	2.738	2.735	
2 2	2888.001	2884.000	2.735	2.739	
67 67	2888.333	2888.000	2.735	2.735	
5 5	2897.000	2893.667	2.727	2.730	
59 59	2901.000	2906.000	2.723	2.719	
57 57	2901.000	2906.000	2.723	2.719	
62 62	2901.000	2906.000	2.723	2.719	
58 58	2901.000	2906.000	2.723	2.719	
8 8	2904.333	2904.333	2.720	2.720	
64 64	2909.667	2912.000	2.715	2.713	
66 66	2909.667	2912.000	2.715	2.713	
63 63	2909.667	2912.000	2.715	2.713	
65 65	2909.667	2912.000	2.715	2.713	
56 56	2910.000	2901.000	2.715	2.723	
54 54	2910.000	2901.000	2.715	2.723	
55 55	2910.000	2901.000	2.715	2.723	
53 53	2910.000	2901.000	2.715	2.723	
6 6	2917.333	2920.999	2.708	2.705	
22 22	2934.001	2930.000	2.693	2.696	
36 36	2943.000	2939.667	2.684	2.687	
35 35	2943.000	2939.667	2.684	2.687	
34 34	2943.000	2939.667	2.684	2.687	
33 33	2943.000	2939.667	2.684	2.687	
46 46	2950.333	2950.333	2.678	2.678	
39 39	2963.333	2966.999	2.666	2.663	

40	40	2963.333	2966.999	2.666	2.663
41	41	2963.333	2966.999	2.666	2.663
7	7	2974.335	2974.335	2.656	2.656
42	42	2991.500	2991.500	2.641	2.641
44	44	2991.500	2991.500	2.641	2.641
45	45	3020.335	3020.335	2.616	2.616
1	1	5694.000	5694.000	1.387	1.387
3	3	5695.667	5695.667	1.387	1.387
21	21	5701.000	5701.000	1.386	1.386
17	17	5701.000	5701.000	1.386	1.386
18	18	5701.000	5701.000	1.386	1.386
19	19	5701.500	5701.500	1.386	1.386
20	20	5701.500	5701.500	1.386	1.386
25	25	5702.667	5702.667	1.385	1.385
26	26	5702.667	5702.667	1.385	1.385
15	15	5846.000	5846.000	1.351	1.351
4	4	5846.000	5846.000	1.351	1.351
30	30	5851.000	5851.000	1.350	1.350
27	27	5851.000	5851.000	1.350	1.350
32	32	5851.000	5851.000	1.350	1.350
31	31	5851.000	5851.000	1.350	1.350
29	29	5851.000	5851.000	1.350	1.350
80	80	5851.000	5851.000	1.350	1.350
76	76	5851.000	5851.000	1.350	1.350
77	77	5851.000	5851.000	1.350	1.350
28	28	5851.000	5851.000	1.350	1.350
79	79	5851.000	5851.000	1.350	1.350
75	75	5851.000	5851.000	1.350	1.350
78	78	5851.000	5851.000	1.350	1.350
9	9	6004.000	6004.000	1.316	1.316
51	51	6007.000	6007.000	1.315	1.315
52	52	6007.000	6007.000	1.315	1.315
50	50	6007.000	6007.000	1.315	1.315
49	49	6007.000	6007.000	1.315	1.315
16	16	6320.000	6320.000	1.250	1.250
43	43	6320.000	6320.000	1.250	1.250
47	47	6320.000	6320.000	1.250	1.250
60	60	6320.000	6320.000	1.250	1.250

Statistics

	1	2	3	4	
	inFarness	outFarness	inCloseness	outCloseness	
1	Mean	4100.358	4100.358	2.168	2.168
2	Std Dev	1467.466	1467.467	0.675	0.675
3	Sum	328028.656	328028.656	173.448	173.449
4	Variance	2153456.750	2153460.500	0.456	0.456
5	SSQ	1517311616.000	1517311872.000	412.551	412.552
6	MCSSQ	172276544.000	172276848.000	36.496	36.497
7	Euc Norm	38952.684	38952.688	20.311	20.311
8	Minimum	2820.667	2816.666	1.250	1.250
9	Maximum	6320.000	6320.000	2.801	2.805

Network in-Centralization = 1.29%

Network out-Centralization = 1.30%

Output actor-by-centrality measure matrix saved as dataset C:\Documents and Settings\VAN\Desktop\Dissertação\Material\Rede de Relacionamento\Closeness

APÊNDICE H – Information Centrality

INFORMATION CENTRALITY

Input dataset: "C:\Documents and Settings\VAN\Desktop\Dissertação\Material\Rede de relacionamento\CENTRALIDADE\Atores Sociais-main

Actor Information Centralities

	1	
	Inform	

1 2	0.350	
2 5	0.282	
3 6	0.224	
4 7	0.220	
5 8	0.244	
6 10	0.372	
7 11	0.361	
8 12	0.350	
9 13	0.352	
10 14	0.378	
11 22	0.262	
12 23	0.380	
13 24	0.384	
14 33	0.222	
15 34	0.222	
16 35	0.222	
17 36	0.222	
18 37	0.363	
19 38	0.275	
20 39	0.184	
21 40	0.184	
22 41	0.184	
23 42	0.214	
24 44	0.214	
25 45	0.182	
26 46	0.198	
27 48	0.298	
28 53	0.274	
29 54	0.274	
30 55	0.274	
31 56	0.274	
32 57	0.268	
33 58	0.268	
34 59	0.268	
35 61	0.345	
36 62	0.268	
37 63	0.262	
38 64	0.262	
39 65	0.262	
40 66	0.262	
41 67	0.340	
42 68	0.263	
43 69	0.263	
44 70	0.263	
45 71	0.277	
46 72	0.277	
47 73	0.277	
48 74	0.277	

STATISTICS

		1
		Inform

1	Mean	0.274
2	Std Dev	0.056
3	Sum	13.146
4	Variance	0.003
5	SSQ	3.751
6	MCSSQ	0.151
7	Euc Norm	1.937
8	Minimum	0.182
9	Maximum	0.384

INFORM = Information Centrality

Output actor-by-centrality measure matrix saved as dataset C:\Documents and Settings\VAN\Desktop\Dissertação\Material\Rede de Relacionamento\CENTRALIDADE\CENTRALIDADE DA INFORMAÇÃO

Running time: 00:00:01

Output generated: 02 jul 07 21:24:36

Copyright (c) 1999-2005 Analytic Technologies

ANEXOS

ANEXO A – Reportagem do DFTV sobre Itapoã

Como é viver numa invasão?

Reportagem publicada em 14 de maio de 2007 no site do jornal DF TV-



A reportagem começou dias antes da nossa mudança para as invasões. Acompanhados da produtora Andréa Xavier, fomos às cidades escolhidas: Itapoã e Estrutural.

Mal pusemos o pé no Itapoã, registramos dois flagrantes: no primeiro, policiais militares procuravam os ladrões que tinham roubado uma loja. No segundo, um comerciante contabilizava os prejuízos depois de encontrar o mercadinho arrombado e com sinais de fogo. Mas os seguranças da equipe não tiveram qualquer trabalho.

Conversando com moradores, encontramos aquele que seria o nosso endereço em Itapoã: um apartamento sem móveis. Nada que um bom colchão não resolvesse. As roupas? Ficaram todas nas malas.

Para tornar a experiência o mais real possível, o combinado foi não atravessar os limites da invasão no período de uma semana.

A nossa comida foi comprada no mercadinho mais próximo. O cinegrafista Mário Reis aprovou o preço da carne: “A carne está entre 5 e R\$ 9 o quilo. O preço é bom. Aqui tudo é mais barato!”, observou.

A cozinheira Lindalva foi contratada para preparar as refeições. Ajuda necessária a uma equipe ainda não iniciada na culinária. No Itapoã comi baião-de-dois pela primeira vez.

Primeira manhã na nova casa. A beleza do amanhecer foi coberta por uma densa nuvem de poeira. Logo aprendi: ela não baixa nunca! No segundo dia, já estava doente. Senti na pele o problema da falta de médicos. Fiquei muito gripado e rouco por causa da poeira e precisava de uma consulta. Também não consegui.

Depois de uma nebulização, fôlego renovado! Seguimos no desafio de mostrar a vida como ela é numa invasão.

À noite Itapoã parece uma cidade fantasma. Terminamos o primeiro dia de gravação às 23h. Um dia em que ouvimos muito a palavra violência. O tempo inteiro as pessoas reclamaram de roubos, assaltos, da violência urbana na região.

Um deus-nos-acuda! Haja igreja evangélica! E dois supermercados disputavam fregueses ao som de música sertaneja, no último volume.

No meio da semana, trocamos o Itapoã pela Estrutural. Na partida, a equipe refletiu sobre o que viu. Famílias que levam dois pães para sete, oito pessoas e não têm dinheiro para comprar mais nada. Crianças querendo estudar, mas sem condições de chegar ao colégio.

Passamos às margens da Brasília que todos conhecem e em meia hora chegamos ao novo endereço. A nossa casa ficava bem no centro da Estrutural. De lá, dava para ter uma boa noção de tudo o que acontecia ao redor.

Mas foi circulando pelas vielas, às vezes atrás da polícia, que demos de cara com a realidade da violência. Encontramos o corpo de um jovem, do sexo masculino. Eles são as maiores vítimas da violência urbana.

Outra cena que deixou a equipe chocada: famílias disputando comida no lixão. Biscoitos, castanha, amendoim, lingüiça calabresa, queijo. Tudo que foi encontrado foi aproveitado.

A série de reportagens quer levar você para dentro da invasão, que não é só problema. Nós também encontramos homens e mulheres que não ficam à espera de governos e lutam por uma vida melhor.

Você pode embarcar conosco nessa experiência hoje (14), no DFTV 1ª Edição, que vai ao ar às 12h15. Não perca! Todas as reportagens também serão publicadas aqui no nosso site.

PRIMEIRO DIA DE INVASÃO

A paisagem vai mudando drasticamente do vizinho rico, o Lago Sul, até o Itapoã. Um apartamento, na entrada da invasão, será a nossa casa nos próximos dias. Trouxemos o mínimo necessário.

“O nosso primeiro compromisso é comprar comida e água. Estamos procurando um supermercado no Itapoã mesmo para fazer as compras”, fala o repórter Antônio de Castro.

Marcas mais baratas, poeira, faltam verduras e legumes frescos. No açougue, preços bem menores. Tudo vai para a casa da "Lindalva", baiana talentosa, é ela quem vai preparar as nossas refeições.

Tão logo nos instalamos, fomos conhecer a vizinhança. A dona-de-casa Maria do Rosário fez as honras da casa. “Eu sou do Piauí, mas não tenho coragem de sair daqui para ir morar lá, nunca. Eu amo Brasília, eu amo o Paranoá e o Itapoã principalmente”, diz.

A cidade visitada é o Itapoã, a maior invasão de terras públicas e particulares do Distrito Federal. São 85 mil moradores, a maior parte são nordestinos (44,8%). Fugidos da seca, chegaram com o sonho de uma vida melhor. A falta de moradia e a omissão de governos marcam o começo dessa história, em meados de 2001.

“Cerca de 3.200 famílias lotearam três áreas, sendo duas públicas: DNER e Aeronáutica. E uma particular. No local funcionava um Haras”, trecho de uma reportagem do DFTV, julho de 2001.

“Isso vai dar uma guerra porque ninguém vai sair daqui. Teve gente que nem dormiu aqui fazendo pavio de gasolina pra jogar em quem entrasse aqui”, fala de um invasor para o DFTV, 24/09/2001.

Joaquim Roriz era o governador. “Vocês já estão lá dentro mesmo, né? Tirar, polícia minha não tira”, reportagem do DFTV, 02/10/2001.

Dias depois, alguns confrontos com a polícia. Mas nada que atrapalhasse o avanço da invasão, lembram os pioneiros. “Eu cheguei a me confrontar com a polícia para procurar meus direitos”, lembra o barbeiro, Sebastião Oliveira.



“Eu dormia dentro do carro para poder guardar meu lugar. O fogão ficava dentro do bagageiro do carro para fazer minha comida”, diz Valdertino Alencar, pedreiro.

“O José Edmar tomou a frente de muitas coisas aqui dentro. Chegou até a ser espancado aqui dentro, eu fiquei sabendo. Até o Pedro Barbudo, que chegou a ser preso, nos ajudou muito”, fala Sebastião Oliveira.

“Pedro Barbudo foi preso ontem (09/10/01) às 19h30 perto da casa dele, no Paranoá”, trecho da matéria da repórter Renata Feldmann, no DFTV de 10/10/2001.

“O deputado José Edmar foi preso na fazenda dele, em Formosa, hoje cedo. Outras oito pessoas também foram presas acusadas de pertencerem a uma

das maiores quadrilhas de grilagem de terras públicas, em atividade”, reportagem de Renata Feldmann no DFTV, de 09/07/2003.

Seis anos após o começo da ocupação, 99% das casas recebem água tratada e têm iluminação pública na porta, segundo o governo. A rede de esgoto está chegando e a coleta de lixo é precária. Em 73 km de ruas e avenidas, poeira, muita poeira.

“Hoje eu senti na pele esse problema da falta de médicos. Eu estou muito gripado e rouco por causa da poeira aqui no Itapoã. Eu precisa consultar, mas não consegui”, conta o repórter Antônio de Castro.

“A médica está de atestado. E informaram que não tem nenhuma equipe para atender”, fala uma moradora.

“É raro ter médico. Tinha uma turma que sempre ficava aqui nos atendendo. Mas depois que passou o Natal não tem é mais ninguém”, reclama uma senhora.

“Os dois médicos estão de atestado médico. Um deles volta a trabalhar já nos próximos dias. Eu que sou a enfermeira é que estou respondendo pelo posto”, fala a enfermeira.

Cerca de 52% dos moradores fizeram só o Ensino Fundamental e apenas 0,2% da população tem curso superior. Resultado: os moradores do Itapoã têm a renda mais baixa do Distrito Federal: R\$ 403, por domicílio.

Três mil famílias precisam de alguma ajuda do governo para sobreviver. “Eu recebo o pão e leite. Estou na fila desde as 5h esperando atendimento que começa só às 7h. Eu tenho três filhos, dependo do pão e do leite, por isso venho cedo, preciso chegar cedo para fazer a comida para as crianças ir para escola”, diz Maria José da Costa. “Eu tenho 8 filhos, mas só recebo o benefício de dois. Quando vou procurar o programa para regularizar para os outros filhos, eles dizem que não tem como regularizar, colocar os outros dois para receber”, fala Claudia Silva, dona-de-casa.

Maria das Graças Sales Macedo, 77 anos, caminha meia hora para buscar aqueles que costumam ser os únicos alimentos do dia. “Eu tomo um litro de leite por dia, porque é o jeito eu tomar, né? Para fortalecer os ossos, que eles dizem né? Chego lá em casa, fervo e tomo um copo de leite. Quando dá 12h tomo outro e de noite, outro”, diz a aposentada.



Maria das Graças conta que deixou de receber a Cesta Básica e a Renda Minha e começa a chorar. “Eu choro porque a minha vida está dura de eu viver sofrendo aqui”, diz.

Ao refletirem sobre a rotina, muitos moradores se emocionaram. E nós também. As lágrimas de Dona Maria anteciparam como serão nossos dias morando na invasão.

Nesta terça-feira (15), você verá como as mulheres do Itapoã enfrentam o desemprego. Conhecerá as vítimas da violência e as imagens de um lugar que fica deserto depois das 21h.

SEGUNDO DIA DE INVASÃO

Reportagem publicada em 15 de maio de 2007



Às 21h30, ainda muito cedo e as principais avenidas do Itapoã já vão ficando desertas. “A maioria das pessoas se recolhe cedo. São pais de família que não vão viver na rua, sabem que é perigoso. Eu mesmo só vou à igreja, volto 21h, no máximo, 21h30”, conta o servente, João Lino.

Só nos dois primeiros meses deste ano, a polícia registrou cinco mortes violentas no Itapoã. Famílias marcadas pelo crime têm medo de mostrar o rosto. “Meu filho foi assassinado brutalmente por um colega. Ele tinha feito 24 anos em janeiro. O cara chegou encapuzado, a gente já sabia quem era, e atirou, dizendo que era um assalto”, conta a mãe, que prefere não se identificar.

O outro filho foi preso aos 19 anos. Motivo: a disputa por lotes na invasão. “Vai fazer quatro anos que está preso. Tentei pagar um advogado, mas não deu, o tempo foi passando e deixei rolar”, diz a senhora.

No Itapoã não tem delegacia, nem posto policial. À noite, os ônibus só entram nas da cidade sem os cobradores. “O cobrador fica no terminal por causa dos assaltos. Se entrar corre o risco de ser assaltado. O pessoal chega e mete a arma para cima dele e leva mesmo, pronto. Não fui só eu, a maioria já foi roubada por aqui”, fala Antônio Carlos, motorista.

Em janeiro e fevereiro os roubos aumentaram 20%. Comerciantes trabalham atrás das grades, dia e noite. “Primeiro eu olho para um lado, depois eu

olho para o outro. É assim que a gente faz aqui. Enquanto o ladrão está solto, nós estamos presos. Teve uma vez que estava eu e a outra balconista. Os bandidos colocaram a arma nela e em mim. Enquanto o outro estava no caixa roubando. Ah, a padaria já foi roubada muitas vezes”, enfatiza a comerciante Conceição Barbosa.

“Se o freguês pedir para ver a mercadoria depois de certo horário não tem como. Perco a venda, mas não dá para abrir as portas à noite não. Se abrir é um perigo”, diz o comerciante, José Ferreira.

“A gente é que se sente como prisioneiro”, fala Marismar Teixeira da Silva, vendedora.

“Nós temos que buscar a causa da violência. Um dos problemas se deve a falta de oportunidade, a falta de emprego, se deve a falta de escolas e de esperanças. Por que, quando a pessoa tem esperança, ela nutre aquilo dentro dela e vai correr atrás dos seus objetivos”, fala Major Reinaldo Siqueira, comandante da PM do Paranoá.

Não há pesquisa sobre desemprego no Itapoã. Um sinal da desocupação são os bares, muitos, sempre movimentados. Mas é possível encontrar mulheres, com pouca instrução, mas com muita garra, que enfrentam a falta do emprego formal. “Trabalho aqui no Itapoã há três anos. Eu vendo churrasquinho: R\$ 1 o de carne e o de porco; e R\$ 1,50, o de frango. Em breve, estarei abrindo um restaurante”, afirma Sandra Alves dos Santos, vendedora.

“Eu faço cocada vendo aqui na cidade, faço ainda pastel e é só. Eu não tenho renda”, conta dona Rosalina.

“Eu tenho 30 anos e tenho três filhos para criar: uma de 10 anos, outra de 6 anos e a caçula de 1 ano e 9 meses. Estou aqui lutando para conseguir dar estudo aos meus filhos e comida. Essa roupa eu trago de Planaltina, às vezes as minhas irmãs me dão, traz do Paranoá, Lago Sul, Lago Norte, pego lá para vender. Tem de duas a três peças que sai por R\$ 1. Tem também 10 peças por R\$ 1”, explica Rosely Pereira Oliveira, vendedora.

O ponto comercial da Rosely Oliveira é em um canto de rua. A vendedora não paga aluguel, nem impostos. Mesmo que seja assim, na informalidade, ela, a Sandra e a Rosalina ajudam a movimentar o comércio da cidade. Mais que isso: não esperam a ajuda de governos. Tiram o sustento da família do próprio trabalho.

“Esse sol aqui é só para pessoa que tem coragem que enfrenta. Não é para qualquer um não. Só eu mesmo que encaro. Sou uma pessoa guerreira, ‘lutadeira’. É o meu trabalho, e eu não desisto não”, enfatiza Rosely Pereira Oliveira.

Nesta quarta-feira, dia 16, na terceira reportagem, nossos repórteres embarcam no transporte coletivo do Itapoã e mostram as crianças que não conseguem ir para a escola por falta de ônibus.

TERCEIRO DIA DE INVASÃO

Reportagem publicada em 16 de maio de 2007

João Barbosa é mototaxista no Itapoã. Ele cobra por uma viagem, até o Paranoá, de R\$ 3 a R\$ 5. “Eu trabalho de 20h às 2h, da madrugada. Pego umas 30 corridas por dia. Eu já fui assaltado umas cinco vezes. Mas tem muita gente que trabalha, que vem do Plano e desce no Paranoá. Porque os ônibus não entram aqui no Itapoã. Então, o jeito é pegar um mototaxi ou então uma Kombi”, conta Barbosa.



A "kombinha" - como o transporte é chamado na cidade - já trazia estava lotada, com passageiro em pé. Mas o repórter Antônio de Castro e o cinegrafista Mário Reis se espremeram entre eles para seguir viagem.

“É fundamental, porque a gente não tem transporte. O governo não auxilia os moradores com transporte, fica difícil”, reclama o promotor de vendas, Jeová Sarmiento. “É pouco ônibus no Itapoã. E depois das 22h, eles não rodam mais”, fala um rapaz. “O circular só roda durante o dia e é mais para pegar aluno, vem muito lotado durante o dia. À noite não roda”, conta uma jovem.

“A gente está vindo do serviço. Mas não tem como vir direto para o Itapoã. A gente tem que descer no Paranoá para chegar em casa”, fala Arnício Lopes.

“Eu vou descer perto da minha amiga. A gente vai ficar aqui onde é o pau grande e tem que descer e andar muito. Fica muito distante da nossa casa”, reclama uma mulher.

Poucas kombinhas se arriscam durante o dia porque o governo fecha o cerco contra esse tipo de transporte pirata.



Quando amanhece, os ônibus são disputados aos empurrões. “A gente faz o que pode aqui senhor. A gente quer levar todo mundo. A maioria é criança, que precisa estudar”, fala o motorista João Barbosa

“A gente entra às 7h na escola, mas não tem ônibus. Passou cinco ônibus um atrás do outra, mas tudo lotado. O governo tirou a lotação e tudo piorou. A gente quer chegar na escola no horário certo, mas não tem como. Agora tem que ter mais ônibus”, enfatiza Daniela Francisca de Souza, de 14 anos.

“Já tem quase duas semanas que a minha filha está faltando aula, porque tiraram as lotação e os ônibus pioraram, porque está vindo cheio. E ela está faltando aula todo dia. Isso não tem cabimento”, diz a dona-de-casa, Florisneide Batista da Silva.

“A matéria anda, mas eu fico para trás porque estou sem ir para escola. O pior é que corre o risco de ser reprovado no fim do ano por causa disso. Queremos ônibus, queremos ônibus”, fala Luciana Rodrigues, 15 anos.

Mais um dia que várias crianças não conseguiram embarcar e o jeito é faltar à escola, mais uma vez. Claiton, de 9 anos, e Paulo César, de 11 anos, ainda estão na 2ª série do Ensino Fundamental. “Não tem ônibus. Os meninos ficam esperando por mais de uma hora. Quando passa um vem muito cheio e não param”, reclama o pai de Claiton e Paulo César.

“Minha filha teve que voltar para casa porque não tem condução”, protesta Sonia Dias, vendedora.

“Se o ônibus não parar, nem que eu vá a pé, mas vou para a escola”, diz Raiane Lopes, 6 anos.

Não foi preciso. Raiane conseguiu um lugarzinho em um ônibus, lotado.

Difícil ir para a escola, impossível aproveitar a única piscina da invasão. Inaugurada há quase um ano pela Caesb, com salas de aula e consultórios, ela nunca funcionou. “É só para enfeite. Fizeram isso aí para gastar água mesmo.

Nunca abriu. Já invadiram aí tudo. Os meninos estavam querendo banhar, mas o pessoal não deixou. Mas aí os meninos entraram e foram para a piscina. Mas o pessoal colocou uma cerca elétrica”, contam os meninos.

“Meu nome é Bruno, tenho 13 anos. Eu e meus amigos fizemos um gol, com pedaço de cama, para gente jogar”, diz um garoto.

Onde se tem tão pouco, as crianças mostram que, com um pouco de criatividade, a vida pode ser mais alegre e pode ter sonhos. “Meu nome é Daniele. Tenho 11 anos e quando crescer eu quero ser médica”, disse a menina. “Meu nome é Washington, tenho 12 anos. Quando crescer eu quero ser político”, afirma o garoto.

A Caesb informou que a piscina ainda não foi liberada por problemas burocráticos. Falta o alvará de funcionamento. A previsão é de que, no início do próximo semestre, as primeiras turmas possam usar a piscina. Já a Secretaria de Transportes disse que um projeto está sendo elaborado para ampliação de horários dos ônibus e alteração de rotas no Itapoã.

Reportagem: Antônio de Castro

Produção: Andréa Xavier

Edição: Tânia Costa / Manoel Messias

Imagem: Mário Reis

Disponível em: <<http://dftv.globo.com/Dftv/>>. Acesso em: 15 maio 2007.